

Ex-votos em Congonhas

O resgate de duas coleções

Ex-votos tombados da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

Ex-votos da Coleção Márcia de Moura Castro

Iphan





Ex-votos em



Congonhas

O resgate de duas coleções

Ex-votos tombados da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

Ex-votos da Coleção Márcia de Moura Castro

Iphan



Créditos

Presidenta da República do Brasil
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Jurema Machado

Diretoria do Iphan
Andrey Rosenthal Schlee
Célia Maria Corsino
Estevan Pardi Corrêa
Maria Emília Nascimento Santos

Coordenador Nacional Adjunto do Programa Monumenta
Robson Antônio de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Organização
Rosângela Nuto

Revisão
Letra Guia/Grace Elizabeth e Rosalina Gouveia
Gilka Lemos

Projeto gráfico e diagramação
Raruti Comunicação e Design/Cristiane Dias

Fotos
Miguel Aun
Nelson Kon (p. 20, 123, 124 e 127)

Dados de identificação dos ex-votos e preparação das legendas da Coleção Márcia de Moura Castro
Silvana Cançado Trindade e Carla de Castro Silva

Conservação da Coleção
Carla de Castro Silva (restauradora)
Leonardo A. M. Maciel (assistente)

Este trabalho foi realizado em cooperação com a Representação da Unesco no Brasil.

F941e Frota, Lélia Coelho.
Ex-votos em Congonhas : o resgate de duas coleções / Lélia Coelho Frota, Márcia de Moura Castro. – Brasília, DF : Iphan, 2012.
208 p. : il. ; 26 cm. – (Acervos ; 1)

ISBN: 978-85-7334-230-7

1. Pintura sacra. 2. Arte sacra - Brasil. I. Castro, Márcia de Moura. II. Título. III. Série.

CDD 755

Sumário

07 APRESENTAÇÃO
Marta Suplicy

09 O RESGATE DE DUAS COLEÇÕES
Jurema Machado

13 PARECER SOBRE A AQUISIÇÃO DA COLEÇÃO DE EX-VOTOS MÁRCIA DE MOURA CASTRO
Clara de Andrade Alvim

PARTE 1

17 PROMESSA E MILAGRE NO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS
Lélia Coelho Frota

45 EX-VOTOS DA SALA DOS MILAGRES DO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS

PARTE 2

119 EX-VOTOS MINEIROS – AS TÁBUAS VOTIVAS NO CICLO DO OURO
Márcia de Moura Castro

140 EX-VOTOS DA COLEÇÃO MÁRCIA DE MOURA CASTRO





...Dorce que fes N.ª S.ª de Nazareth a D. Ignacia Custodia
... m.ª m.ª Con fluxo de sangue e valen
... a saude no Anno de 18 7

Apresentação

Dando seguimento à sua política editorial, o Iphan inaugura, com esta edição sobre ex-votos, sua nova coletânea denominada *Acervos.*

Aqui se apresentarão, segundo os idealizadores da série, coleções documentais de diversas naturezas, coleções bibliográficas, de objetos de arte e memória, de materiais resultantes de pesquisas arqueológicas.

A palavra chave a orientar esse novo esforço do Iphan de registro e de difusão do conhecimento sobre o patrimônio cultural brasileiro está, certamente, na ideia de "coleção". O colecionador, como Walter Benjamin nos diz em *Passagens*, é aquele que luta contra a dispersão. É justamente esse o trabalho do patrimônio: lutar contra a dispersão e a fragmentação que impossibilitem a história de continuar sendo contada, relida e reelaborada no tempo presente.

Não só particulares organizam acervos ou coleções. Mesmo quando originárias de ambientes institucionais, as coleções têm em comum o fato de que são mais do que uma simples acumulação de coisas. Elas dizem muito sobre o tempo, as circunstâncias, os olhares e a subjetividade de quem as preservou, das escolhas que fez, dos caminhos que encontrou para ter acesso aos objetos, de como os conservou. Essa trajetória começa muitas vezes ao acaso, quase sempre isolada e introspectiva, até que a importância histórica, científica ou simbólica daquela reunião de objetos alcança uma dimensão tal que escapa ao domínio exclusivo do seu organizador para ganhar definitivamente o espaço público. São esses os casos de final feliz: aqueles cujo percurso vai da introspecção cuidadosa à exteriorização e ao compartilhamento.

Nada mais simbólico do que inaugurar essa série com o tema dos ex-votos, esses objetos frágeis, produzidos no âmbito exclusivamente privado por aquele que agradece pela proteção divina, mas, desde o nascedouro, destinados a ganhar visibilidade como manifestação e difusão da fé. Efêmeros e fadados à dispersão, individualmente podem até dizer pouco, mas reunidos fazem uma belíssima crônica de seu tempo, falam dos medos, das angústias e dos desejos, com tal intensidade e clareza que nenhum relato acadêmico poderia alcançar.

Juntar coisas não para contemplá-las em silêncio, mas para deixar que elas falem. É o que esperamos e nos será proporcionado com a coleção exposta no Memorial de Congonhas.

Detalhe de ex-voto de 1807 (p. 59).

Marta Suplicy

Ministra da Cultura
Dezembro 2012



Milagre q. fez S.ta Ana a Maria Joaq.a de Menezes q. es
tava m.to prigoza de hum parto q. a tinha ungida em agoa benta q.
a mesma Santa Jesuita Com. lhe deo a beber

O RESGATE DE DUAS COLEÇÕES



Detalhe de ex-voto de 1701 (p. 140).

A solidez do Iphan, condição rara em um tempo onde tudo é vorazmente consumido, desde as ideias até as próprias instituições, nos dá a chance de conhecer o que há de mais rico na experiência da continuidade. Não continuidade como sinônimo de conservadorismo, mas como uma trajetória nítida, que dá chance ao acúmulo e torna consistente a ação institucional. Foi exatamente essa a percepção do então presidente do Iphan, Luiz Fernando de Almeida, quando, em meados de 2011, lhe foi apresentada, por intermédio da Unesco a possibilidade de adquirir a coleção de ex-votos da colecionadora Márcia de Moura Castro para destiná-la ao Memorial Congonhas.

Naquele momento, ficou claro que, além da importância da coleção em si, destiná-la a Congonhas, por meio do Memorial que o Iphan estava implantando em parceria com a Prefeitura e a Unesco, seria um passo importante de uma trajetória coerente. Em 1979, o Iphan, dirigido por Aloísio Magalhaes, empreendia um conjunto de medidas de valorização do conjunto tombado de Congonhas, cujo lastro estava naquilo que Aloísio sabia fazer como poucos: buscar na tradição e nos elementos de coesão das comunidades o ponto de partida e de sustentação das medidas de preservação do patrimônio. Em Congonhas, o fenômeno religioso, que tem seu momento de maior exteriorização na peregrinação em devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, era e continua sendo um elo social fortíssimo, mobilizador das celebrações, mas também da defesa que a comunidade faz do seu patrimônio, nada menos do que a obra maior de Aleijadinho no seu apogeu como artista.

Naquele momento em que o Iphan buscava envolver a comunidade no esforço de preservação, Aloísio decidiu adquirir de um colecionador particular um conjunto de 89 tábuas votivas dos séculos XVIII ao XX para destiná-las à Sala dos Milagres, anexa ao Santuário, local onde, a cada ano, são depositados os objetos trazidos pelos romeiros como testemunho de graças alcançadas. Resulta que a sala de ex-votos de Congonhas, reorganizada pelo CNRC – o Centro Nacional de Referências Culturais do Iphan, quando da entrega da coleção à Basílica, tornou-se um testemunho ainda mais completo da continuidade de práticas que se atualizam e se renovam, mantendo suas referências culturais. Em última análise, esse é um atributo que concorre fortemente para a autenticidade do sítio, critério essencial ao seu reconhecimento pela Unesco como Patrimônio Mundial, o que iria ocorrer poucos anos mais tarde, em 1985.

A criação do Memorial Congonhas, projeto que se aproxima da conclusão, resultou da decisão do Iphan de dotar a cidade de um equipamento público capaz de lhe dar maior protagonismo na gestão do seu patrimônio, seja possibilitando que o visitante e a própria comunidade compreendam, em profundidade, todos os valores do sítio, seja internalizando, no ambiente profissional e acadêmico local, conhecimentos sobre a conservação dos monumentos em pedra, tema vital ao acervo escultórico que tanto distingue Congonhas.



São Francisco de Paula, Século XVIII. Têmpera sobre madeira – 22,2 x 29,8 cm

(Há vestígios do papel onde teria sido escrita a legenda)

A coleção de ex-votos de Márcia de Moura Castro, cuidadosamente apresentada nesse livro, ficará exposta no Memorial, completando brilhantemente o acervo de Congonhas. O novo conjunto difere do adquirido em 1979 por ser de procedência mais variada, não restrita a Minas Gerais, por apresentar muitas outras invocações além do Bom Jesus de Matosinhos e por possuir peças esculturais e medalhas, inexistentes na coleção anterior. Estabelece, por meio desses novos elementos, um diálogo entre as tradições presentes em Congonhas e essa quase universal prática dos ex-votos, contribuindo com o esforço do Memorial em relacionar o acervo do Santuário, tanto em termos históricos e artísticos, quanto sociais e culturais, a um contexto que vai muito além das Minas setecentistas.

Este registro, que inaugura a série *Acervos* do Iphan, não estaria completo sem textos importantes que o compõem. O primeiro, um ensaio referencial de Lélia Coelho Frota denominado *Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais,* originalmente publicado em 1981, pela Fundação Nacional Pró-Memória, em livro que relata o resgate das 89 tábuas. Em seguida, Clara de Andrade Alvim, valendo-se de sua experiência de funcionária da Pró-Memória à época e atuante no *Projeto de devolução de ex-votos à comunidade de Congonhas do Campo,* discorre sobre a conveniência de aquisição da coleção Márcia de Moura Castro, à luz da experiência de 1979. Finalmente, temos o privilégio de ter um texto de autoria da própria colecionadora, oportunidade insubstituível de conhecer a sua narrativa sobre a coleção que organizou.

Acreditamos ter percorrido um ciclo completo, da identificação e do resgate das peças à sua devolução a um espaço que é – tanto factual, quanto simbolicamente – seu verdadeiro habitat. Durante a gestão de Luiz Fernando de Almeida, tendo como Ministra da Cultura Ana de Hollanda, o Memorial foi concebido e a coleção adquirida. Para que a história siga sendo contada, esperamos que os registros que compõem essa publicação sejam inspiradores de novas experiências.

Jurema Machado

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional


fragilidade do coitado do Sto Aberrido.

Parecer sobre a aquisição da Coleção de Ex-votos Márcia de Moura Castro

No contexto da realização de um trabalho para a concepção e instalação de um Memorial em Congonhas do Campo em que se pretende associar a divulgação e interpretação do acervo de Congonhas, a pesquisa sobre a conservação dos monumentos em pedra, a difusão das técnicas de escultura nessa matéria, além da valorização da anual romaria ao Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, a coordenação do projeto recebeu, por parte da família da senhora Márcia de Moura Castro, a manifestação de interesse na venda de um importante acervo de ex-votos, de modo a assim conseguir meios para a preservação de sua integridade enquanto conjunto.

A Coleção Márcia de Moura Castro – objeto de estudos e exposições importantes e sempre citada nas pesquisas sobre os ex-votos e arte sacra em geral – é reconhecida pelos especialistas como das mais importantes do Brasil. Aproveitar a presente oportunidade para integrá-la ao precioso acervo de bens culturais reunidos em Congonhas do Campo corresponde quase a uma injunção para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Trata-se, na verdade, de atender à responsabilidade dessa instituição de intervir na etapa final de um processo de salvamento de bens culturais de importância única, que, além de extremamente frágeis, são tão mais valiosos quando reunidos porque, assim, são capazes de dar conta de sua complexa significação.

A maior parte da coleção é constituída por 72 tábuas votivas ou "milagres" pintados, a maioria do século XVIII, embora essa parte da coleção contenha também um bom número do século XIX. Há ex-votos que provêm do próprio Santuário do Bom Jesus; os demais devem ter sido encontrados em outros conventos, capelas ou igrejas de Minas Gerais. Constata-se ainda um número significativo de ex-votos pintados provenientes do Rio de Janeiro, possivelmente de Angra dos Reis, que, diferentemente dos mineiros cujas molduras são caracteristicamente retangulares, têm um suporte extremamente inventivo: às vezes suas bordas são cortadas abruptamente, outras as têm onduladas, outras, ainda, ornamentadas com volutas ou florões.

Parte menos numerosa, mas não menos preciosa da coleção, compõe-se de 36 ex-votos esculpidos em madeira, representando o mais das vezes a parte doente do corpo que foi curada graças à interferência sobrenatural. Há os que por exceção figuram o corpo inteiro do agraciado. A data presumida de sua elaboração é o século XX e seu lugar de procedência, o Nordeste.

Por fim, importa mencionar a presença, na coleção, de uma forma menos usual de ex-votos, os 26 pendentes, a maioria em prata, mas também em latão, que podem representar a parte do corpo recuperada pela graça obtida (imagens de pernas ou olhos); os próprios ofertantes vestidos com indumentárias características ou a devoção invocada, como o Coração de Jesus.

A fragilidade ou fugacidade desses testemunhos de uma prática votiva que provém da antiguidade pagã deve-se à relação ambígua que com eles a Igreja mantinha

Detalhe de ex-voto de 1772 (p. 166).





e que, hoje, parece superada. Através dessa prática, os fiéis como que se relacionavam diretamente com o sobrenatural, dispensando a intermediação dos representantes da Igreja. Essa atitude pareceu, durante muito tempo, às autoridades eclesiásticas, afastar-se de uma desejável espiritualidade e aproximar-se de atitudes profanas como a do recurso à mágica em momentos de extrema necessidade. Por isso os ex-votos eram mantidos nas sacristias, adros e nas chamadas sala de milagres, construídas exatamente para abrigá-los afastados das áreas sagradas. Entretanto, como é sabido, frequentemente esse abrigo era provisório e os ex-votos descartados para dar lugar aos novos, o que demonstra o pouco valor a eles atribuído.

Se, por um lado, sempre se pode registrar a continuidade da romaria ao Santuário do Bom Jesus e a inquebrantável fé nos milagres que anualmente a motivam, por outro lado, às transformações econômico-sociais do país correspondem, naturalmente, mudanças na representação material do ex-voto pintado ou feito em madeira, que tende a ser substituído por fotografias ou peças em cera, posteriormente reaproveitadas para a fabricação de velas.

Cabe lembrar tais circunstâncias para enfatizar o interesse que devemos atribuir à presente possibilidade de aquisição, pelo órgão encarregado da preservação de nosso patrimônio cultural, da coleção Márcia de Moura Castro, que – relevando-se, é claro, o desgaste do tempo – encontra-se em excelente estado de conservação e já se acha, inclusive, documentada em fotos e fichada.

Atendo-nos aos devidos limites deste parecer, devemos, por último, fazer referência à importância da aquisição em pauta como uma complementação perfeita do trabalho para o resgate anterior de outra coleção de ex-votos que estava dispersa e foi reintegrada à Sala de Milagres de Congonhas.

Com efeito, data de 1979 a iniciativa do CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural (posteriormente integrado à Fundação Nacional Pró-Memória e ao Iphan) de sugerir ao Banco do Brasil a aquisição de uma coleção de ex-votos provenientes, em sua maioria, do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, assim como o apoio financeiro para sua devolução ao lugar de origem e à comunidade interessada. Obtida a desejada parceria, conseguiu-se ainda, para a realização do projeto, a colaboração do reitor da Basílica, da prefeitura local, do Iepha/MG – Instituto do Patrimônio Estadual, da Escola de Belas Artes da UFMG e do Centro Artístico Cultural de Congonhas.

Dos trabalhos realizados resultaram: a restauração de 89 ex-votos pintados, provenientes dos séculos XVIII ao XX, e sua reintegração à Sala dos Milagres do Santuário de Congonhas, dentro de uma vitrine que, servindo a sua especial proteção, não destoava do ambiente natural; seu fichamento e tombamento a 10 de dezembro de 1980 pelo Conselho Consultivo do Iphan; a publicação de um catálogo contendo, como apresentação, um estudo importante de Lélia Coelho Frota – *Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas*

Gerais; a realização, pelo cineasta Eduardo Escorel, de um documentário sobre a romaria ao Santuário, intitulado *O Jubileu* e, finalmente – com o apoio do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores –, uma série de cartões postais reproduzindo alguns dos ex-votos mais característicos, cujas matrizes acham-se ainda guardadas nos arquivos do Iphan.

O objetivo final do projeto do CNRC, realizado a partir de um Seminário realizado em Congonhas de 27 a 29 de junho de 1981, estava proposto em processo: devolver a coleção de ex-votos a seu lugar de origem, buscando integrá-la à dinâmica cultural da região e do país.

Nesse sentido, é promissora, para a desejável integração do trabalho do Iphan com a comunidade de Congonhas e com o público em geral, a colaboração que se estabeleceu agora entre o Iphan, a Prefeitura de Congonhas e a Representação da Unesco no Brasil, no sentido de conceber e instalar ali um Memorial cujas iniciativas se somariam às do antigo CNRC, reforçando e multiplicando seus benefícios à cultura local e nacional.

É sabido que o próprio Santuário de Congonhas se originou de uma promessa ao Bom Jesus feita pelo minerador português Feliciano Mendes, que recebeu em 21 de junho de 1757 a permissão do bispo de Mariana para erigir ali uma ermida e a igreja. A tradição de se realizar a peregrinação ao Santuário cresceu, poucos anos depois, e não deixou mais de existir, motivada pela visita e oração nos Passos da Paixão esculpidos em cedro pelo Aleijadinho e pintados por Manuel de Ataíde, assim como pelo apelo à contemplação que fazem as esculturas dos profetas, realizadas no final da vida do genial escultor.

Não há dúvida, pois, de que a aquisição e abrigo da Coleção de Ex-votos Márcia de Moura Castro no futuro Memorial em Congonhas se justifica, correspondendo ao reconhecimento do interesse religioso, histórico, antropológico e artístico contido na prática votiva que continua a existir no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos: assim, a gente do povo – os romeiros – poderá, ao revisitá-los e confirmar a sua fé e a dos antigos, relembrar as vicissitudes atravessadas no dia a dia do trabalho, os perigos enfrentados, o prodígio das doenças curadas. O público local e de outras regiões – leigos e especialistas – terá a oportunidade de admirar e estudar esse acervo raro, representante de uma das manifestações culturais mais intensas e criativas do Brasil que, proveniente de tempos imemoriais e herdada da metrópole portuguesa, tomou aqui feição própria e tratou, principalmente, da história privada dos mais pobres.

Brasília, 06 de outubro de 2011.

*Clara de Andrade Alvim**

* Ex-Coordenadora de Projetos da Fundação Nacional Pró-Memória
Professora aposentada do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. Livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade Católica PUC-RJ.



Parte 1



A coleção de ex-votos tombados da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos é apresentada pelo livro

Promessa e milagre

no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

Lélia Coelho Frota



Prefácio

Encontram-se referenciados neste catálogo os 89 ex-votos ou milagres pintados e depositados, do século XVIII ao XX, em atendimento a graças recebidas, no Santuário e depois Basílica Menor do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais.

Do número total referido, 49 ex-votos permaneceram na Basílica, sob a guarda do seu reitor. Os demais 40, que também procedem da região, foram adquiridos em 1979 pelo Banco do Brasil com a interveniência do então CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural, com a finalidade de serem reintegrados ao notável conjunto dos ex-votos remanescentes na Basílica.

Essa devolução corresponde ao espírito que presidiu o trabalho de reconquista de Congonhas, iniciado em 1957 pelo grupo de restauradores da Dphan, que corrigiu a intervenção de "melhoria" erroneamente adotada anteriormente à ação do órgão, substituindo-a pela orientação exemplar de descobrir a feição primitiva das coisas.

De importância idêntica à da reincorporação física da coleção ao seu local de proveniência, e consequente restabelecimento da harmonia visual entre espaço de culto e imagens votivas, é a restituição, à comunidade, de um elenco de representações coletivas regionais que lhe pertencem de direito. Como se demonstrará, esse conjunto constitui para ela fonte de referência histórica, artística e antropológica, contribuindo para a configuração da organização social, econômica, jurídica e religiosa da população regional ao longo de quase trezentos anos consecutivos.

Esse repertório de significados, em sítio cuja análise é essencial para o entendimento de um capítulo importante da história colonial – que corresponde ao ciclo do ouro –, faz com que lhe reconheçamos, ainda, uma relevância que ultrapassa o limite do regional.

Cada ex-voto do conjunto total indicado foi objeto de cuidadoso restauro pelos técnicos da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, obedecendo às especificações de ficha elaborada pela Fundação Nacional Pró-Memória.

O estado de conservação do conjunto passou a satisfazer, portanto, à exigência de boa integridade física recomendada para o tombamento que, a essa altura, já se impunha como necessário. Foi instruído processo com essa finalidade, que tomou o número 1.039-T-80.

Diante de um primeiro parecer favorável da professora Lygia Martins Costa, ratificado pelo relator do processo, professor Edson Motta, efetivou-se a 10 de dezembro de 1980, pelo Conselho Consultivo da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o tombamento da coleção.

Entre os principais objetivos do tombamento está a preservação natural que este passará a assegurar às referidas tábuas votivas, constituindo garantia contra futuros desvios, roubos e vandalismos. Espaço que favoreça a boa visibilidade dos milagres, no âmbito do próprio templo a que foram remetidos pelos romeiros, pôde ser agora agenciado pela SEC/Pró-Memória. Faculta-se ao mesmo tempo a sua guarda, protegendo-



Capa da primeira edição do livro Promessa e Milagre no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais. *Editado pela Coordenadoria Editorial da Fundação Nacional Pró-Memória em 1981.*

Detalhe de ex-voto de 1867 (p. 87).



Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Foto de Nelson Kon, 2010.

os sob vidro, o que significa ponderável colaboração às autoridades eclesiásticas e à comunidade, incumbidas de zelar por esse patrimônio da religiosidade popular.

Empenho-me, ainda, em enfatizar a maneira exemplar de que se revestiu o encaminhamento do processo de devolução. De fato, neste caso, a SEC e a Pró-Memória – organismos legalmente incumbidos de zelar pela preservação do patrimônio cultural do país – contaram com o apoio de uma entidade financiadora da responsabilidade e importância do Banco do Brasil S.A. e com a colaboração imprescindível das autoridades eclesiásticas e da Prefeitura de Congonhas do Campo, legítimos representantes da comunidade local.

Para a guarda e a conservação desse notável conjunto de pinturas, a igreja e a municipalidade deverão contar com o apoio de um grupo representativo da comunidade, a fim de que se atinja o objetivo de garantir a continuidade das medidas de preservação e divulgação deste e de outros elementos ou fenômenos que compõem o patrimônio cultural de Congonhas.

Como metas já identificadas pela SEC/Pró-Memória em instituições de ensino de Congonhas, está, por exemplo, a integração da cultura local aos processos de educação formal e não formal, a que um ato de devolução dessa natureza pode desde já oferecer subsídios.

A partir dessa iniciativa, pretende ainda a Fundação Nacional Pró-Memória proceder, a exemplo do que se faz hoje em muitos países, ao inventário sistemático (descritivo, analítico, fotográfico) de todas as coleções desse gênero existentes no país.

É claro que tal empreendimento se fará a longo prazo e terá de contar, a exemplo do que se fez em Congonhas, com a colaboração de instituições, autoridades e particulares locais.

Resta-me desejar que a restituição desse extraordinário conjunto a Congonhas possa constituir, além de testemunho do tempo, um incentivo à continuidade das manifestações do espírito criador do povo mineiro.

Aloísio Magalhães
1979

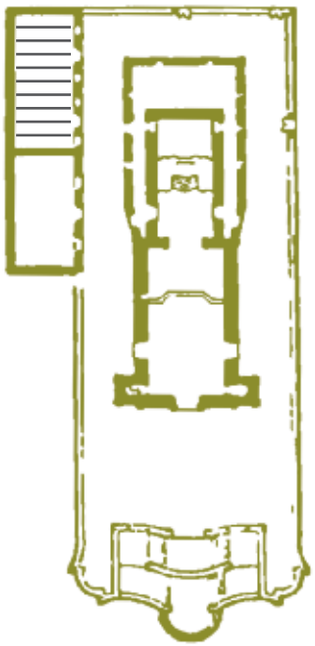


Promessa e milagre

nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais

Promessa e milagre – voto e ex-voto – testemunham a reciprocidade de dons trocados entre o humano e o divino, no plano da organização religiosa. Através de ação corporal e/ou oferta material, o indivíduo agradece à entidade sobrenatural, que o acudiu em momento de vicissitude, o benefício recebido.

Tal procedimento é verificável entre as mais diversas sociedades no curso da história. Das réplicas de membros do corpo humano, observadas nos templos egípcios pelos cronistas contemporâneos, aos textos impressos hoje nas páginas de periódicos brasileiros, cumprindo promessa feita ao Menino Jesus de Praga ou ao Divino Espírito Santo, a prática de voto e ex-voto é constatável através de usos socialmente estabelecidos. V.F.G.A. *(Votum fecit gratiam accepit,* fez um voto e recebeu uma graça) é inscrição frequente na epigrafia romana. O desempenho da promessa revela-se tanto individual como coletivo, quando vemos toda a população da cidade oferecer a Esculápio uma ilha inteira no Tibre, por haver livrado Roma da peste. Ainda em Roma encontra-se o pequeno navio, hoje transformado em fonte, de Santa Maria Alla Navicella, que atesta com inscrição o seu caráter votivo original.



Toda uma secular iconografia serial de ex-votos pintados será localizada na região mediterrânea da Itália, irradiando-se pelas costas da França, Espanha e Portugal. As mesmas iniciais – V.F.G.A. –, constantes das numerosíssimas *tabulae pictae* romanas, se encontram regularmente nas pinturas votivas italianas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, transcrevendo muitas vezes literalmente a frase latina, como registra Cervin (1968:188).

Na Idade Média vê-se francamente disseminada a prática votiva nas representações religiosas católicas. Igrejas e templos menores, erigidos em decorrência de promessa, são contemporâneos das grandes peregrinações que Emile Mâle (1952:26) indica serem forma de culto acrescentadora da iconografia da época, e que possuem estreita vinculação com o cumprimento de votos.

Surgem frequentes retábulos pintados, com o doador agradecendo à divindade a mercê obtida. Ligado comumente ao fato da preservação da vida do ofertante, o ex-voto associa de imediato a ideia de morte, constituindo o paralelismo dessas duas noções um dos grandes pares de categorias antitéticas que presidem a sua expressão. Com a disseminação da pintura a óleo a partir do século

Vista parcial, tomada já no século XXI, dos romeiros se encaminhando para o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, por ocasião do Jubileu. Para atingi-lo, eles atravessam os jardins do Santuário, onde estão as capelas em cujo interior se encontram as imagens esculpidas em cedro por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. No alto, a Igreja do Senhor Bom Jesus, que possui no adro monumental os doze profetas magistralmente executados em pedra-sabão, de 1800 a 1805, pelo escultor ouro-pretense.

Planta baixa da Igreja-Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, onde aparece assinalada a Sala dos Milagres. É neste recinto que os romeiros depõem os ex-votos ou milagres com que cumprem o voto ou promessa feita ao Bom Jesus de Matosinhos pela obtenção das graças recebidas.



Romeiros no Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

XV, as dimensões do ex-voto europeu se reduzem (Gama, 1972:17), o seu uso se multiplica e o vocabulário visual tende a diferenciar-se, conforme os emitentes pertençam à norma culta ou à popular. As modalidades da vivência religiosa do povo, onde o cristianismo campesino engloba o universo da natureza, dos homens e dos animais, sempre foram aceitas pela Igreja, dado o fundamento teológico do Cristo haver cristianizado não somente o presente e o futuro, como também o passado, conforme repara em seu ensaio sobre a fenomenologia do ex-voto Giovanni Battista Bronzini (1977:258). Tal continuidade, que anula o tempo cronológico pelo religioso, faz com que a Igreja avalize as representações materiais da tradição pagã, como é o caso das *picta tabella* V.F.G.A., referidas acima. Soma-se a isso o particular apreço pelo "antigo", manifestado na tradição vulgar. "É sagrado porque antigo", acrescenta Bronzini, explicitando a ratificação dos usos pela reverência à transmissão de uma filosofia perene a permear-se no tempo.

A ideia de preservação da vida remete de imediato à representação do corpo humano. Nos ex-votos pintados



Fila para visita ao Santíssimo. Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

medievais justifica-se, ainda sob a perspectiva católica, a ênfase corporal (presente de maneira negativa em toda a *Ars Moriendi,* nas danças macabras etc.) pela crença do homem ter sido feito à imagem de Deus. Marie Christine Pouchelle (1976:299) expõe que a maior semelhança ou dessemelhança com Deus é assinalável no corpo, se bem que seja, em princípio, de natureza espiritual. O ser humano, microcosmo, atingido pela doença ou pela deformação, põe em desequilíbrio o macrocosmo. Doença, lesões, mutilação testemunham o exílio da humanidade na região da dessemelhança, isto é, do pecado. Portanto, nada há de estranho em que uma inteira aceitação da morte coexista no pensamento medieval com a procura da regeneração do corpo, expressa de maneira concreta nos ex-votos.

Essas anotações interessarão para o avaliar do ex-voto mineiro setecentista que, pelo seu teor de espiritualidade, despojamento e vocabulário simbólico e formal, mostra afinidades com a mentalidade medieval, através de um realismo que tende ao essencial.



Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

Milagres esculpidos, modelados, recortados & outros

Ao lado do ex-voto pintado sobre madeira, flandres ou papel, é indispensável referir, para o caso brasileiro, os esculpidos em madeira, segundo os cânones de uma estética popular sertaneja. Luís da Câmara Cascudo (1962:478) alude aos depositados nos grandes centros de peregrinação de Bom Jesus da Lapa (BA), Canindé (CE) e Abadia (GO). Veríssimo de Mello (1964:17-18) refere os de Patu (RN); Clarival do Prado Valladares (1977), os de Lapinha de Mucujê (BA). Luís Saia (1965:5) analisa a coleção que recolheu em cruzeiros e capelas de beira de estrada, em 1938, nas localidades de Meirim (PE), Tacaratu (PE), Itabaiana, Souza, Patos, Pombal, Areias, Alagoa Grande (PB) e Jaicós (PI), em viagem de estudos para o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, por determinação do seu então diretor, Mário de Andrade. Gilka Correia de Oliveira (1977:49-53) examina o acervo existente no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, pormenorizando a sua procedência nos estados de Pernambuco, Ceará e Paraíba.

Em pesquisa realizada na Basílica de São Francisco das Chagas do Canindé (CE), constatei (1977:12-15) a inalterabilidade, nesse local, do rito de entrega de ex-votos, assim como a permanência, em inúmeras séries de milagres esculpidos em madeira, das características registradas a partir da década de 1930 na coleção Luís Saia.

O ex-voto do sertão nordestino, antropomorfo, zoomorfo, polivisceral ou vegetal, além de esculpido em madeira, aparece ainda modelado em barro e, mais raramente,

com recorte espontâneo em metal prateado ou dourado. Além de representações totais ou parciais do corpo humano ou de um animal em madeira, barro, papel, cera, metal, isopor, podemos encontrar nos santuários, ermidas, capelas e cruzeiros da devoção popular os seguintes milagres*:* joias, espigas de milho, cabelos, óculos, mortalhas, cadeiras de rodas, livros escolares, peças de renda, fotografias, cartas, flores, grandes cruzes de peregrinação, velas, vestidos de noiva, placas com inscrições, mamadeiras, diplomas de formatura, enfim, uma infinidade inesgotável de objetos que corresponde à multiplicidade das situações vividas pelos ofertantes. Um dos mais autorizados e antigos registros da entrega ritual do ex-voto sertanejo nos é fornecido por Euclides da Cunha, que a observou em 1897 por ocasião das romarias às grutas do Bom Jesus da Lapa (1973:165), descrevendo-a mais tarde em *Os sertões:*

> Ora, entre as dádivas que jazem em considerável cópia no chão e às paredes do estranho templo, o visitante observa, de par com imagens e relíquias, um traço sombrio de religiosidade singular: facas e espingardas. O clavinoteiro ali entra, contrito, descoberto. Traz à mão o chapéu de couro, e a arma à bandoleira. Tomba genuflexo, a fronte abatida sobre o chão úmido do calcário transudante... E reza. Sonda longo tempo, batendo no peito, as velhas culpas. Ao cabo cumpre devotamente a promessa que fizera para que lhe fosse favorável o último conflito que travara: entrega ao Bom Jesus o trabuco famoso, tendo na coronha alguns talhos de canivete lembrando o número de mortes cometidas.

É importante frisar que a prática desobrigadora da promessa ou voto, que agrega como elemento material o objeto ofertado, compõe-se, na realidade, de uma vivência que abrange diversos estágios: o momento de vicissitude que originou o voto; a manifestação do sobrenatural; a resolução do impasse; os preparativos para o cumprimento da promessa (encomenda ou execução de objeto pelo miraculado, confecção de vestimenta apropriada para o desempenho ritual etc.); a peregrinação ao centro religioso sob a invocação do orago; e finalmente o momento em que o crente concretiza a sua promessa, no espaço sagrado do templo.

Em Canindé pude observar (1977:12-15) que os pagadores da promessa desobrigadora caminham distâncias enormes pelo sertão, quando não recorrem ao transporte do caminhão, e fazem-se acompanhar de pessoas de sua família para agradecer ao santo a mercê recebida. Romeiros de ambos os sexos se fazem fotografar





Ex-votos corporais da Sala dos Milagres, 2010.

Romeiros no Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

nas ruas laterais à Basílica, para depois ofertar ao Santo a foto. Os fotógrafos ambulantes têm na sua maioria, como fundo para as fotografias, panos pintados a óleo de extraordinária solução plástica, realizados por artistas locais, representando invariavelmente as figuras do Santo e da Basílica de Canindé. A fotografia, que em quase todo o Brasil substituiu ex-votos pintados e esculpidos a partir da década de 1930, deu origem, em Canindé, a novas manifestações artesanais, como é o caso desses painéis de fundo. Também em Congonhas do Campo (MG), essa prática ocorre, conforme atestam fotos datadas de 1979.

A introdução de novos materiais e técnicas industriais como a cera moldada e a fotografia, a modificação do relacionamento com o sobrenatural, que não será mais de pessoa a divindade, sem a mediação do sacerdote, a transformação da cultura local pelos *mass media,* todos esses fatores contribuirão para extinguir dentro de prazo curto a prática do ex-voto modelado, esculpido ou forjado no sertão nordestino.

O hieratismo, a contrição, a solenidade, a extraordinária síntese formal do milagre esculpido ou modelado, numa exposição miticamente radiográfica da polpa recôndita do humano, informam essas figuras tão variadas e tão anônimas, em que predominam as cabeças, as primeiras na hierarquia anatômica de títulos de representatividade, logo seguidas pelas mãos.

Ao lado do colóquio frontal, sagrado e intemporal com a divindade, coexiste o aspecto realista, documental. O biotipo regional nordestino, braquicéfalo, acha-se fielmente fixado. E através da indicação das doenças curadas, mediante estudos sistemáticos, poder-se-á constituir uma rede de referência para o delineamento do quadro de saúde das populações locais.

O ex-voto pintado

As coleções mais antigas do ex-voto português pintado remontam na sua grande parte ao século XVIII, embora Rocha Peixoto (1967:212) e Gama (1972:12) façam referência a notícias de retábulos executados no século XVI, hoje desaparecidos. Robert Smith (1966:5) informa serem da segunda metade do século XVII os exemplares mais antigos que conhece. No Brasil, o ex-voto pintado expandiu-se no Setecentos, no contexto da religião católica, com características composicionais, técnicas e linguísticas de prototipia portuguesa. Denominado popularmente de milagre em Portugal, devido à fórmula inicial de sua legenda (Milagre que fez...), o ex-voto manteve entre nós a nomenclatura metropolitana, com variantes regionais como a "premessa" dos falares caipiras.

Essas tábuas votivas fixaram a representação do ofertante, enfermo no leito devido a moléstia ou acidente, com legenda no terço inferior e divindade figurada no terço superior da composição.

Interessa ainda assinalar que, embora comumente tenha feição popular, algumas vezes o ex-voto pintado apresenta como encomendador e realizador indivíduo da norma erudita. Tal é o caso, por exemplo, da tela do pintor português Domingos Antônio de Sequeira (1768-1837), em Bom Jesus do Monte, que soleniza para um comerciante "o milagre da chegada dum navio de há muito demorado na sua rota da Índia a Lisboa", referido e ilustrado por Rocha Peixoto (1967:191). E também da obra de Félix Émile Taunay (1795-1881), existente no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro (RJ), que narra uma queda de cavalo sofrida pelo imperador Pedro I no ano de 1823 (Maria Augusta M. da Silva, 1971:25). Nesses casos, mais raros



Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

para o período (século XVIII-XIX), tanto o miraculado como o intérprete pertenciam à norma culta.

É igualmente oportuno estabelecer confrontos entre a pintura dos ex-votos, de pequena dimensão, e a decoração monumental da arquitetura religiosa no século XVIII e início do XIX.

Nas Minas Gerais, grande contingente dos artífices coloniais a serviço das irmandades se compunha de negros e mestiços, que viam nos ofícios mecânicos, desprezados pela elite, uma oportunidade de ascensão social. Não seria de estranhar, portanto, que os ex-votos pintados fossem encomendados a artífices mais modestos das corporações, ou mesmo a populares curiosos, aprendizes informais das técnicas artísticas através do acompanhamento dos trabalhos decorativos em curso nas inúmeras igrejas levantadas nas Minas durante o início, o fastígio e a decadência do ciclo do ouro. Mesmo os forros de santuários importantes revelam em sua pintura toda uma estética popular, como é o caso da existente na Capela de N. S. Bom Jesus de Matosinhos, datada de 1796, que Rodrigo Melo Franco de Andrade (1958:13) atribui a Silvestre de Almeida Lopes, responsável pela decoração de grandes igrejas do Serro. E é o próprio Rodrigo que reconhece "uma feição popular" na pintura de Silvestre.

Idêntica feição é observável em inúmeros forros e painéis da produção religiosa do período, que exemplificaremos com as obras reproduzidas por Carlos Del Negro

(1958:21-25), pertencentes à Matriz de Cachoeira do Campo, à Matriz de Nossa Senhora do Rio Vermelho *(ib.,* 128-129), à Matriz de Santa Rita Durão. Isolaríamos em particular as duas últimas, que se amoldam ao nosso tema por narrarem o milagre que fez Nossa Senhora de Nazaré a D. Fuas Roupinho, colaborador do rei Afonso Henrique, que em 14 de setembro de 1182 escapou de cair num precipício, pelo fato de a Virgem haver sustido em pleno ar o seu cavalo, permitindo que se apeasse.



Ex-voto do século XVIII (p. 65).

Luís Jardim (1939:63-102), estudando a pintura decorativa em algumas igrejas antigas das Minas, chama a atenção "para a constância das cores primárias: laranja, amarelo, vermelho, azul, verde, (...) cores, sobretudo o vermelho e o azul, que correspondem não somente ao gosto acentuadamente popular do português como do africano e, de algum modo, do indígena".

Creio interessar para avaliação desses ex-votos pintados de Congonhas demorarmo-nos ainda nesse período de formação de uma cultura regional de matiz nativista nas Minas, onde são menos nítidas, devido ao fenômeno da urbanização, as fronteiras entre a norma popular e a culta no âmbito das artes. Tendo como protótipo um modelo já tardiamente fixado na metrópole, em relação ao resto da Europa, modelo veiculado por sua vez para o Brasil por artistas secundários de maneira acentuadamente popular, como é o caso de Antônio Rodrigues Belo, citado por Rodrigo M. F. de Andrade (1958:13), é natural que a pintura colonial mineira, executada por artífices mestiços e negros, se revista de uma interpretação perspectivista e de um cromatismo espontâneos.

Hoje, desvencilhados dos preconceitos que subalternamente taxavam até bem poucas décadas de "tosco", "acanhado", "grotesco", "disforme" tudo aquilo que não se compatibilizava com as matrizes europeias dos cânones renascentistas de perspectiva, composição e colorido, podemos apreciar na sua justa medida a contribuição real do Brasil Colônia à sua contemporaneidade. Para não recair no extremo oposto, estamos igualmente conscientes dos obstáculos epistemológicos a que alude Jean Cuisenier (1975:109), que devem ser superados para a correta apreciação do popular em arte: a ilusão da "ingenuidade", a crença num certo primitivismo.

No entanto, é essencial considerarmos que esses ex-votos, prolongamento de uma tradição "culta" que já em Portugal possuía cariz popular, refletem, como, aliás, toda arte religiosa do período, a organização social ímpar das cidades do ouro, com o fenômeno da urbanização se opondo ao da ruralização corrente nas demais capitanias. A linguagem visual tende a ser mais uniforme entre os diversos segmentos da população urbana, convivendo num espaço mais concentrado. Devemos, no entanto, reparar que em certos ex-votos setecentistas, nos quais as expressões formais do modelo "culto" predominam, evidencia-se maior realismo, dinamismo e gesticulação, por oposição ao caráter simbólico, místico e hierático das representações de feição popular. É o que acontece, por exemplo, nas tábuas votivas das páginas 52 e 57 – em cima, nas quais um ânimo cenográfico muito ao gosto da época movimenta com elegante maneirismo os personagens.

Já o ex-voto sertanejo esculpido se caracteriza como manifestação particular de culturas agropastoris disseminadas por uma região mais extensa, se bem que de nítidos contornos geográficos e homogeneidade de povoamento, excluindo-se da sua execução elementos de feição contemporânea erudita.

Para confrontar a pintura religiosa de feição popular com a pintura profana, culta, executada na colônia nos séculos XVII e XVIII, recorreremos a Hannah Levi (1945:251-290) que, estudando o retrato colonial, chama a atenção para o caráter tardio, em relação à Europa, da composição do mesmo. Esta nunca se baseia na diagonal, como seria próprio do barroco: é sempre bidimensional, sem movimento ou profundidade. Acrescentando observações que interessarão à análise do ex-voto, Hannah Levi salienta que raramente eram representados nos retratos tanto os aspectos exteriores da paisagem como aqueles interiores da habitação (mobiliário etc.). A aparição de mulheres e crianças era também raríssima. A mulher, discriminada numa sociedade de cunho eminentemente patriarcal, só passou a figurar na pintura culta do século XIX, época em que floresceram os salões na alta sociedade baiana, pernambucana, carioca *(ib.:* 1945). Ora, os ex-votos constituíram exceção a essa regra. A professora Lygia Martins Costa, em parecer favorável ao tombamento desse conjunto de ex-votos, sublinha a contribuição que ele oferece ao estudo do mobiliário de quarto, sobretudo o leito. Atenta a notável especialista para o fato de que:

> o dossel é peça quase obrigatória do leito, retangular em toda a segunda metade do século XVIII. [...] A guarnição é também importante, cobrindo essa armação com rigidez ou não, fechando o leito como uma alcova, com franja superior lisa ou ondulada, rematada ou não a ouro, com cortina singela ou fartamente franzida, de tecido geralmente de cores lisas – vermelho, azul, amarelo, verde, etc. – e poucas vezes estampado. A estrutura do móvel pode ser inteiramente recoberta por essa guarnição ou deixar à mostra os pés, as lanças e os altos remates, de madeira torneada ou entalhada. Ao dossel retangular sucede no início do século XIX o abaulado, que recebe também um remate em seu cume. Ex-voto de 1807 já o acusa, principalmente nas quatro primeiras décadas, sendo pois exceção um de 1898 que assim se apresenta ainda. Também se pode mostrar rígido ou não, com ou sem franja, sem cortinas curtas ou a meia altura, e mais raramente longa, revelando de hábito seus elementos estruturais de madeira em geral torneada. As colchas, que cobrem o doente, num e noutro século são poucas vezes da cor das guarnições, sendo na maioria dos casos contrastantes, lisas ou estampadas, caindo ou não em franja.

Os ex-votos não só oferecem registro costumbrista de mobiliário, indumentária, gestos, como também, talvez por estarem inseridos num espaço social religioso cuja frequência era permitida à mulher, esta é personagem frequente do seu estadear no século XVIII, continuando representada ao longo do Novecentos até os dias de hoje, como seria de se esperar. Será também nas obras votivas de caráter predominantemente consagratório, sem sincronia entre o acontecimento sobrenatural e seu registro pintado, que Clarival do Prado Valladares (1976:16) assinala a presença da paisagem brasileira, no início do Setecentos.

Com exceção do ex-voto marítimo, em que o quadro natural constitui oceano indiscriminado, a paisagem incursionará pelo ex-voto a partir do século XIX, como fundo para o flagrante de acidentes.

O permanente fluxo e refluxo humano entre a metrópole e a colônia permitem-nos indicar ainda uma área de interesse comum para os ex-votos setecentistas brasileiros

e portugueses, que caberá levantar metodicamente, como fonte documental para a antropologia social, a etnologia e a história. Trata-se dos milagres oferecidos por portugueses de volta à sua terra, que escaparam de perigos ou doenças contraídas no Brasil.

Entre os primeiros citaremos dois: o do capitão Luís Coelho Furtado (Lapa, 1967: fig. 12), que vemos atacado pelos guaranis no sertão do Paraná em 1747, e o do capitão Francisco de Souza Pereira *(ib.:* fig. 43), de 1756, "que indo do Recife de Pernambuco para a cidade do Rio de Janeiro com cento e sessenta negros e naltura de catorze graos se bio perseguido dos negros que se lebantarão", cena representada com minúcia e realismo. Tocando o capítulo da escravidão, no caso de Congonhas, há o interessantíssimo exemplo do ex-voto, de 1722 (p. 57 – embaixo), no qual João, escravo de Maria Leme, aparece unicamente com a roupa do corpo, num plano intemporal, varrido de qualquer complemento material, ajoelhado diante da imagem do Bom Jesus de Matosinhos. O milagre apresentado na p. 80, embaixo, também poderá ser oferta votiva de escravo, pela ausência do sobrenome e negritude do enfermo.

Importa assinalar aqui, ainda que de maneira sucinta, a grande e secular vertente do ex-voto pintado relativa a perigos sobrevividos no mar, por intercessão da divindade. A pormenorização das embarcações constitui verdadeiro capítulo descritivo de arte naval, tendo-se originado desses ex-votos o gênero dos chamados "retratos de navio". No Brasil, Clarival do Prado Valladares registrou uma série de ex-votos marítimos que pesquisou nas Igrejas do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Boa Viagem (1967:45-85 e 101), identificando a atuação do notável riscador de milagres João Duarte da Silva (1860-1935).

Os milagres de Congonhas do Campo

A extraordinária coleção de ex-votos que hoje vemos reintegrada ao seu espaço original – caso bem raro na história da arte contemporânea – provém da capela da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Conforme assinalado em notícia histórica sobre a cidade e seu Santuário, no *Manual do Romeiro* editado pela Arquidiocese de Mariana (1977:10-17), em 1734 já se achava criada a paróquia de Congonhas. Em 1745 a mesma fonte indica ter sido a freguesia oficializada pelo poder civil, elevada à categoria jurídica de paróquia colada. Em 1938 ocorreu a criação do município de Congonhas do Campo, desmembrado de Conselheiro Lafaiete. Com uma área de 324 km², Congonhas possui grandes reservas minerais, exploradas industrialmente. Situa-se a 73 km de Belo Horizonte, a quase 900 m de altitude e conta hoje com cerca de 40 mil habitantes. Além do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, que tem lugar de 8 a 14 de setembro, há outras cerimônias importantes no calendário religioso local, como as da Semana Santa, a de São Sebastião e a de Nossa Senhora da Conceição.

Edgard de Cerqueira Falcão (1958:2-22) registra que o próprio Santuário se originou de voto feito pelo minerador português Feliciano Mendes, que, curado de moléstia grave, resolveu edificar igreja em honra do Bom Jesus de Matosinhos, que por ele intercedera. Inúmeros são os exemplos, através dos tempos, de arquitetura como ex-voto; no Brasil, entre outros, citarei as primitivas igrejas da Candelária (Valladares, 1967:97) e da Penha (Mello Moraes, Filho, 1967:178).



Comercialização de objetos ligados ao culto católico, no Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

Começou Feliciano Mendes por erigir uma cruz nos extremos do arraial de Congonhas do Campo. Em 21 de junho de 1757 recebeu permissão do bispo de Mariana para aí elevar ermida e igreja. A licença régia datou de 1758, quando Feliciano já iniciara com um negrinho a construção do templo. Depois de sua morte, ocorrida em 1765, os quatro eremitas que lhe sucederam na administração do Santuário completaram a sua ornamentação pintada, esculpida e a douração.

A partir da sua origem, Congonhas se transformou em centro de peregrinação, como testemunham esses próprios ex-votos pintados, restituídos ao Santuário. A graça do Jubileu – benefício espiritual que concede indulgência plenária aos fiéis em determinadas circunstâncias – foi conferida ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas no século XVIII, pelo papa Pio VI.

Congonhas permanece, até hoje, como centro de peregrinação, depositário de sucessivas consagrações de milagres. Não me parece, portanto, que nas suas origens o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos constitua prioritariamente, como propõe Germain Bazin, uma peregrinação "de substituição", semelhante à do Bom Jesus de Braga, de Portugal, onde os fiéis, devido à dificuldade de visitar a Terra Santa, percorreriam em seu próprio país o caminho simbólico da Paixão de Cristo.

Na realidade, é exatamente com o templo português de invocação homônima, intencionalmente lembrado por Feliciano Mendes, que o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo se identifica. A oferta contemporânea de ex-votos, que até hoje persiste nos templos do Bom Jesus de Portugal e do Brasil, constituiu prova de que os dois grandes centros de peregrinação se revitalizam socialmente pelos poderes milagrosos atribuídos ao orago comum pela população.



Isto é ratificado por Edgard de Cerqueira Falcão em *A devoção ao Senhor de Matosinhos,* publicação que registra a elevação do Santuário a Basílica Menor pela bula *Pietate artistique monumentum,* de Pio XII, de 26.7.1957: "No decorrer do século XVIII propagou-

se intensamente no Brasil a devoção ao Senhor de Matosinhos, transportada para cá pelos habitantes peninsulares". Horácio Marçal (1963:117-132) dá notícia minuciosa sobre as origens e a permanência da Romaria do Senhor de Matosinhos em Portugal. Há referência ao culto do Bom Jesus de Matosinhos, inicialmente chamado Bom Jesus de Bouças, a partir do século X. A imagem milagrosa era venerada no Mosteiro de Bouças, no concelho de mesmo nome, hoje incorporado ao de Matosinhos, a oito quilômetros do centro da cidade do Porto. Em 1550, a Igreja Paroquial de Bouças foi transferida para novo templo, a atual Matriz de Matosinhos, trazendo-se para aí a imagem do Senhor de Bouças, que assim deixava o sítio que ocupara durante catorze séculos. No adro da Igreja de Matosinhos encontram-se capelas onde se veneram até hoje os Passos da Paixão do Divino Redentor, tradição que também se manteve no Santuário de Congonhas de Minas, só que transposta para o exterior do templo, nos Passos esculpidos pelo Aleijadinho para as capelas do jardim.

Entre as múltiplas instituições de culto ao Bom Jesus de Matosinhos, referidas por E. Cerqueira Falcão, sobressaiu a implantada por Feliciano Mendes, no alto do Maranhão, no local chamado Congonhas do Campo. O magistral escultor ouro-pretense e seus ajudantes trabalharam nas imagens de cedro dos Passos de 1796 a 1799, iniciando em 1800 a escultura dos profetas em pedra-sabão. Antônio Francisco deve ter testemunhado, portanto, a passagem de fiéis, levando nas mãos o milagre, para ser oferecido ao Bom Jesus de Matosinhos.

Os árcades mineiros, contemporâneos de Aleijadinho, tinham conhecimento da projeção de Congonhas como centro religioso. É de Tomás Antônio Gonzaga, nas *Cartas chilenas,* a mais antiga referência conhecida entre nós ao Santuário:

> Distante nove léguas desta terra
> há uma grande Ermida, que se chama
> Senhor de Matosinhos: este Templo
> Os devotos fiéis a si convoca
> Por sua architectura, pelo sítio,
> E ainda muito mais pelos prodígios
> Com que Deos ennobrece a Santa Imagem.

No *Manual do Romeiro* (1977:15) indica-se também que os Autos da Devassa da Inconfidência Mineira relacionam entre os livros do padre Manoel da Costa Rodrigues uma *História do Senhor de Matosinhos.*

Afonso Arinos (1939:175) cita as referências que Eschwege faz no *Journal von Brasilien* a Aleijadinho. Esses comentários concomitantemente confirmam, em 1811, a popularidade de Congonhas como centro de romaria popular. Diz Eschwege: "Ao lado da igreja existe um longo edifício, destinado aos romeiros que aqui se reúnem, aos pés de Nosso Senhor; nesses dias oferecem os dirigentes da igreja um grande banquete". Acrescenta ainda:

> Esta igreja é opulenta pelas muitas doações, presentes e esmolas que para lá correm; assim, grandes somas se consomem na sua ornamentação. Ela é simples e limpa. A escada para a entrada principal está profusamente ocupada por estátuas de santos, esculpidas em pedra e em tamanho natural; [a igreja] é cercada por uma plataforma calçada com pedra de cantaria, e na parte posterior encontra-se um gracioso jardim, igualmente provido de estátuas, repuxos e altas euforbiáceas.

Assim, a própria obra de Aleijadinho teria sido custeada pela romaria. No mesmo trabalho de Afonso Arinos ainda encontramos a referência ao segundo registro



Romeiros no Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

conhecido sobre a importância da romaria, assim como à casa dos milagres e ao extraordinário número de ex-votos que abrigava. Desta vez é Saint-Hilaire o autor das observações, colhidas nas *Efemérides mineiras* de Xavier da Veiga, do dia 14 de novembro de 1814.

A popularidade do Jubileu de Congonhas continua através do século XIX, quando a vemos transportada do plano da crônica para o da ficção. Bernardo Guimarães, em *O seminarista,* descrevia em 1872: "De fato é o que aí vêm procurar, e quase sempre encontram, milhares de peregrinos e romeiros, que partindo dos pontos mais afastados aí vêm ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jesus, suplicando-lhe a cura das suas dores".

No século XX, poderíamos ilustrar a permanência do culto popular ao Bom Jesus em Congonhas com os versos de *Alguma poesia,* de Carlos Drummond de Andrade: "Os romeiros sobem a ladeira / cheia de espinhos, cheia de pedras, / sobem a ladeira que leva a Deus / e vão deixando culpas no caminho" (1964:77/78). A documentação escrita sobre a romaria prossegue em 1941 com a descrição dos roteiros dos trinta mil romeiros que ali foram nessa data, feita por Magalhães Correa no *Correio da Manhã.* Além de pagarem promessas e levarem óleo de candeia do Senhor Bom Jesus, os romeiros oferecem esmolas. No espaço profano que passa a coexistir com o sagrado, no âmbito do Jubileu, divertem-se na feira

livre de barraquinhas que comerciam comida e objetos diversos. Esse artigo de Magalhães Correa é acompanhado do desenho da Casa dos Romeiros existente à época, que foi parcialmente destruída em 1968. Esta é a descrição que dela faz Magalhães Correa:

> Pelas festas do Jubileu, de 7 a 14 de setembro, época das romarias, as Casas do Santuário, em número de trezentas, abrem-se para recolher os forasteiros, assim como casas particulares apresentam letreiros em suas fachadas, com o nome de hotel... Aparecem mendigos de todo gênero, doentes em todas as modalidades, desde o mais pobre ao mais rico... Do lado esquerdo do Santuário, em plano mais baixo e mais distante, sobre um platô, os padres construíram, em grande recinto, casas em série para romeiros. É uma enorme área, tendo dois pavilhões, em dois andares, com zimbório à entrada, unidos por um pórtico; neles estão instalados os escritórios de informação, enfermaria, farmácia e direção. Destes pavilhões partem lateralmente, em curvas de círculo, casas que formam no conjunto uma oval. São em número de 96, cada uma com sala e cozinha, alugadas a cinco mil réis; ao centro um grande gramado; aos fundos ou lado oposto à entrada, externamente, dois edifícios com entrada para o hospital e atrás deste as casas, casas para pobres e indigentes e, logo a seguir, o cemitério local; esse conjunto é admirável, parecendo de longe ou de baixo uma cidade hebraica com suas mesquitas.

As edificações descritas por Magalhães Correa são as chamadas "Romarias", construídas em 1922 por Floriano Binder para a Arquidiocese de Mariana, quando toma posse D. Helvécio Gomes de Oliveira. Tratava-se, na realidade, de 44 casas de três cômodos, dispostas em elipse, com dois torreões na fachada principal, destinados a abrigar a administração e os serviços médicos e odontológicos para os romeiros sem recursos. Os seus remanescentes, bem como a área circunvizinha dos mesmos, foram objeto de processo de tombamento pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, iniciado em 1980 e concluído em janeiro de 1981, com a promulgação de decreto do governador do estado de Minas Gerais, aprovando essa medida de preservação.

No bem fundamentado parecer que emitiu para justificar esse tombamento, Afonso Ávila enfatizou como a "série de construções em rotunda das Romarias se harmoniza, por sua destinação e função, com a vida e presença do Santuário e seu complexo artístico". O tombamento dos torreões e seu entorno, compreendendo uma área de 53.480 m^2, impedirá que ali se construa qualquer edifício que possa prejudicar a visibilidade do conjunto representado pela Basílica, suas capelas e jardins. E propiciará a utilização adequada do espaço assim preservado para fins religiosos, culturais ou de lazer, com a participação da municipalidade.

Em 1942, o Dr. José Casais, na *Revista Geográfica Americana*, descreve a visita que o romeiro faz ao Bom Jesus, e as preces que realiza diante dele. A imagem de Jesus encontra-se em um nicho colocado debaixo do altar principal da Igreja. "Nesta se conservam também a cruz de madeira e o altarzinho ou oratório portátil de Feliciano Mendes... O romeiro oferece sua vela de cera e seguidamente, de joelhos, beija a imagem e, em geral, toma a medida desta com uma fita branca que guarda como recordação da visita ao Bom Jesus de Matosinhos". Tal procedimento ocorre até hoje, de maneira idêntica, na Igreja do Bom Jesus de Matosinhos em Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro.

Em 1945, Tristão de Athayde, em *O Diário,* descreveu os peregrinos e suas práticas devocionais:

> Pelas estradas que o nosso automóvel percorre, de volta a Belo Horizonte para o Rio, vamos encontrando os peregrinos. Estes, os mais pobrezinhos, a pé. Outros, homens e mulheres, a cavalo, carregando sacos e embrulhos de todos os tamanhos e todas as cores, cobertos de chapelões de palha e levando, às vezes, na tropa, animais escondidos sob imensos colchões azuis e cor de rosa, grossos rolos oscilantes, ou sob canastras de pele de vitelo, tauxiadas de botões que brilham ao sol causticante da montanha. Outros, mais modernos, alugam caminhões...
>
> A semana do Jubileu traz a Congonhas o povo de todos os recantos das Minas. E em torno do Santuário fomos encontrar, no primeiro dia da semana consagrada, as tropas que esperavam, as famílias aboletadas sobre as incríveis bagagens, a meninada solta pelo pátio, à espera de se arrancharem nas casas que D. Helvécio, bispo de Mariana, fez construir para aboletar tanto os romeiros como os mendigos, durante os dias da sua permanência... Esse pouso, que o bispo construiu próximo do Santuário, num cabeço que prolonga a colina sagrada, enquadra-se perfeitamente no ambiente e até o completa de modo harmonioso.

Embora não chegue, nesse texto, a referir-se especificamente aos ex-votos, Tristão de Athayde toca num ponto essencial para o bom entendimento do seu significado e importância:

> O que nos interessa em Congonhas é ver como tudo isto "vive", como esta multidão de romeiros continua a subir a colina santa, com a mesma fé ardente de outrora, como este povo se aproxima da imagem do Bom Jesus com a mesma veneração de outros tempos, levando ingenuamente, para casa, como no Bonfim da Bahia, a "medida" da imagem venerada.

É ainda Tristão de Athayde que nos aponta os outros planos da festa: "levas de mendigos, na mais espantosa miséria, e todo um bando de aves de rapina, que vem depenar os ingênuos romeiros".

Lúcia Machado de Almeida observou a festa do Jubileu, em 1957. Descreve-nos a sala dos milagres, atrás da igreja, "cheia de ex-votos de todo o gênero". Sugere, no mesmo texto, um estudo que acompanhe, através deles, a evolução dos meios de transporte: "O motivo é sempre o mesmo: reprodução do acidente que ia vitimando alguém milagrosamente salvo graças à intercessão do Bom Jesus de Matosinhos. Ali estão, rolando pelo despenhadeiro abaixo, cavalos, carruagens, bondes, automóveis. Um deles, mais recente, fala em desastre de avião".

Na *Gazeta de Vitória* (ES) de 9.3.1975, já se pode observar que o meio de transporte mais utilizado pelos próprios romeiros é o ônibus, registrando-se considerável aumento das barracas que comerciam alimentos e objetos industrializados com ou sem referência ao culto.

As fotografias com que João Delpino registrou as festas do Jubileu em 1979 para o então CNRC documentam esse aspecto profano: vendem-se nessa ocasião comidas, bebidas, terços, imagens dos santos católicos de fabricação industrial e inúmeros outros artefatos. Essas grandes mudanças registradas na romaria são naturalmente acompanhadas de alterações na representação material do ex-voto, refletindo todo um processo social mais abrangente.

Desta forma, os ex-votos pintados diminuem em incidência e tendem a ser substituídos, como de resto em todo o Brasil, por fotografias, artigos de cera de produção industrial, objetos "encontrados" no cotidiano e outros.

Tempo e espaço na representação do sagrado

Romeiros no interior do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

Os ex-votos mineiros setecentistas e seu prolongamento pelo Oitocentos são pintados a têmpera sobre madeira e mais raramente sobre folha de flandres, com dimensões variáveis entre os 10 e os 50 cm, para largura e comprimento. É através desses pequenos retângulos que se opera a comunicação do crente com o sagrado. H. Hubert e Marcel Mauss (1946:43) atentam para o fato de que, no que tange à religião e à magia, as categorias mais relevantes a considerar são as de tempo e de espaço. Ao inserir a sua representação no tempo sagrado, isto é, na eternidade, o indivíduo torna perene o instante da vicissitude e graça que experimentou. À interferência do poder divino numa situação desesperadora, que justifica a designação de milagre, deve corresponder uma retribuição igualmente extremada, de reconhecimento e celebração perpétua, a reinserir no tempo sagrado a realização do evento terreno/sobrenatural. Estabelece-se uma simetria do acontecimento do milagre, no plano terreno e no divino, pelo denominador biface da sua exata representação. Daí o detalhismo das cenas, a minúcia descritiva de mobiliário e de indumentária, o flagrante perfeito e duplicado da interferência do sagrado no temporal, agora convergentes, sincrônicos. Motivo da data inscrita nas pinturas ser sempre aquela em que ocorreu o milagre, e não a da execução da tábua votiva. O rito de voto e ex-voto atualiza o dogma da regeneração do corpo e estabelece a reciprocidade de dons e trocas entre o humano e o divino.

Difere a religião da magia por esta constituir (Mauss, 1971: 255) "um esforço de sistematização, um conjunto de receitas e de segredos, geralmente mais individual que a religião", e raramente recorrer às coisas sagradas propriamente ditas, a não ser como sacrilégio *(ib.*:256). Ora, este não é o caso dos ex-votos, cujo código é coletivo, e cujo vocabulário, sancionado pela Igreja, instrumenta imagens e palavras do ritual sagrado.

O exame da categoria de espaço leva-nos primeiro à identificação de um espaço sagrado mais amplo – o do templo ou capela –, a casa da divindade, para onde naturalmente se canaliza o objeto simbólico do voto cumprido. É o lugar a que ele pertence, por sua natureza intemporal e extática.

O segundo espaço de que trataremos é a própria superfície dessas pequenas tábuas de madeira ou folha de flandres. Há nelas uma linguagem visual coletiva, de entendimento geral, que se expressa através de um código de repetitividade ritual, na distribuição dos elementos constitutivos da composição.

Verificamos que o ex-voto pintado nos séculos XVIII e XIX em Minas continua a tipologia ibérica, distribuindo-se em três planos: no terço inferior, a legenda com o nome do miraculado e as circunstâncias e data em que ocorreu o milagre; no terço médio, a figura do miraculado em seu quarto, preferencialmente deitado em posição pré-mortuária; no plano superior, em geral à direita, a representação da divindade propiciadora da graça (no ex-voto mineiro de Congonhas, Cristo e a Virgem são os mais representados, seguindo-se, na hierarquia estabelecida pelo uso, o Divino Espírito Santo). Muito raramente essa distribuição em planos se dá em seções verticais, prevalecendo os níveis horizontais. De divisão vertical conhecemos unicamente dois exemplos, igualmente pertencentes ao Santuário de Congonhas, datados respectivamente de 1882 e 1897 (p. 94 e 95 desta publicação). Em ambos os casos, de cortes na vertical ou horizontal, a leitura é praticamente simultânea.

Diante da invariabilidade da distribuição dos elementos constitutivos da composição no espaço pictórico, importa destacar a segunda noção enunciada por Hubert e Mauss (1946:43): os ritos se cumprem no espaço e no tempo de acordo com regras – direita e esquerda, norte e sul, antes e depois, fausto e nefasto. Às quais acrescentaríamos: abaixo e acima, assim como os pares antitéticos saúde e doença, morte e vida. No espaço do ex-voto, onde se processa a identidade do sagrado e do humano, essa disposição paralelística e ritual é facilmente aferível. A descrição do acontecimento nefasto aparece invariavelmente, seja na legenda, seja na figuração. A própria fórmula "Milagre que fez", "Mercê que fez" do início da legenda já deixa implícita, com enorme economia de meios, a certeza do acontecimento fausto, ou seja, a graça que anulou o perigo de vida. Salientamos aqui a imutabilidade da fórmula inicial, que chegou a dar nome à própria oferta ritual, o milagre. Michel Vovelle (1978:185) sublinha ainda a dupla questão das relações entre a escrita e a imagem, assim como a eficácia da imagem na fixação visual de temas e ideias-força que poderão encontrar-se ao nível da tradição oral.

O enunciado de fausto e nefasto induz a presença de outro par de categorias antitéticas: o antes e o depois. No caso, "antes" relaciona-se ao acontecimento nefasto, e "depois" ao fausto, à graça. A coexistência dessas quatro noções no espaço votivo acentua o seu caráter de intemporalidade que referimos atrás, inscrevendo o ofertante no eterno, à direita, na vida.

Há ainda, nos ex-votos setecentistas de Congonhas, um *locus* destinado à figuração da divindade: esta aparece acima, num nimbo de nuvens, na seção superior do retábulo, correspondente ao nível celestial, correlacionado ao terrestre, "abaixo" dela, onde aparece o ofertante,





Romeiros no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, 2010.

seja sozinho, como é mais frequente, seja cercado de familiares, sacerdote, cirurgião ou servidores.

Tamanha é a clareza do vocabulário visual do ex-voto para os fins a que se propõe, que ele poderia ser muitas vezes anepígrafo. No entanto, é na legenda que se concretizam o nome do ofertante e a data da ocorrência do milagre. E é justamente a nomeação da pessoa, definitivamente contida na linguagem escrita, associada ao particular "instante" do milagre, que muito contribui para a configuração perfeita e perpetuadora do acontecimento sobrenatural no tempo eterno. Não existe na especificação do nome intenção de projeção social, pois o ex-voto setecentista, ao contrário do retrato contemporâneo de norma culta, jamais reproduz fisionomicamente o ofertante.

Rostinhos minúsculos e indiferenciados emergem dos lençóis e colchas, e as figurinhas genuflexas são igualmente anônimas. A indumentária, sim, bem como o mobiliário, fornecem indicações da diversidade de *status.* Porém o seu detalhamento corresponde antes à intenção de duplicar simetricamente no espaço o acontecimento temporal que se tornou porta de acesso ao sobrenatural. Ratifica essa interpretação o fato de que nunca, nesta coleção, é citada na legenda a específica condição social do ofertante.

Mesmo no tocante ex-voto de 1722, onde aparece João, escravo de Maria Leme (p. 57 – embaixo), percebemos que seria esta a única identificação social de criatura destituída tanto de sobrenome como de qualquer posse material: João aparece unicamente com a roupa do corpo, já que não possuiria bens materiais, ajoelhado diante da imagem do Bom Jesus de Matosinhos. Tais representações parecem ratificar a fidedignidade dos ex-votos como documento histórico-social, que frisa a exigência da verdade de todas as minúcias na reprodução do milagre.

Vão-se evidenciando alterações no comportamento religioso patenteado nos ex-votos setecentistas e sua sobrevida pelo Oitocentos, em Congonhas do Campo. Marcadamente místico e hierático nesse período, se comparado aos seus contemporâneos portugueses, o ex-voto torna-se menos estático e extático na passagem do século XVIII para o XIX, passando a sublinhar gradualmente a ação, assim como a individualização dos elementos fisionômicos.

Desaparece um dos elementos principais da composição, o ofertante deitado em seu leito de cortinado azul ou daquela possível "melania carmesim", a que se refere Robert Smith (1966:7), numa posição pré-mortuária que acentua ainda mais a intervenção ressuscitadora da graça. Manoel José Machado de Barros, em 1811 (p. 52),

já anuncia com a sua elegante postura genuflexa e braços alçados ao céu, cuidadosamente depositados ao seu lado chapéu e bengala, um primeiro momento de figuração mais profana, fixado por artista de informação mais culta e diferenciada do que a grande maioria dos exemplos aqui mostrados. A impostação teatral da composição, seu cromatismo tonal de bonitos rosas, azuis, verdes-água, bem ao gosto rococó, o gesto gracioso de N. Sra. do Alívio em seu nimbo já denunciam uma grande familiaridade do artista com a pintura perspectivista e maneirista dos templos católicos do final do Setecentos. A ênfase sobre a ação manifesta-se também no ex-voto de Luís de França de Jesus, datado de 1822 (p. 82). Este possui fatura mais popular que o anterior, embora evidencie uma alteração dos padrões espaciais e temporais, prenunciadora da iconografia serial conhecida do século XIX. Eliminado o leito de agonia/ressurreição, o carpinteiro negro Luís de França aparece de pé, curvado, no momento patético do acidente com o machado "que lhe tirou hua naca de osso na Canella".

Com a progressão dos anos as mudanças se acentuam, como se pode verificar em alguns milagres pintados de Congonhas do Campo. O primeiro é um "retrato" muito fiel do padre mulato Messias Marques Affonso, que aparece em primeiro plano, e onde a figura do Bom Jesus de Matosinhos já não mais emerge com espaço próprio em nível mais alto, e sim integra-se à composição visto de lado, parecendo encimar um pequeno altar na forma de escultura e não de aparição. Curiosamente, o nimbo de nuvens ainda envolve, se bem que irregularmente, a figura do Cristo nesse retrato realista do padre Messias datado de 1897 (p. 105). A pintura a óleo é de teor claramente erudito, realizada por artista de razoável formação acadêmica.

O ex-voto de 1890 (p. 110), composição academicizante, mostra uma família burguesa entregue ao desespero patético tão ao gosto *pompier* do período, diante do ataque que acometeu a menina Amélia. O Bom Jesus de Matosinhos, figura alegórica e esmaecida, representado como Senhor Morto deitado, acima do trio familiar, não é mais o ponto de convergência da atenção do espectador.

O ex-voto de 1900 (p. 101 – à esquerda) testemunha o milagre que fez o Senhor de Matosinhos ao "innocente Godofredo", que engolira um "cravo paulista". Trata-se de um verdadeiro retrato de corpo inteiro do menino, mostrado em primeiro plano, e onde a representação da divindade se acha abolida. A criança, nitidamente um retrato realista executado por talentoso amador, um dos nossos primeiros e desconhecidos "primitivos", aparece vestida à marinheira, apoiada num descomunal prego, como se numa bengala, único item que simbolicamente diz do acontecimento sobrenatural. Janela aberta em profundidade a seu lado mostra uma paisagem, quadro natural que invadirá o espaço do milagre com o predomínio crescente de cenas exteriores de ação, em especial acidentes de trabalho e desastres com transportes.

Os modelos do século anterior persistirão, como é natural, através do Novecentos. Nota-se, contudo, que a presença das classes mais economicamente favorecidas gradualmente desaparece do elenco de ofertantes à medida que avança o século XIX. O ex-voto pintado passa a ser manifestação quase exclusiva da população pobre, emitindo uma estética semelhante à das demais manifestações visuais do povo. Tal generalização pode fazer-se, com variantes compreensíveis, para o ex-voto pintado em todo o território nacional.

Nota da 1ª edição

Na elaboração do fichamento da coleção dos ex-votos tombados, procuramos atender aos objetivos de referenciar adequadamente os elementos da coleção e a sua documentação fotográfica, guardada nos arquivos da SEC/Pró-Memória, em Brasília, e de, através desse referenciamento, possibilitar o acompanhamento de seu estado de conservação.

O fichamento em questão está aberto à integração de novos elementos – ex-votos extraviados – que poderão ser, como foi o caso dessa coleção, reintegrados ao patrimônio do Santuário. Estende-se esta proposta a outros exemplos, que poderão ser considerados como testemunhos importantes para o acervo local, sob o ponto de vista religioso, artístico, antropológico ou histórico.

O trabalho de referência foi elaborado por Roberto Santos Peña, Vilson Alberto Beckmann e Colatininha M. Z. Calazans, da equipe da Pró-Memória, integrando-se ao desenvolvimento do Projeto de Devolução dos Ex-votos à Comunidade de Congonhas do Campo, de que participaram Clara de Andrade Alvim, Claúdio Francisco Martins Teixeira, Antônio Carlos de Oliveira, Ana Elizabeth Fonseca Jecker e Maria Edelvais Jecker dos Anjos.

Bibliografia consultada

ALMEIDA, Lúcia Machado de.
1957. "Congonhas do Campo". *Revista Shell* n°81, out./dez., p. 5.

ANDRADE, Carlos Drummond de.
1964. "Romaria". In *Obra completa.* Rio de Janeiro: Companhia Aguilar.

ANDRADE, Djalma.
l923. *Bom Jesus*. Juiz de Fora: Casa Azul.

ANDRADE, Rodrigo M. F. de.
1958. Prefácio a *Contribuição ao estudo da pintura mineira,* de Carlos del Negro. Publicação n° 20 da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: MEC.

ARINOS, Afonso.
1939. "O Primeiro depoimento estrangeiro sobre o Aleijadinho". In *Revista do Sphan* n° 3 (Referências aos textos de Von Eschwege e Saint-Hilaire).

Arte popular brasileira.
1976. Catálogo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Textos de Maria Augusta M. da Silva, Lélia Coelho Frota, Clarival do Prado Valladares, Roberto Pontual.

ATHAYDE, Tristão de.
1945. "Congonhas". In O *Diário.* Minas Gerais, de 22 de dezembro.

BAZ1N, Germain.
1963. *Aleijadinho et la sculture baroque au Brésil.* Paris: Le Temps.

BERT, Julian Amich.
1949. *Mascarones de proa y ex-votos marineros.* Barcelona-Buenos Aires: Argos.

BRONZINI, Giovanni Battista.
1977. "Fenomenologia dell'exvoto". In *Puglia Ex Voto.* Bari: Congedo.

CASAIS, José.
1942. "Congonhas do Campo". In *Revista Geografica Americana,* novembro, pp. 283-291.

CASCUDO, Luís da Câmara.
1962. *Dicionário do Folclore Brasileiro,* Tomo II. Rio de Janeiro: INL/MEC.

CERVIN, G. B. Rubin de.
1968. "Votive pictures of ships – a Mediterranean Seafaring Custom and its origins". In *Art and the Seafarer.* London: Faber & Faber.

CUISENIER, Jean.
1975. "Obstacles et illusions". In *L'art populaire en France*. Fribourg: Office du Livre-Centre Nationale de la Recherche Scientifique.

CUNHA, Euclides da.
1973. Os *Sertões.* São Paulo: Cultrix-MEC.

DEL NEGRO, Carlos
1973. *Contribuição ao estudo da pintura mineira.* Publicação n° 20 da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: MEC.

European Folk Art.
1968. Editado por H. J. Hansen (Pinturas votivas nas pp. 99, 132, 163, 164). New York-Toronto: Mc Graw Hill Book Company.

Ex-votos argentinos.
1975. Catálogo organizado por Sergio Barbieri e Íris Gori. Museu de Arte de São Paulo.

Ex-votos de Alagoas.
1976. Museu Théo Brandão, Maceió, Universidade Federal de Alagoas.

Ex-votos do Nordeste.
1965. Catálogo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Texto de José Geraldo Vieira, Luís Saia e Giuseppe Baccaro.

Ex-votos do Nordeste.
1977. Catálogo da Galeria Camargo Arte, São Paulo. Texto "Ex-Votos do sertão", de Clarival do Prado Valladares.

Ex-votos e orantes escultóricos no Brasil.
1978. Catálogo da exposição da Coleção Jacques van de Beuque. Rio de Janeiro, Departamento Cultural da Uerj-Funarte.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira.
1958. *Relíquias da terra do ouro.* Edição comemorativa do octogésimo aniversário natalício de Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

1960. "As imagens do Senhor Bom Jesus veneradas em Matosinhos (Portugal) e em Congonhas do Campo (Brasil)". Separata da Revista de *História* n° 41. São Paulo, p. 166-168.

FROTA, Lélia Coelho.
1977. Ver *Santeiros Imaginários.* Catálogo.

GAMA, Eurico.
1972. *Os ex-votos da Igreja do Senhor Jesus da Piedade* de *Elvas*, vol. I. Braga.

GUIMARÃES, Bernardo.
1872. *O seminarista.* Rio de Janeiro: Garnier.

JARDIM, Luís
1939. "A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas Gerais". *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico* e *Artístico Nacional* n° 3. Rio de Janeiro: MEC.

LAPA, Albino.
1967. *Livro de ex-votos portugueses.* Lisboa.

LEVI, Hannah.
1945. "Retratos coloniais". *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico* e *Artístico Nacional* n° 9. Rio de Janeiro: MEC.

MAGALHÃES CORREA.
1941. "Excursão a Minas Gerais". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de setembro (Ilustrado com um desenho da Casa dos Romeiros).
1941. "Excursão a Minas Gerais" (cont.). *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 de setembro.

MÂLE, Emile.
1952. *El arte religioso del siglo XII AL siglo XVIII.* México: Breviarios del Fondo de Cultura Economica.

Manual do Romeiro.
1977. Arquidiocese de Mariana.

MARÇAL, Horácio.
1963. "A romaria do Senhor de Matosinhos". *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos,* agosto, n° 10.

MAUSS, Marcel.
1971. *Manuel d'ethnographie.* Buenos Aires, Petite Bibliotèque Payot, n° 102.
1946. *Magia y sacrificio,* volume de La Historia de las Religiones, em colaboração com H. Hubert.

MELLO MORAES FILHO.
1967. *Festas e tradições populares do Brasil.* Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

MELLO, Veríssimo de.
1964. "Nossa Senhora dos Impossíveis – a maior devoção popular do Rio Grande do Norte e ex-votos da Capela de Zé-Leão". In Separata do *Arquivo do Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte*. Vol. I, Natal.

MOTA, Mauro.
1968. Voto e *ex-votos, aspectos da vida social do Nordeste.* Recife: Imprensa Universitária.

OLIVEIRA, Gilka Correia de.
1977. Ver *Santeiros imaginários.* Catálogo.

PEIXOTO, Rocha.
1967. *Tabulae Votivae*. In *Obras,* vol I. Edição da Câmara Municipal de Póvoa do Varzim.

POUCHELLE, Marie Christine.
1976. "Représentation du corps dans la Légende Dorée". In *Ethnologie Française,* tome 6, n. 3/4. Paris: Berger-Levrault, CNRS/Réunion des Musées Nationaux.

Processo de tombamento de "Romarias", Congonhas.
1980-1981. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG).

SAIA, Luís.
1944. *Escultura popular brasileira.* São Paulo: Gaveta.
1965. Ver *Ex-votos do Nordeste.* Catálogo.

Santeiros imaginários.
1977. Catálogo do Paço das Artes. São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia. Textos de Luís da Câmara Cascudo, Lélia Coelho Frota, Eduardo Etzel, Lourdes Cedran, Pedro Oliveira Ribeiro Neto, Luis Ernesto Kawall, Gilka Correia de Oliveira.

SILVA, Maria Augusta Machado da.
1971. "Ex-votos brasileiros". *Cultura,* ano I, n° 2, abril/junho. Ministério da Educação e Cultura.

SILVA, Maria Magdalena Cagical e.
s/d. "Pintura religiosa". In *A arte popular em Portugal.* vol. II. Lisboa: Verbo, p. 97-124. (Ex-votos pintados às pp. 103, 104, 105, 107, 109, 111, 112, 113, 115, 117, 119, 121, 123).

SMITH, Robert.
1966. *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses.* Câmara Municipal de Matosinhos.

VALLADARES, Clarival do Prado.
1967. *Riscadores de milagres, um estado sobre arte genuína.* Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia.
1976. *Memória do Brasil, um estudo da epigrafia erudita e popular.* Universidade Federal do Rio de Janeiro.
1977: Ver *Ex-votos do Nordeste.* Catálogo.

VOVELLE, Michel
1978: "Iconographie et Histoire des Mentalités". In *Ethnologie Française,* tome 8, n. 2/3. Paris: Berger-Levrault, CNRS/Réunion des Musées Nationaux.



Têmpera sobre madeira – 24,8 x 12,5 cm – 1799

Mce q fez o Sr Bom Jez. de Matozos ao Capn Franco Pinto que estando muito doente sem esperanças devida com o pe acabeçeira ajudando abem morrer pegando-se hua filha dodito..... de mandar pintar hum milagre Logo alcançou milhora ano de 1799.

Ex-votos da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

Catálogo dos Ex-votos Inscritos no Livro do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

A coleção tombada em 1979 abrange um total de 89 ex-votos ou milagres pintados. Os ex-votos apresentados nas páginas 44 a 83 são os restituídos ao Santuário por intermédio da Fundação Nacional Pró-Memória, com o apoio financeiro do Banco do Brasil. Os das páginas 84 a 117 correspondem à série de pinturas que permaneceu na Basílica e que foi tombada com a coleção anterior, não só pelo seu alto valor antropológico e plástico, mas também pela conveniência da constituição de um conjunto que documentasse com abrangência a prática de quase três séculos de entrega de ex-votos ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo.





Têmpera sobre madeira – 28,8 x 14,2 cm – 1829

Merce q fes N.S. da Nazareth ao ag^m Ant° Per^a estando gravem^e
emfermo de hum..... e apegandoce com a dita S..... Sarou em 1829.

(Leitura com ultravioleta)



Têmpera sobre madeira – 25 x 15,2 cm – Final do século XVIII

(Legenda ilegível)



Têmpera sobre madeira – 25 x 15,2 cm – Século XVIII

M^ce. *q' fes N.S^ra. do Bom desp.°* ao *Mayor Pecador do Mundo.*



Têmpera sobre madeira – 27 x 15 cm – 1825

Merce q fes o S^r Bom Jezus de Mathosinho a Pifano Joze Rodarte estando em hua Cama m^to Infermo de hua Malina e chamando pelo dito Snr̃ logo a Chou milhoras athe q̃ ficou Sam, em o anno de 1825.



Têmpera sobre madeira – 28,5 x 14 cm – Final do século XVIII

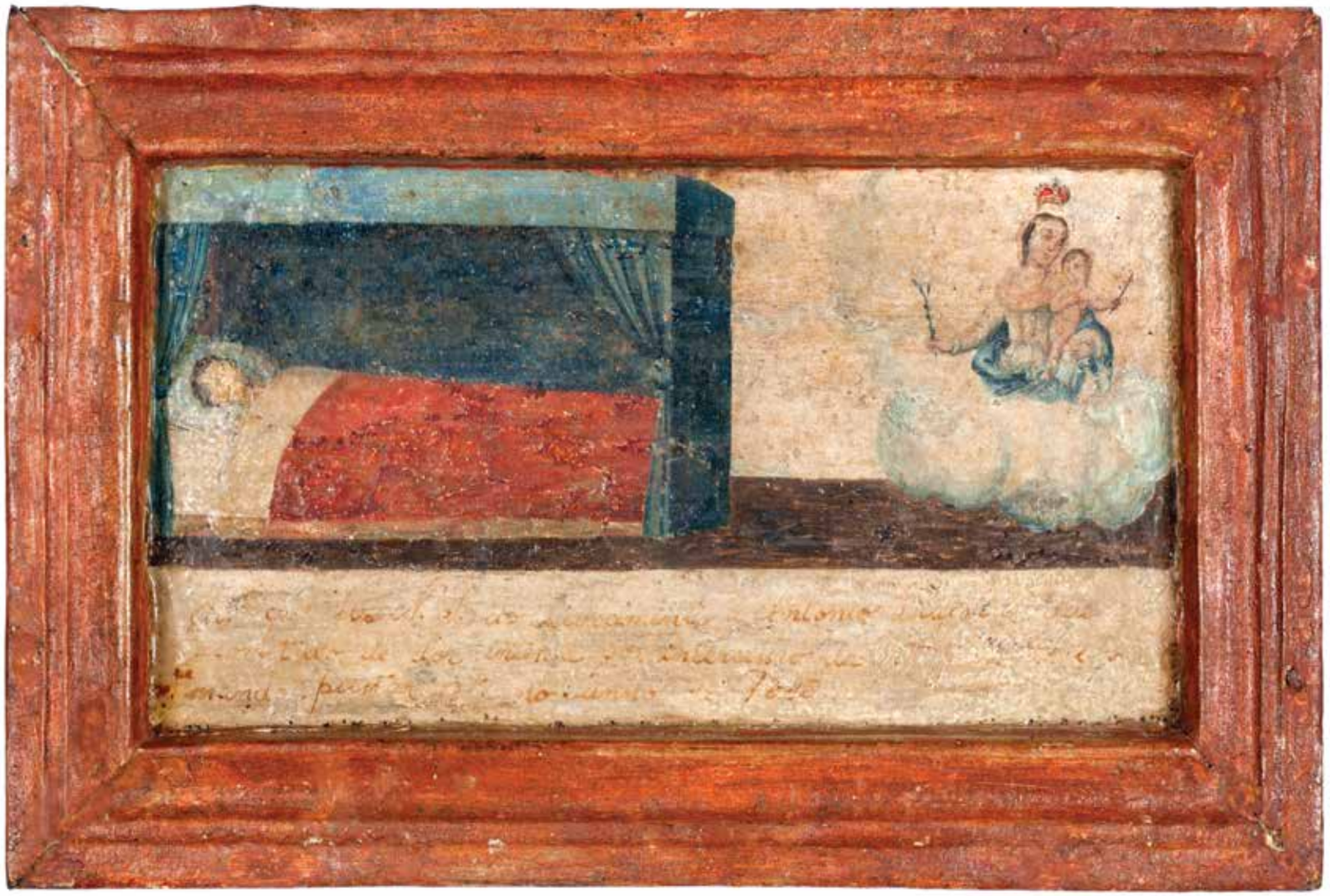
M.ce *q. fes N.Sra do..... a Antonio Joze de Sta. padecendo..... fermidade..... mam dosprofeçores..... mte adta Snra.....te são.*

(Leitura com ultravioleta)



Têmpera sobre madeira – 19 x 14,5 cm – Início do século XIX

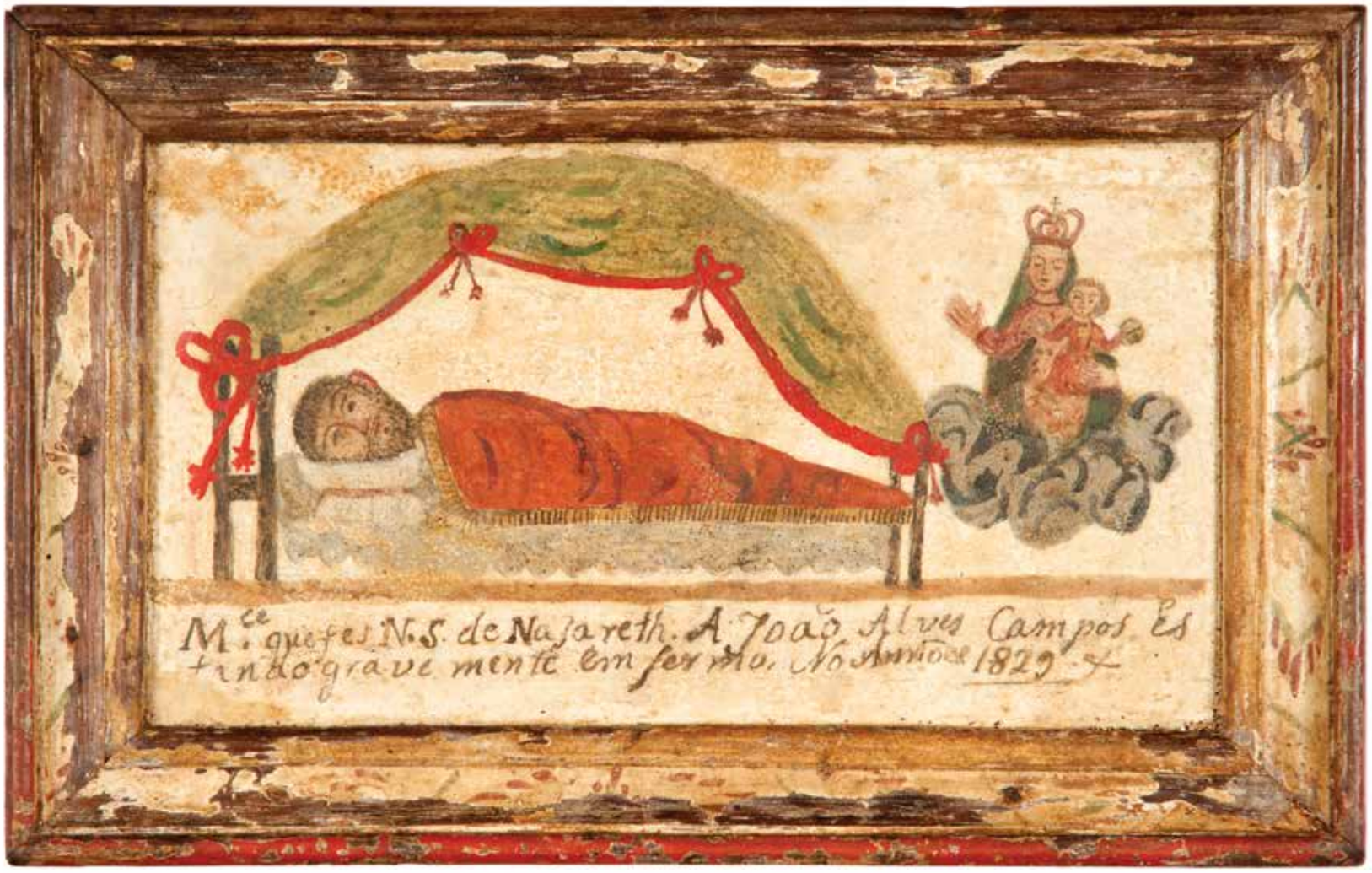
Milagre que fez oSenhor Jesus do Mato Zinho aTereza Franca estando departo emgrande prigo de morte já *comfecada apegou..... com omesmo Senhor Logo ficou boa.*



Têmpera sobre madeira – 20,5 x 9,5 cm – 1805

M.ce que fez N.S. do Livramento a Antonio Dias Luiz que acometido de dor intensa por intercessão da m.ma ficou bon e por m.ria mandou pintar este no anno de 1805.

(Leitura com ultravioleta)



Têmpera sobre madeira – 19,5 x 10,7 cm – 1829

M.ce que fes N.S. de Nazareth a João Alves Campos. Estando grave mente em fermo. No Anno de 1829.



Têmpera sobre madeira – 14,2 x 25,2 cm – 1811

M. q̃ fes N.Sra do Alivio a M.el Jozé Machado de V.a Covatr.e de *Bar.cos 1811.*



Têmpera sobre madeira – 17 x 12,2 cm – Final do século XVIII

M.ce q fez oSnr de *Mathozinhos a Antonio Mendes Vale que estando m.to doente Comdores pelo Corpo* Se *apegou com o d.o Snr. e como ficou bom mandou pintar este.*





Têmpera sobre madeira – 25 x 17,5 cm – 1831

Mer.ce q. fes S.r Bom Jezus do Matuzinho a Jozé Carlos de Souza estando, no fundo de sua cama entrevado seapegando com o d.o S.r ficou bom e p.a memória..... dou oprezente fazer neste prezente anno d.... 1.8.3.1.



Têmpera sobre madeira – 19,7 x 17 cm – 1741

Milagre que Fes S. 'Quiteria a Ignes Coelho dapureza estando peiada ecom bixigas comrisco devida parentersesão da S.F^e^ S.^de^ 15 deyn^bro^ de 1741.



Têmpera sobre madeira – 22 x 15,5 cm – 1778

Merce que fes o Senhor do Bom fim a Maria da S.ª q. estando Sua sogra doente debixigas ja dezemganada de Serugõens e Medicos e apegadoce Com od.º Senhor, logo teve Saude ad.ª sogra, no anno de 1778.



Óleo sobre madeira – 29 x 17,5 cm – 1771

M.ce q. fez o Senhor de Matuzinhos, a Jozé Mendez Valle filho de An.to Mendez Valle q̃. estando m.to mal, dehuã perna aq. foy precizo Seabrir e tirarcelhe varios oços epegandoce com od° Snr̃. ficou bom ep.memoria mandou pintar este no anno de 1771.



Têmpera sobre madeira – 21 x 14,5 cm – 1722

M. q' fes Snr̃. de Matozinho a João escravo de Maria Leme, q̃ estando gravemte doente, epegandose com dito Snr̃. Logo teve saude. 1722.



Têmpera sobre madeira – 38,5 x 18,5 cm – 1862

Merce..... fez N.Sra. de Nazareth..... a Maria Ozébia..... que estando na fonte foi investida..... e o chifre..... Boi..... apegando com a NSRA ficou sã Lavras 17 de ju..... de 1862.

(Leitura com ultravioleta)



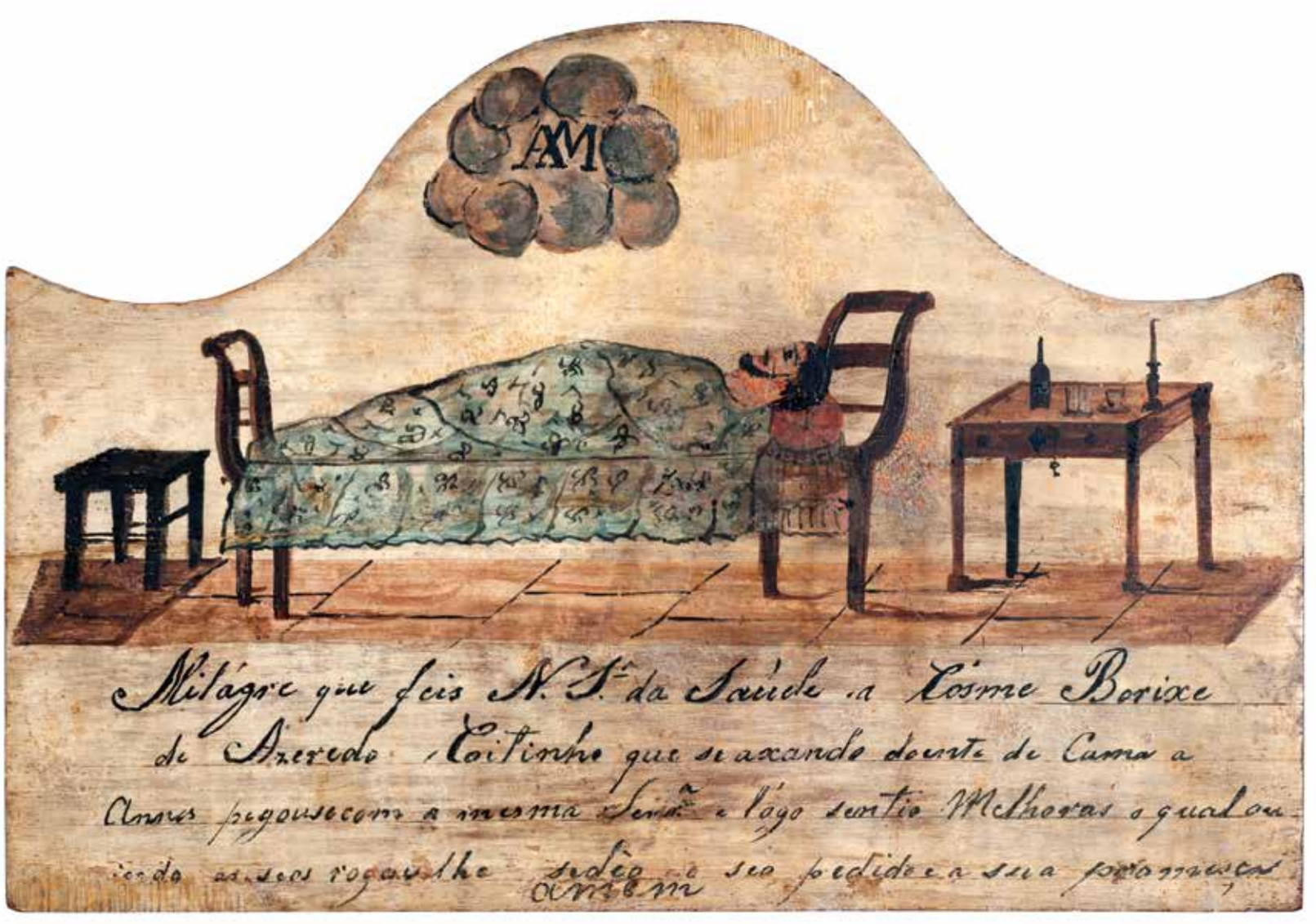
Têmpera sobre madeira – 31 x 21 cm – 1807

.....Merce que fes N S de Nazareth a D. Ignacia Custodia Candida de Jesus..... Con fluxo de sangue e valendose do Patro..... a Saude no anno de 1807.



Têmpera sobre madeira – 34 x 22 cm – 1776

Milagre q̃ fez o Snr̃ do Mattoz Zinho daz Congonhaz do Campo a Joze Antunez q̃ eztando 1 annoz etanttoz mezez aVexado Com maleficioz e Iluzoens e em tentaçoenz dodemonio eporSever tam perceguido peg..... Com o mezmo Senhor permetemdolhe hum Cavallo Cellado eenfreyado e hir IhoLevar eemtregar ao ditto Senhor propia mente o Cavallo easin aLcançou Logo aLivioz que deZejava elhepasou hum Creditto de que ficou namão do Seu procurador easin ficou logo aLterado Comperfeitta Saude e..... perfeitta m^te que opoder de D.^s he maiz deque nada eoSeu Creditto Valiozo Foi feitio em 17 de Mayo de 1776 Annoz.



Têmpera sobre madeixa – 29,5 x 20,3 cm – Século XIX

Milágre que feis N.S^ra^ da Saúde a Cósme Borixe de Azevedo Coitinho que se axando doente de Cama a Annos pegouse com a mesma Senh^a^ e lógo sentio Melhoras o qual ou...ndo os seos. .rogoulhe...sedêo o seo pedido e a sua promesça. Amem.



Óleo sobre madeira — 34,5 x 20 cm — 1773

M. q̃ fes o Sr de..... Do devino ESpirito Sto a Diogo M..... Sa q estando mal dehua dor na boca do eStomago comhua sofocação, epegandose com....ditos Senhores não lhe tornou a dor..... anmo de 1773.



Têmpera sobre madeira – 32,5 x 19,5 cm – 1838

M.ce feiata pêlo o Senhor Bom Jezus davocação do Tremebé enamma Perfia O Senhor Bom Jezus de Mathozinhos, epor merçe de Sua Maÿ Santissima a Senhora da Parecida; obteve João Felisberto de Freitas, q̃ indo de jornada em compª deseu Pai, pª S.Paullo sempre sofreu gdes incomodos desaude, echegando a V.ª de Taubaté, ali ficou Idrofico e outros ataques de Bixas, q̃ chegou aficar quaze Morto por espaso de 4 dias eseu Paÿ; e outros..... rogarão a Mizericordia do Senhor tourno-lhe afala comfe...cando-se e Mais Sacramtos da Igreja, logo ficou milhor evoltou bom pª esta cidade: epª memoria fes este em Julho de 1838.



Têmpera sobre madeira – 26,8 x 26,8 cm – 1771

M.ᵉ q̃ fez oS.ʳ B. Jezus *de Matz.ᵒˢ a M.ᵉˡ Machado daCosta estando Comhuã perna gangrenada por mᶜᵉ do d° Sʳ Sarou Anno de 1772.a.*



Têmpera sobre madeira – 25 x 24 cm – Século XVIII

(Legenda ilegível)



Têmpera sobre madeira – 25,5 x 18,5 cm – 1769

Merse que fes avirgem nosa senhora domonte docarmo aRita Maria de Jezus estando muito mal Com. .. .duas ponta. .adas q̃ lhetomava arespirasão etodos os movimentos do Corpo..... e pegadose com[a] Virgem St[a] axose boa efoi a 20 de julho de 1769.



Têmpera sobre madeira – 29 x 18,8 cm – 1823

M.[ce] que fes N. Snr[a] de Nazaré a D. Joanna Maria de Jezus estando seo Pai.... Dom.[os] Teix[a] De Carv[o] estando gravem[e] emfermo de hum tiro q lhe derão apegadose com a d[ta] Snra..... pou no Anno de 1823.



Têmpera sobre madeira – 29,7 x 17,4 cm – 1771

MERSE, que fes oSenhor bom jezus dematosinhos, adona Ana barboza demagalhains, mulher docapitão joão peixoto, estando grave mente emferma dehumas diareas desangue e denganada ja desurgiõens e apegandose Conodito Senhor esua mai logo emtres dias ficou boa hoje 23 *defevr de 1771.*



Têmpera sobre madeira – 30 x 19 cm – 1776

M. Que fez oSenhor de Matozinhos a Victoria Mor.ª de godois q. estando m.to inferma de parto, prometendo aoSenhor pintar oSeu millagre Logo melhorou 1776.





Têmpera sobre madeira – 34,6 x 23,6 cm – Século XVIII

Milagre que fez o S.Jesus do Matosinhoz a Maria..... molher do cap.^{m} João de Matos do.....

(Leitura com ultravioleta)



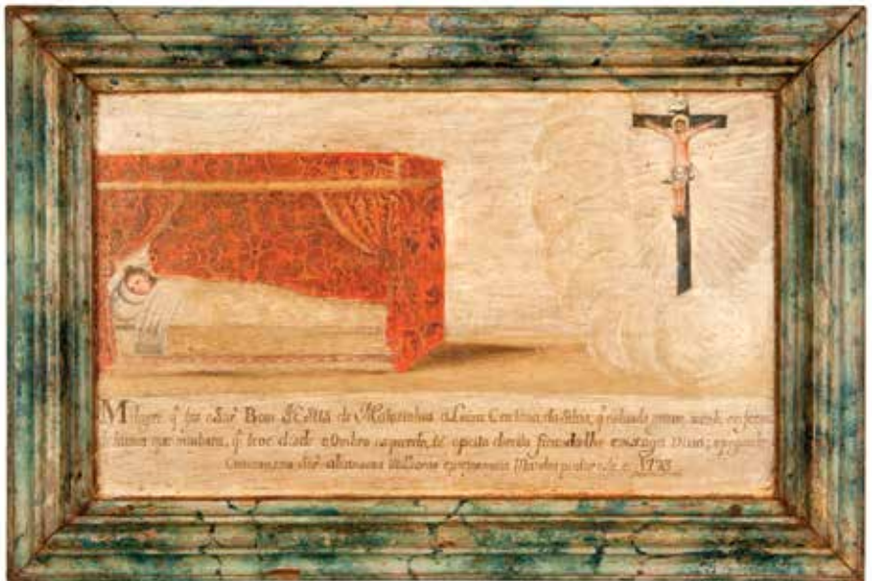
Têmpera sobre madeira — 32 x 23 cm — 1818

Merce q̃ fez o Divino Espirito Santo a Snr.ª das Merces,o Glorioso S.to Brâs a Manoel Anjo M Coelho q̃ estando gravemente enfermo de hua pustema no pescouço epor virtude dos m.mos Senhores logo ficou bom, epor mimoria mandou fazer o prez.te 1818.



Têmpera sobre madeira — 34 x 24 cm — 1758

Milagre q fez São Francisco das Chagaz a Fran.co Jozé G..... gem S. Caetano aCavallo sem.....e atolouce o tál com o d° Cavallo..... ficou pabaixo do Cavallo e gritando para d° S.to..... em Seu..... Logo levantouce..... do d° Cavallo Sem perigo algu..... se deu este Cazo em 12 de Agosto de 1758.ª.



Têmpera sobre madeira – 33 x 20 cm – 1773

Milagre q.e fes o Snr Bom Jesus de Matozinhos áLuiza Caetana da Silva, q' estando grave mente emferma de huma queimadura, q.e teve desde o Ombro esquerdo, tê opeito direito ficandolhe enxaga viva; epegandoce comomesmo Snr alcanssou milhoras epormemoria Mandou pintar este em 1773.



Têmpera sobre madeira – 23 x 18,7 cm – Até o terceiro quartel do século XVIII

Merse q̃ fez N. Sra. do Monte do Carmo..... Maria de Jesus q̃. estando grave mte.....mce dada Snra alcançou.....



Têmpera sobre madeira – 27,5 x 13 cm – Início do século XIX

(Legenda ilegível)



Têmpera sobre madeira – 27,5 x 13 cm – Século XIX

M. que fez N. Senhora da Nazareth a Rita Paulina, que estando seu Marido muito mal de retençoens de ourina, apegouse com a mesma Senhora de que alcansando milhoras ficou de todo livre do perigo em que se achava para mem.....





Óleo e têmpera sobre madeira – 25,5 x 17 cm – Século XIX

(Sem legenda)



Têmpera sobre madeira — 35 x 12 cm — 1841

M.ce q fez o S.r dobom Jezus do Mato Zinho a João das Neves Alves Fr.a da cin,ca Estando Gre me. procidido de huma Constipação,lheveio hũ incaio mto forte q̃ p.r 3 Vezes chegou afazer termo pa morer com todos os signaes da m.e perdio afalla eficou Como q̃'já estava morto tornando asi disce 3 Vezes Vaia misinhor do Mato Z° econtinuava com estas palavas todas vezes q̃ tornava a si Vaio mi S.r dobom J.s do mato Zinho no fim de des dias ficou livre do d° incaio Constipando o Supe e sega vez lheveio hum rematismo em todo Corpo a Companhado com 2 tomores pabaxo dabarba, outro do lado isquerdo a pegando com ome S.r ficou bom ditoda enfirmidada pa mimoria mandou pintar este Milagre Em 1841.



Têmpera sobre madeira – 30,5 x 15,2 cm – 1728

Milagre q fes a Snr.ª. do Cármo, à Luisa Ferr.ª q̃. dando huã grande quéda dehũ caválo, comperigo de Mórte, pegandose com bem fe, Com adita Senhóra, alcansou vida e saude : Bem dita seja p.ª Sempre tão piedosa Senhóra 1728 ã.



Têmpera sobre madeira – 16.5 x 29 cm – 1778

Merçe, q̃ o S.r bom Jezus de Matosinhos fes, a D. Inacia, filha do D.or João. Antonio Leão, estando grave mte. emferma logo, q̃ a mai rogou ao dito S.r pela saude de sua filha; entrou a alcançar alivio na molestia, até q̃. ficou de toda, logrando saude: pa oq̃ espoem esta memoria, asuçedida na era de 1778.



Têmpera sobre madeira – 33,5 x 18 cm – Século XIX (?)

Milagre q fes N. Sra de Nazare a Anna Lucia de Rios Mer deManoel da Costa Rios estando duente com hum..... de..... ja em agonias dementes, e pegando-se..... a mesma Sra ficou sam e livre.

(Leitura com ultravioleta)



Têmpera sobre madeira – 29,2 x 20,5 cm – 1771

Milagre.....S. Ritta de.....1771.



Têmpera sobre madeira – 29 x 17,5 cm – Século XVIII

M. q' fes N. S.ra de Nazareth a Franca da Sylva Chaves mulher de João Pires da Costa, estando mto mal de asidentes repetidas, e variada, e juntam.te com febre, epegandosse com N.S.ra alcansou milhoras.



Óleo sobre madeira – 18,7 x 13,6 cm – Século XIX (?)

.....agre que fes N. S^ra.....uba; que.....lhe dez Sau.....



Têmpera sobre madeira – 19,5 x 13,2 cm – 1771

M^ce. que fez o Senhor de Matuzinhos, a Manoel Antonio; q̃. dando lhe hum grande acidente q̃. esteve quaze amorte, etornando asi pedio aomesmo Senhor foce Servido darlhe Saude. em 1771.



Têmpera sobre madeira – 26 x 15,2 cm – 1812

Milagre. que.fes. a Snr[a] de Nazarath a Thereza Justina de Jezus f[a] de Vicente Frr[a] da Costa, q̃. Cahindo de huâ janella abaxo nao perigou, por m[ce]. da Snr[a] em 1812.



Têmpera sobre madeira – 18 x 11 cm

Milagre.....



Têmpera sobre madeira – 19 x 13,5 cm – 1822

O S^or de Matto Zinho, fez Merce a Luis de França de JESUS, q̃. estando embarbando hum Caibro, na obra do R.^do Miguel de Noronha Peres, na Rua pordetras da Intendencia da V.^a de S. João de ElRei, subindo p^a o Bom fim, escapulio omachado, q̃. lhe tirou hua naca de osso na Canella do pé esquerdo, egolpe feissimo, egritando pelo m^mo. Senhor e *comelle se apegou; ficou bom em o anno de 1822.*



Óleo sobre metal – 36 x 24 cm – 1898

Milagre que fez N.S.de LEURDES á Gabriella Augusta de Rezende que estando gravemente enfermo de febre TYPHODE, esgotando todos os recursos, seo MARIDO ANTONIO LOPES DE OLIVEIRA prometteo pintar o prezente com que logo sarou o Doente.
S. JOÃO d'EL REI 20 DE SETEMBRO DE 1898.



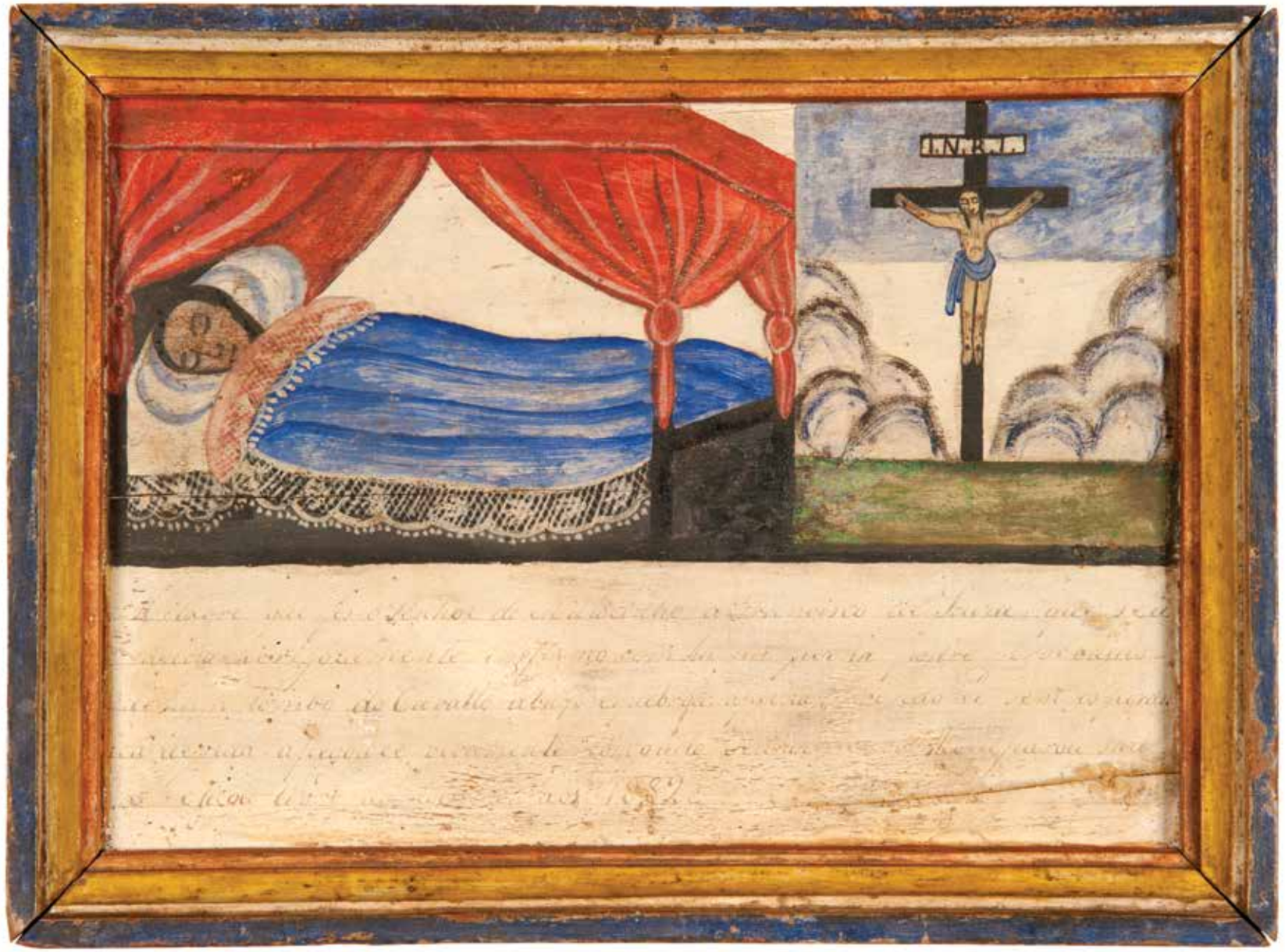
Óleo sobre papel – 51 x 40 cm – 1889

Milagre feito pelo S.r Bom Jesus em Junho de 1885 Estando meu marido gravemente enfermo, ja desemganado pelo medico assistente, apeguei-me com o Sr. Bom Jesus pedindo-lhe o restabelecimento de meu marido, e tive a felicidade de o ver restituido a mim e *a nossos filhos. Cumpro agora a promessa que então fiz.*
Chapéo d'Uvas Setbro de 1889 Maria Henriques.



Guache sobre papelão – 55 x 34 cm – 1899

Promessa feita p^r Marcellino da Matta Couto Em ocazião de Viagem fa... iando o animal p^a cima do seu Querido filho, este recorreu ao Bom Jezuz e o salvou debaxo do animal são e salvo, mandou relatar este p^a lembrança aos 6 de S^bro de 1899.
(assinado) *o Pintor Theotonio E. Lia.*



Têmpera sobre madeira – 26 x 18 cm – 1882

Milagre que fes o Senhor do Matozinho a Francisco de Souza que seaxando perigozamente imfer mo com huma perna podre procedido de hum tombo do Cavallo abaxo equebrou aperna... vendo ce sem esperança de vida apegou ce vivamente com o dito Senhor elogo lhe deparou saude eficou livre da molestia aos 1882.

(No verso: 24 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS*.)



Técnica mista (colagem/têmpera sobre madeira) – 32 x 13,5 cm – Século XVIII

(Legenda ilegível. No verso: 66 SBJ e o carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 37,8 x 24 cm – 1867

Milagre q fez o S^t^ bom Jezus de matosinhos a os 28 de 9^bro^ de 1867 aJozé dos paços..... na piedade jeraes natural deste lugar que estando dormindo em sua Caza em..... de Sua mai e mais..... lhe deo..... a escolta sobre a manham..... .p^a^ O pegar..... paraguay..... agarrando Sua mai com..... salvo do perigo. em que.....

(Leitura com ultravioleta. No verso: 17 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Técnica mista sobre madeira – 36,5 x 20,5 cm – 1879

.....do Matozinho a ..... Rodrigues Rabello q̃ estando carriando huns paos..... acontece arrebentar a corda do Cambito e elle estando encima do Carro o..... pello morro abaxo eelle virou pelo lado direito do carro enfiando huma perna direita pelo olho do rodeiro e o rodeiro moendolhe a perna sobre a..... arrebentou dêsda co. .a athe a canella ficarão os ossos em migalhas; a outra perna tão bem quebrou a mão que estava sobre o rodeiro ficou sem acarne ficando em ossos; ocarregarão para acasa, mandarão ver o Medico e *Medico odizinganou q̃ moria por ver as feridas gangrenadas com máo baffo; que tanto rendia cortar as pernas..... não... .morria; então vendo a Molher q ficava viuva e com muitos filhos apegouce vivamente com o dito Senhor em..... todos os remedios forão aprovados eficou são; aos 1879.*

(No verso: 86 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 36 x 23,5 cm – Século XVIII

M. que fes S.B.J.S. de M. à F..... braço.

(No verso: 37 SBJ e carimbo representando a basílica, com legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 34 x 20 cm – 1873

Milagre que fes o S. Bom Jezus do Matozinho a Marianna Gomes de Moura q̃ estando gravemente enferma de huma febre perigoza sem esperança devida valendoce da proteção do Senhor a pegouce vivamente com o dito Senhor. logo lhe deparou a saude ficando san aos 1873.

(No verso: 37 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 23,5 x 17,8 cm – 1899

Milagre que fez Sr. do Matozinho a Domingos Luiz Ribeiro que achava-se gravemente enfermo a meses sofrendo reumatismo sobreveio lhe febre. Ele e sua esposa recorrerão ao Sr. Bom Jesus e logo sente-se são. Maio de 1899.

(No verso: 79 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 37 x 19 cm – Século XIX

.....do Matosinhos a .....

(No verso: 58 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 38 x 19 cm – 1802

Milagre q' o Sr bom Jezus de congonhas fez a Cap Fra.....Madella achando se gravem^e doente...corpo d^e Snr logo alcançou milhoras no ano de 1802 p^a memoria mandou.....

(No verso: 47 e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Guache sobre papel – 28,5 x 22,5 – 1889

Ambrosina Augusta da Silveira ..... do enferma em perigo de morte, pessoa de sua amisade implorando ao Senhor Bom Jezus, esta obtêve compléta saude. Dôres de Campos, 27 de 9^{bro} de 1889.



Óleo sobre tela – 51,2 x 41 cm – 1878

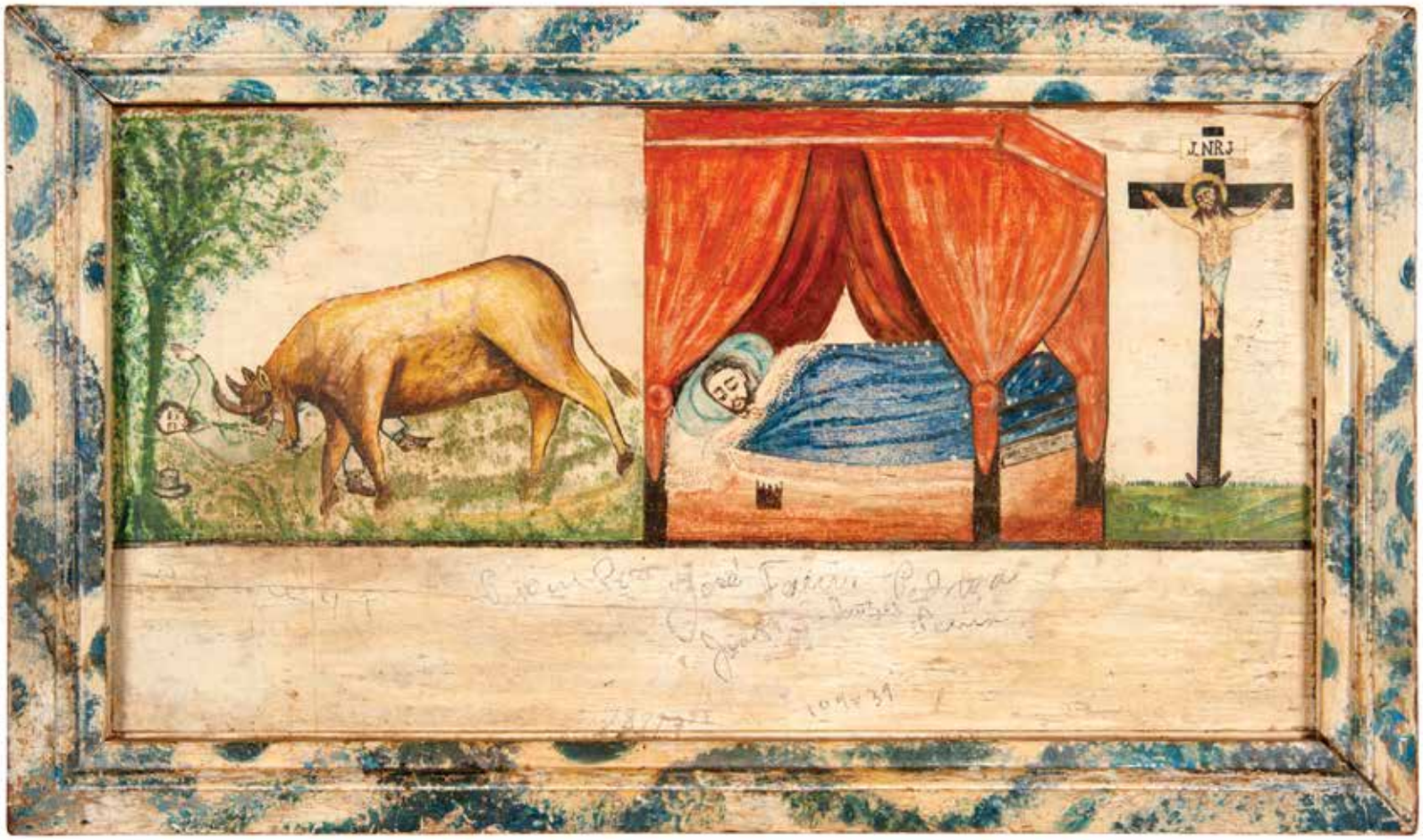
Milagre que fez,..... Rodrigues no dia 5 de Junho de1878 na ..... mesmas .....



Têmpera sobre madeira – 32,5 x 19,4 cm – Século XIX

..... q̃ estando trabalhando na sua arte em Carpintaria ascobindo hum pau sobre oMoitão par hum Injenho, copau e *portando o peso em ação tal que arrebentou oMoitão e deulhe tamanha pancada mortal sobre acabeça q̃ elle virou e trançou as pernas nu andame e caiu; altura de 6 metros, vendo seos companheiros q̃ estava quaze morto dicerão agar.ᵉ' o S. do Matozinho levando..... tando delle: ep' milagre do Senhor esta Milhor etrabalhando, em 1882.*

(No verso: 81 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 42 x 22 cm – 1897

Mil. .agre q fe.. José Fe..... Pedroza .....

(Em inscrição sobreposta à original)

(No terço inferior da pintura, em inscrição mais antiga: 1897. No verso: 90 SBJ e carimbo da basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*





Têmpera sobre madeira – 42 x 30 cm – Século XVIII

Milagre q̃..... Jezuz de Mat .....

(No verso: 69 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Aquarela sobre papel – 32,5 x 24 cm – Século XIX

(Legenda ilegível)



Óleo sobre madeira – 25 x 17,5 cm – Século XIX

(Assinatura do pintor: A. Granado Bicas)



Óleo sobre madeira — 32 x 20 cm — 1765

Millagre q̃ fes oS.r Do Matozinhô, a João Joze, Machado dehua disgracia dehũ tiro noBraço esquerdo que, estando caregandô, ce desparou nod.o Braço epouçe emperigo decortarçe, pegandoçe com oS.B. Jesus do Matozinho logo cobrou Saude. Suçedeo este Suceço No çerro do fryo noarayal dagoveya, no ano de 1765.

(No verso: 41 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre madeira – 15,8 x 23,7 cm – 1900

Milagre q^e^ fez o S. Bom Jesus de Mattosinhos ao innocente Godofredo por ter engolido um cravo paulista, sahindo este sem offender os intestinos, com o auxilio do mesmo Senhor.
Soledade, 1º de junho de 1900.
Justino Leite Soares

(No verso: SBJ 74 e o carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre tela – 31,8 x 41 cm – 1896

Milagre que fez N.S. Bom Jesus de Mattosinhos a meu filho Joaquim, quazi exvaido em sangue, pela gengiva e pelo nariz.
Congonhas do Campo, anno de 1896.
José Francisco Cordeiro

(Iniciais do pintor com data da execução do ex-voto: 1910 RR.)



Óleo sobre madeira — 32 x 20 cm — 1899

Milagre que fez o Senhor B. Jesus de Mathosinhos o menino Lourival Eugenio de Azevedo, que soffrendo horrivelmente uma desenteria a 4 mezes e desenganado dos medicos sua mãi não esperava que elle se escapasse pegou ella com o mesmo Senhor de pezar o menino a cêra por ver elle restabelecido vem por meio deste cumprir a promessa offerecendo este o mesmo Senhor em lembrança da saude do seo filho. 19 9º 99. GABRIELA DIAMANTINA AZEVEDO.

(No verso: carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre madeira – 34 x 20 cm – 1764

M. que fes o S.B. Jesus de Matozinhos a Ana Maria de Jesus estando gravemte. emferma emperigo devida apegando..... com dito S. escapou ano de 1764.

(No verso: 42 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre madeira – 32,8 x 24,5 cm – 1913

Milagre que o *S.r Bom Jesus de Congonhas fez a José Candido Gonçalves, em 1913.*

(No verso: o carimbo da basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre tela – 19,4 x 29 cm – 1897

Milagre feito por N.S. Bom Jesus, ao Padre Messias Marques Affonso, que estando soffrendo de um olho e secorrendo-se a sua proteção, ficou completamente curado. Feito em 23 de Agosto de 1897.

(Assinatura do pintor : Marcolino Nery de Assis. No verso: 83 SBJ e carimbo da basílica, com legenda *Senhor Bom Jesus, CONGONHAS.)*



Óleo sobre metal – 26 x 24 cm – 1873

D. Maria do C. V. de Campos Estando gravemente enferma, e sua Avo suplicando ao S.B. Jesus do Mattozinhos, logo declinou e acha-se restabelecida, Em Dezembro de 1873.

(No verso: 76 SBJ e carimbo da basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 27 x 17,5 cm – Século XVIII

Milagre feyto a Izabel Maria da Silva, achandose muito infer..... favor do Senhr. do Mattozinhos e ficou livre d..... oléstia.

(No verso: 20 SBJ e carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Aquarela sobre papel – 54,2 x 19 cm – 1938

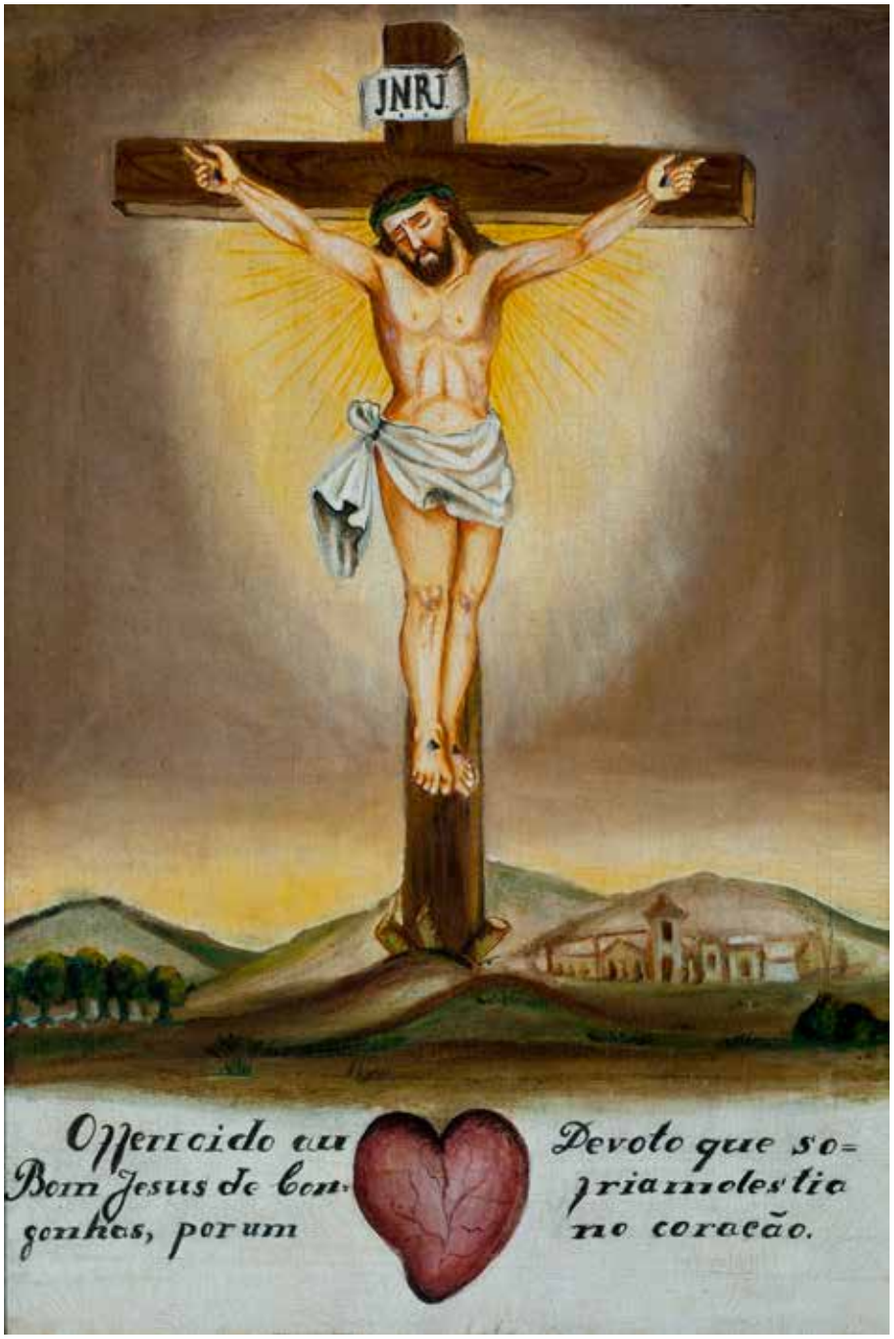
1938 ITATIAIA USSU Foi ITAIAM MINAS GERAIS JOSE AUGUSTO DE MORAIS.



Óleo sobre tela – 37,5 x 28 cm – 1958

Milagre do Snr. Bom Jesus do Matosinho a menina Maria de Fatima, filha do Snr. José Candido de Oliveira e *de sua esposa D. Geralda José da Silva; a menina com idade de um ano sofreu um forte ataque que todos julgarão morta então D. Geralda, de joelho pedindo ao bom Jesus, que curasse sua filha a menina voltou assi e já esta com seis anos e não sentio mais nada. Em sinal de gratidão mandou fazer este quadro.Jesus, Maria José. Mpio de Brumadinho.*

(Assinatura do pintor, com data da execução da pintura: J.GOMES 1958. No verso: carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus, CONGONHAS.)*



Óleo sobre tela – 40,5 x 60 cm – Século XIX

Offerecido au Bom Jesus de Congonhas, por um Devoto que sofria molestia no coração.

(No verso: carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre madeira – 53,5 x 53,5 cm – 1890

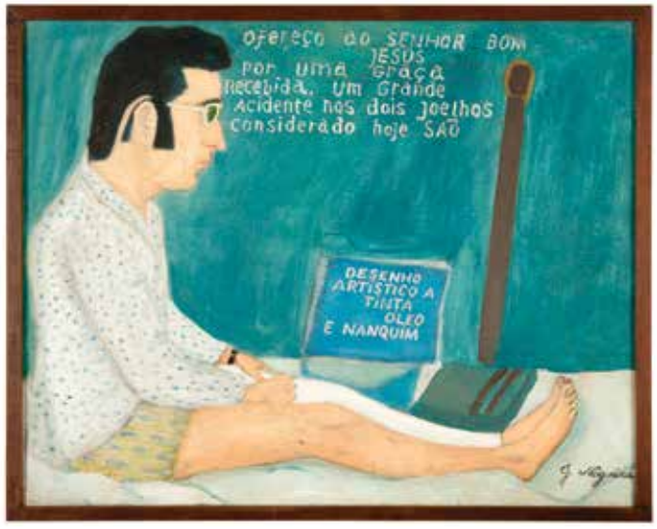
MILAGRE QUE FÊZ O SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS. No dia 24 de setembro de 1890 a menina AMELIA, filha de José Narcizo A.Novaes teve um ATAQUE e lançando sangue pela bocca e pelo nariz esteve desaccordada por espaço de DUAS HORAS Pela intervenção milagroza do SENHOR BOM JESUS, de cuja bondade e clemencia se valeram seus paes afflictos, logo a menina recuperou os sentidos, e deu tempo que viesse o medico vel'a.

(No verso: carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre tela – 38,5 x 29 cm – 1920

11 de Setembro de 1917. Milagre que feiz Sr. Bom Jesus a D. Gabriella Candida de Jesus, Estando esta exhalando o ultimo suspiro de sua vida, seu marido prometeu ao Bom Jesus de dar o seu peso em sêra e mandar pintar o milagre o qual foi concedida ficando salva, F. da Barra de São Pedro 30 de Agosto de 1920.



Óleo sobre madeira – 49,8 x 34,2 cm – Século XX

ofereço ao SENHOR BOM JESUS por uma graça recebida. Um grande Acidente nos dois joelhos considerado hoje SÃO.
DESENHO ARTÍSTICO A ÓLEO E NANQUIM.

(Assinatura do pintor: J. Nogueira. No verso: dois carimbos representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Óleo sobre tela – 35 x 25,5 cm – 1928

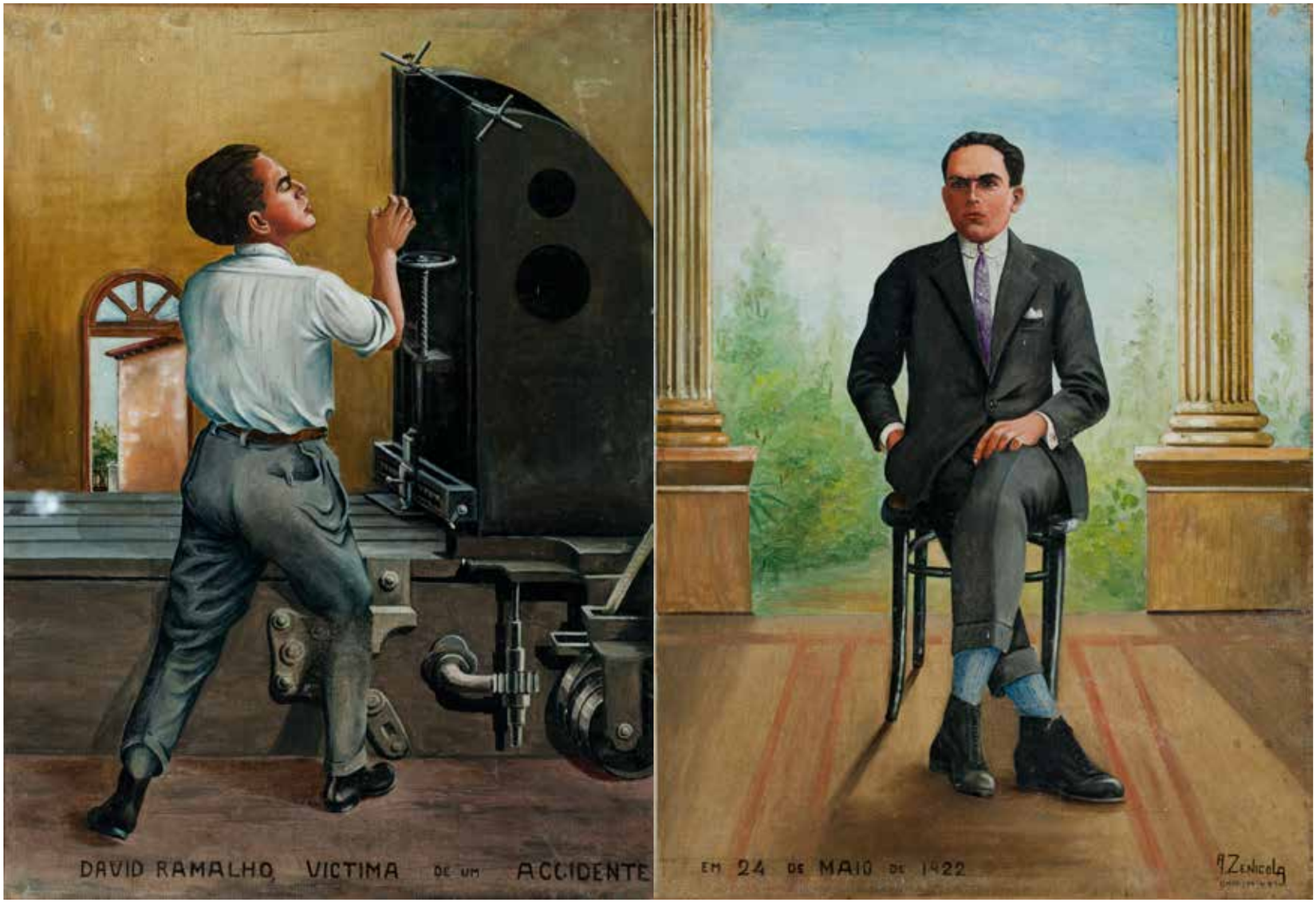
DORES DO TURVO MINAS A 21 de Janeiro de 1928 deu-se o Milagre por intersessão do Bom Jesus. A menina Maria Rodrigues Pires, salva já quase em estado de agonia.

(No verso: carimbo representando a basílica, com a legenda *Senhor Bom Jesus CONGONHAS.)*



Têmpera sobre tela – 44,5 x 34 cm – 1915

Milagre que fez Bon Jeus A. Jovelino Rodrigo Medeiras. Bicas do Pará. 1915.



Óleo sobre tela – 88,2 x 60 cm – 1922

DAVID RAMALHO, VICTIMA de um ACCIDENTE em 24 de MAIO de 1922.

(Assinatura do pintor: A. Zenicola Belo Horizonte 5-9-19.....)



Têmpera sobre cartão – 33 x 23 cm – Século XX

.....GONHAS.....UMA PROMESSA ..... COM..... GRAÇA QUE.....

(Legenda datilografada e colada sobre a pintura)



Óleo sobre tela – 60 x 50 cm – 1964

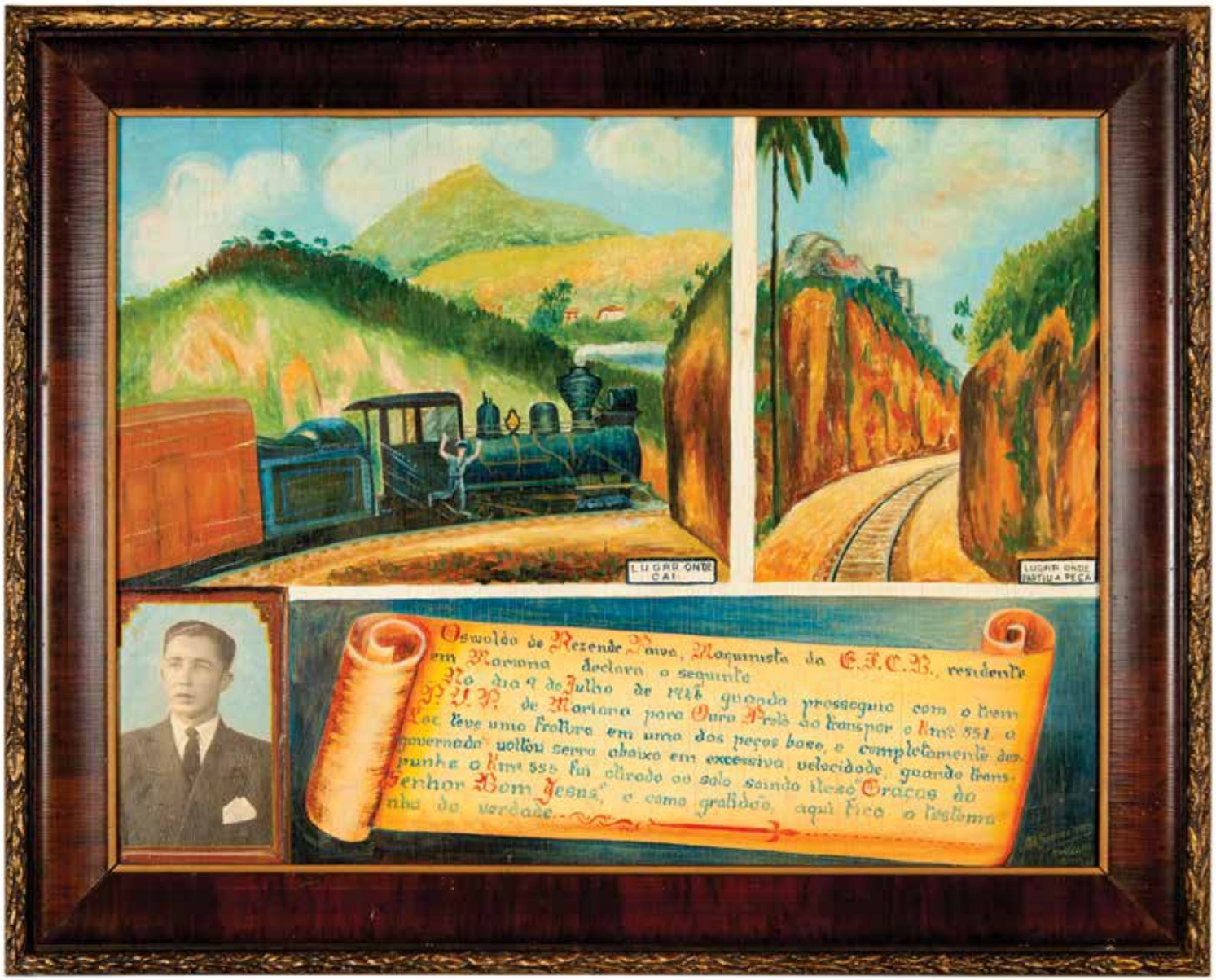
Lauriel Ribeiro – Nascido em Barbacena no dia 15 de dezembro de 1961. Quando contava 2 anos e 23 dias de idade, sofreu um envenenamento com calmante (Belpar). Esteve em estado de coma durante quase 15 horas. Já desenganado pelos médicos, salvou-se por verdadeiro milagre de São José e Senhor Bom Jesus de Congonhas. Esta pintura é oferecida por sua avó materna, em agradecimento a graça alcançada. Este acidente ocorreu dia 7 de janeiro de 1964. Adelaide de Oliveira.

(Assinatura do pintor: Waldir)



Aquarela sobre papel – 24,5 x 29,5 cm – 1922

Verdadeiro Milagre Obtido Por Senhor Bom-Jesus de Congonhas. Eu – João Baptista Ferreira de Mendonça – Venho a vossos pés cumprir uma "Promessa" que fiz, sendo esta em favor ao meu filho "Abilio" sendo este horrivelmente queimado com Explusão de uma lata de polvora, ficando o rosto e braços completamente denegridos.
Depois de trez dias de queimado pedi ao Senhor-Bom-Jesus a sua cura; pois, foi tão bem ouvido que em 24-horas ficou completamente curado e sem defeito. Venho a vossos pés cumprir a minha promessa e collocar na sala dos milagres este Quadro.
Bello-Valle 28 de Janeiro de 1922.



Óleo sobre madeira – 46,5 x 35 cm – 1946

Oswaldo de Rezende Paiva, Maquinista da E.F.C.B., residente em Mariana declara o seguinte
No dia 9 de Julho de 1946 quando prosseguia com o trem P.V.P. de Mariana para Ouro Preto ao transpor o Kmº 551, a Loc. teve uma Fratura em uma das peças base, e completamente desgovernada voltou serra abaixo em excessiva velocidade, quando transpunha o Kmº 555 fui atirado ao solo saindo ileso "Graças do Senhor Bom Jesus"., e como gratidão, aqui fica o testemunho da verdade.
ass)J.to Gamarano Mariana Minas.



Parte 2



A Coleção Márcia de Moura Castro é apresentada pelo livro

Ex-votos mineiros

As tábuas votivas no ciclo do ouro

Márcia de Moura Castro



Ex-votos mineiros

As tábuas votivas no ciclo do ouro

Quando iniciei minhas andanças pelo interior de Minas Gerais encontrei, por acaso, na sacristia de uma capela antiga, uns pitorescos quadrinhos que desde logo despertaram meu interesse, tanto pelos temas como pela espontaneidade do traço. As cenas, que constituíam como que uma crônica visual dos costumes da época, vinham acompanhadas de um pequeno texto narrando as aflições passadas pelo ofertante, que, invocando seu santo protetor, obtivera o milagre, e por aquele meio o agradecia.

Pelas datas assinaladas verifiquei que alguns deles estariam ali esquecidos há mais de dois séculos. Desde então tenho me dedicado a procurar e estudar esses ex-votos sob diferentes ângulos: como expressão da arte popular, como fato histórico e como fenômeno religioso.

Sua origem é remotíssima, tendo sido encontrados sob diferentes formas nas pesquisas arqueológicas de quase todas as civilizações arcaicas. Foram muito usados na Antiguidade greco-romana, principalmente nos templos de Asclépio ou Esculápio, onde religião e medicina se mesclavam. Os doentes que iam em peregrinação em busca de curas milagrosas lá deixavam, como agradecimento, lápides com inscrições votivas ou pequenas esculturas antropomórficas em barro ou cera.

A primeira coleção de ex-votos do Brasil pertenceu à imperatriz Teresa Cristina, que trouxe, entre outras peças preciosas do seu dote, um conjunto de cabeças votivas etruscas, provindas das famosas coleções dos Bourbon e dos Farnese, famílias a que ela pertencia[1]. Essas peças encontram-se no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, infelizmente não acessíveis aos olhos do público.

Quando, no ano 312 da era cristã, Constantino reconheceu o cristianismo como religião oficial, muitos costumes dos pagãos foram assimilados pelos cristãos, num sincretismo semelhante ao que ocorreu no Brasil escravagista, quando os ídolos africanos se identificaram com os santos católicos. Oferecer ex-votos aos santos foi um desses hábitos herdados.

Com a queda do Império Romano no século V, as tradições mediterrâneas foram quase totalmente esquecidas, e os reis bárbaros, embora convertidos à religião cristã, usavam outros meios de demonstrar sua devoção. As oferendas votivas passaram a consistir em ricas coroas cravejadas de pedras preciosas que eram enviadas ao Vaticano. Nesse período em que os povos nórdicos passaram a dominar o mundo ocidental, tornaram-se raras as demonstrações individuais. Elas deram lugar às manifestações coletivas, como as Cruzadas ou as peregrinações aos grandes santuários, sendo que na construção das catedrais góticas – verdadeiros prodígios da arquitetura – seus autores ficavam humildemente anônimos.

Durante o Renascimento, os povos latinos voltaram a dominar, valorizando o homem e fazendo surgir uma nova arte individualista em que a pintura desempenhou papel importantíssimo. Nas telas, de início apenas

Detalhe de ex-voto do Século XIX (p. 171).



religiosas, começam a aparecer, timidamente, junto da imagem do patrono, a figura do ofertante em tamanho reduzido e em segundo plano. Esses quadros eram em geral levados para as igrejas onde testemunhavam alguma graça alcançada. Aos poucos invertem-se os papéis e aparece no primeiro plano o personagem ilustre – rei, nobre ou guerreiro –, e por trás a abençoá-lo o santo protetor que o ajudara em alguma difícil batalha. Vem em seguida a era do retrato, em que todas as figuras proeminentes se fazem pintar pelos grandes mestres, já dispensando a companhia do padroeiro.

No Concílio de Trento (1536), cujo principal objetivo foi conter a ameaça do protestantismo que condenava a adoração dos santos, comparando-os aos ídolos pagãos, uma das armas foi incentivar "a veneração das sagradas imagens, porque através delas se manifestam ao povo os benefícios e mercês que Cristo lhes concede, e se expõem aos olhos dos fiéis milagres que Deus obra pelos seus Santos e seus saudáveis exemplos". Essas palavras estimularam a devoção, a crença nos milagres e os agradecimentos públicos por parte de todos os que se julgavam agraciados por aqueles benefícios.

Os ex-votos popularizaram-se na Europa meridional e central a partir do século XVII, principalmente sob a forma de tábuas votivas. No século XVIII, concentraram-se em países como Portugal, onde "vão sobrevivendo, ainda em número de alguns milhares, apesar das convulsões político-religiosas (1834, 1910), do abandono ao fogo e à umidade e, também, da não pouca cobiça do colecionismo"[2]. Também no santuário de Altötting, na Baviera católica, ainda podem ser vistos nos mesmos lugares em que foram pendurados há cerca de trezentos anos. E lá continuam chegando os peregrinos. O mesmo ocorre em santuários marítimos na França.

Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Foto de Nelson Kon, 2010.

De Portugal esse hábito veio para o Brasil, mantendo o mesmo aspecto de arte popular, a mesma disposição dos elementos no quadro, o mesmo processo de pintura a têmpera sobre madeira, sistema arcaico, abandonado desde o século XV pelos pintores eruditos europeus. Minas Gerais foi onde essa tradição melhor se aclimatou, e até hoje pode-se ver na Sala dos Milagres de Congonhas do Campo um precioso conjunto de ex-votos pictóricos dos século XVIII e XIX, muitos deles reintegrados recentemente ao seu antigo habitat, depois de permanecerem dispersos durante vários anos.

O Santuário de Congonhas do Campo, cuja beleza e imponência são hoje tão louvadas, tendo sido considerado pela Unesco como um dos monumentos que fazem parte do Patrimônio Cultural da Humanidade, nem sempre foi apreciado pelo seu grande valor artístico ou religioso. Em meio ao descaso geral pelas artes de Minas Gerais surge, no fim do século XIX, a palavra de Olavo Bilac, que, com sua sensibilidade de artista, chama a atenção para as belezas de Ouro Preto.

Estando refugiado em Minas por motivos políticos, Bilac resolveu aprofundar-se no estudo da história e das artes da região das Minas. Os ex-votos também foram objeto de comentários seus:

> Quem visita os templos das velhas cidades mineiras encontra, forrando as paredes, desenhos toscos, engraçadíssimas telas, quadros adoráveis de ingenuidade.
>
> Lembro-me agora de dois desses quadros, que achei na antiquíssima igreja de Sant'Ana, edificada um pouco abaixo da de São João do Ouro Fino, em Ouro Preto, dois preciosíssimos documentos de arte e religião.





Vista de Congonhas do Campo com o Santuário ao fundo. Foto de Nelson Kon, 2010.

Comenta a seguir que, naquela época, "a medicina por si só nada valia" e que "a droga salvadora não curava e a lanceta do cirurgião nada faria" se uma força divina não o ajudasse. Descreve assim uma das telas votivas:

> Na primeira, o cirurgião corta uma perna a um preto. Dois ajudantes trajados à moda da época sustêm o corpo do paciente: um levanta-o pelas axilas, outro pelos pés. Ao lado o operador, vestindo gibão de seda branca, calções de meia cor de pérola, sapatos bicudos, e trazendo o cabelo empoado, com rabicho, pratica a amputação.

No fundo do quadro, aparece a Senhora Sant'Ana, entre nuvens, ensinando Jesus (sic) a ler. Na parte inferior da tela há a seguinte inscrição, que transcrevo textualmente, conservando com todo o rigor a ortografia e a pontuação:

> M. M. q ffez S. S. Anna, ahu preto Luis escravo de Luiz Pra. que quebrando húa perna pella Coixa e sendo Emcanada 3 vezes, sem denehua soldar lhe abrio o Syrorgião a perna e serrando-lhe as pontas dos ossos por entercessão da milagrosa S. se vio Sam em 20 de 8bro de 1732 annos.

O outro quadro tem a seguinte inscrição:

> Milagre que ffez a Snra S. Anna A hu preto do Rdo. Manuel Mendes que estando desemparado de medicos de um Istupor valeose de dita Snra, logo teve milhora e dahi por diente saude.

Comentário do poeta: "Eram, ou pareciam ser tão comuns os milagres nesses tempos bem-aventurados".

Dez anos depois, em 1904, Minas recebe outra visita importante: o teatrólogo e poeta Artur Azevedo também se mostrou encantado com as manifestações artísticas que encontrou em Minas Gerais e lamenta que tantos artistas tenham ficado anônimos, "excetuando-se naturalmente o inverossímil Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho"[3]. Artur Azevedo foi levado pelo sacristão da Igreja do Carmo a ver os "ex-votos que em profissão se encontram pendurados numa dependência lateral daquela igreja". E acrescenta:

> Antigamente ninguém escapava de qualquer enfermidade ou perigo a não ser por obra e graça do santo ou santa de sua particular devoção ao qual ou à qual fazia uma promessa – e o primeiro cuidado do devoto, passada a crise, era mandar pintar um pequeno quadro comemorativo. [...]. Essas pinturas são todas de uma ingenuidade teratológica – alguma coisa entre as iluminuras dos manuscritos persas do século XVI e os calungas dos anúncios que a Municipalidade complacente deixa escandalizarem o bom gosto nas ruas da capital.

Entre os quadros votivos que Artur Azevedo apreciou na sacristia, um chamou-lhe atenção especial e dele o poeta transcreve *ipsis verbis* os seguintes dizeres:

> Merce que fez a Virgem S. S. N. Sa. do Monte do Carmo, por sua infenita Mizericordia, e piedade, ao Barão de Entre-Rios que achando-se dezenganado por quatro Medicos que o acistião, em ha grave enfermidade, e declarada ha grangrena, apegando-se com a mesma Sa de Coração, emmediatamente recobrou o uso da rezão, e adquirio melhoras, e depois a saude acontecido em julho de 1855.

Sobre essa cena Artur Azevedo escreve:

> Representa o ex-voto um homem doente na cama com um lenço amarrado na cabeça, os olhos cerrados, a fisionomia dolorida. Por trás do leito uma senhora, sentada, tem cara de quem já não conta que ele se restabeleça. Do outro lado, quatro médicos discutem o caso, e um deles, mostrando um estojo aberto, parece propor aos colegas uma intervenção cirúrgica. A alguns dos leitores parecerá, talvez, que ele oferece charutos, o que seria o cúmulo da extravagância. Por cima desses médicos, numa auréola formada por nuvens, aparece Nossa Senhora do Carmo com o Menino Jesus ao colo e dois escapulários na mão[4].

Tece em seguida comentários elogiosos ao pintor, que era mineiro e chamava-se "capitão Venâncio José do Espírito Santo. Capitão, entenda-se, porque na província nem mesmo os artistas escapam à Guarda Nacional". E termina: "Todos quantos figuram no quadro são falecidos, à exceção de Cristo, que, como é sabido, ressuscitou". Os comentários de Bilac e Artur Azevedo são irônicos e irreverentes. Mostram como a mentalidade e a religiosidade já haviam mudado na virada do século.

Djalma Andrade, grande poeta e cronista mineiro, no seu precioso livrinho *Bom Jesus*, refere-se com mágoa aos injustos comentários dos escritores visitantes que demonstravam interesse apenas pelo lado pitoresco da Festa do Jubileu em Congonhas, que atrai todos os anos, no mês de setembro, milhares de devotos que ali vão com o intuito de rezar ou pagar promessas.

Diz ele:

> O Jubileu desfigura Congonhas. A vida do Arraial é, nessa época, perturbada pela avalanche de peregrinos, negociantes, mendigos e forasteiros de toda ordem.

> João do Rio, no seu livro *Os dias passam*, não viu Congonhas: viu apenas o Jubileu. E o próprio Jubileu ele procurou focalizar, de preferência, no seu aspecto mais repugnante.

Com a sua inigualável habilidade em apanhar em excelentes flagrantes a sociedade, fez, no seu livro, uma descrição minuciosa e colorida dos leprosos e negociantes larápios que tiram proveito da peregrinação ao Santuário de Matosinhos.

"O que não era teatral, espalhafatoso, sensacional, foi industriosamente esquecido na reportagem, que visava apenas aos nervos do leitor".

Mais adiante declara: "Ele deveria ter visto Congonhas com os olhos de artista, como viu essa terra Alphonsus Guimaraens, o grande poeta místico".

E cita as duas quadras que escolheu para epígrafe do seu livro:

> Vinde, leprosos do grande ermo!
> Almas que estais dentro de lodos:
> Que o Bom Jesus recebe a todos
> Ou seja são ou seja enfermo.
> Almas sem rumo como as vagas,
> Vinde rezar, vinde rezar!
> Se Ele também tem tantas chagas
> Como não há de vos curar?

Djalma Andrade observou com olhos de estudioso as interessantes tábuas votivas que cobriam as paredes da Sala dos Milagres. Deu-se ao trabalho de transcrever cuidadosamente as legendas que complementam o desejo do ofertante de dar ao público um testemunho bem claro do milagre de que foi alvo.

Assim comentou-as:

> Nesse departamento estão representados, as mais das vezes em telas toscas, os grandes prodígios operados pelo Senhor Bom Jesus em todo o Brasil. Não há arte nessas pinturas feitas pela mão agradecida dos crentes no ardor da fé. Esses quadros não deixam, entretanto, de impressionar o visitante. No pincel que os fez desculpa-se a falta de arte, para se admirar a grandeza da fé e o extraordinário do milagre.

Transcrevemos, a seguir, duas inscrições que Djalma Andrade anotou em Congonhas.

Com data de 1758, um pequeno quadro a óleo, tosco, com a seguinte letra:

> Milagre que fez o Senhor de Matosinhos a Francisco de Borja que, padecendo uma grave moléstia que seria obrigado a cair por terra, ainda depois de deitado e sem uso dos sentidos, por misericórdia do mesmo Senhor se vê hoje livre da dita moléstia, gosando de perfeita saúde e para memória, mandou fazer este no anno de 1758.

Um dito com a letra:

> Milagre que fez o Sr. Bom Jesus de Mattosinhos cuja imagem se venera na sua Capela no arraial de Congonhas do Campo, ao Capitão Domingos da Silva Neves que enfermando gravemente em princípio de Maio de 1758 de uma depravação na massa do sangue e na dos humores, sem obedecer a vários remédios, que se lhe aplicaram na forma de arte, padeceu até princípio de Dezembro do mesmo ano, tempo em que se ofereceu ao mesmo Senhor, com sua oferta para suas obras, logo cobrou a melhora, tem passado bem desde Dezembro de 1758 até Agosto de 1759 e se considera livre da referida moléstia. (Mais relatos em apêndice na página 131).



Adro dos Profetas do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Foto de Nelson Kon, 2010.

A descoberta das minas de ouro provocou a primeira grande migração espontânea em terras do Brasil, quando gente de várias camadas sociais, desbravando uma terra desconhecida, enfrentava perigos de toda espécie. A fé e a devoção eram mais que nunca necessárias. Acrescente-se a isso o fato de ainda haver processos do Santo Ofício[5] transcorrendo em Minas Gerais, o que deveria fazer da tábua votiva uma ótima maneira de o devoto demonstrar publicamente a força da devoção, a pureza da crença, além da gratidão por ter sido alvo das atenções dos santos, da Virgem ou do próprio Cristo.

Aquele punhado de aventureiros, funcionários e seus descendentes mestiços produziu, no isolamento das montanhas, uma espantosa elite cultural que deixou marcas indeléveis na literatura, na política e nas artes do Brasil. Os pintores eruditos dedicaram-se apenas à arte sacra e deixaram nas igrejas um legado artístico incomparável, por suas características independentes dos cânones da Metrópole, no barroco mais puro e mais contido da sua época[6]. Mas a pintura paisagística e a arte do retrato já desenvolvidas na Europa ficaram completamente esquecidas dos pintores.

Os retratos oficiais de reis e autoridades vinham prontos de Portugal e os percalços inerentes à mineração não deixaram que se formasse nas Minas Gerais do século XVIII uma classe, urbana ou rural, bastante estável e rica que se pudesse fazer perpetuar nas telas dos pintores. Tampouco se criou uma tradição de

paisagismo. Ficou, pois, a cargo das modestas tábuas votivas a responsabilidade de nos transmitir, de maneira despretensiosa e pitoresca, uma imagem dos hábitos, dos ambientes e dos vestuários daquela época.

O ex-voto mineiro típico é pintado em cores primárias fortes, sobre madeira de cedro cortada em forma retangular. Tem a moldura bem saliente, pintada como imitação dos veios do mármore, pregada diretamente na tábua, e suas dimensões nunca ultrapassam os "dois palmos".

Frequentemente mostra um aposento em que o ofertante se encontra acamado, quase sempre usando uma touca. O leito é reproduzido com riqueza de detalhes: lençóis alvos e rendados, mesmo quando o milagrado é de condição humilde, travesseiros roliços terminando em laços e babados, colcha em brocado colorido e muitas vezes um dossel quase sempre vermelho, para proteger dos maus ares e talvez dos maus espíritos.

O cortinado se arregaça para permitir que se veja a cabeceira da cama rústica. Nota-se a falta de cadeiras, nesse tempo ainda raras e privilégio das autoridades. Nos exemplares mais eruditos, elas às vezes aparecem, assim como outros móveis e algum detalhe arquitetônico. O santo protetor flutua envolto em nuvens convencionais, no plano superior ou a um canto do quadro. Uma faixa inferior é reservada ao texto que descreve de maneira sumária o ocorrido e costuma mencionar o nome do ofertante e a data em que ocorreu o milagre. Pelo pitoresco de sua caligrafia, ortografia e sintaxe, esses dizeres merecem um estudo especial. São por vezes patéticos na sua crueza ou tragicômicos na sua franqueza. Infelizmente são às vezes ilegíveis no todo ou em parte, tendo sido em alguns casos propositadamente eliminados, talvez por descendentes dos ofertantes.



Quando a cena é exterior como, por exemplo, uma queda de cavalo, desastre de carro de boi, assalto, doença de animal, incêndio ou explosão, um pouco de vegetação dá o toque necessário, sem que haja porém preocupação de reproduzir uma paisagem. Num desses exemplares de acontecimento ao ar livre, foi registrada uma cena de violência como essas que consideramos peculiares à época atual: dois assaltantes atacam a vítima, que tenta refugiar-se em casa[7].

O famoso ex-voto do fundador da Igreja de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, conta como ele escapou de quatro soldados da Companhia dos Dragões e,

> depois, todos os mais da companhia, com o desejo de o matarem, mas nem com as espadas nem com vários tiros que lhe deram foi possível que conseguissem o seu intento porque a mão de Deus deu forças ao seu devoto para que ele de tudo se defendesse sem receber o menor perigo nem em si nem em os escravos que o acompanhavam; e em sinal de agradecimento mandou fazer esta memória que suscedeu [sic] em 29 de dezembro de 1720[8].

Acontece, às vezes, de o ofertante aparecer sozinho ajoelhado em atitude de adoração, em confronto direto com o santo que lhe propiciou o milagre. Nesses casos a cena costuma estar despojada de móvel ou enfeite, como se qualquer adendo fosse perturbar o enlevo.

O autor do quadro votivo era geralmente um "curioso" ou pintor eventual que atendia a encomendas, provavelmente um autodidata jeitoso que reforçava o seu orçamento com esses biscates, conservando-se sempre anônimo. Não tem a preocupação nem a possibilidade de reproduzir com precisão o que realmente aconteceu. Baseia-se na descrição feita pela pessoa que está encomendando o ex-voto – sempre a que recebeu a graça do milagre, que talvez more

longe da vila onde se encontra o pintor. Dá, portanto uma interpretação pessoal e tende a estereotipar a cena. É provável que pinte a sua própria realidade em termos de mobiliário e ambiente. "À figuração que pretende ser naturalista, de fato, acrescentam interpretações tão pessoais e decorativas que passam a pintura surrealista, e a bem dizer onírica"[9]. Pode-se, portanto, identificar a mesma autoria em vários exemplares, graças aos detalhes que a caracterizam, como a maneira como o cortinado está amarrado, as nuvens que envolvem o santo ou a cruz em que está pregado o Cristo. Um deles especializou-se em reproduzir no mesmo quadro a vítima na cama e o desastre que motivou a promessa. Quanto à fisionomia do ofertante, "esses trabalhos coloniais eram executados via de regra por artistas populares, pobres artesãos ou humildes pintores do acaso, e o retrato seria uma tarefa muito superior às suas forças"[10]. Quando muito, distingue-se o negro do branco e o homem da mulher.

Certos detalhes como rocalhas, recortes ou topetes aparecem esporadicamente, acompanhando os estilos mais em voga. Já pelo fim do século os modelos ovalados ou oitavados do estilo "D. Maria" começam a aparecer. No Brasil, e particularmente em Minas Gerais, o século XVIII prolongou-se estilisticamente pelo século seguinte. Convém não esquecer que o Aleijadinho e Mestre Ataíde, ainda na segunda década do século XIX, trabalhavam nas obras do Santuário de Congonhas. Com maior razão, peças populares como as tábuas votivas conservaram características barrocas e são facilmente confundidas com as mais antigas. Até nas devoções a moda se faz sentir: o Cristo Crucificado como o Bom Jesus de Matosinhos e a Virgem, sob todas as suas invocações, tinham a preferência dos devotos no século XVIII. Além deles, os mais populares eram Sant'Ana, São Vicente Ferrer, o Espírito Santo, São Benedito, além dos especialistas, como Santa Luzia para os olhos, São Roque para as chagas e Santa Bárbara e São Jerônimo contra raios e tempestades. Hoje, fala-se mais em São Judas Tadeu, Padre Eustáquio, São Geraldo Magela, Santa Rita dos Impossíveis e Santa Edwiges, a padroeira dos endividados, uma das mais invocadas nos tempos atuais. Já não há, porém, quem faça o registro iconográfico das graças alcançadas.

Notas

1. SMITH, Henry William. Antiguidades etruscas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Boletim do Museu de Belas-Artes*, Rio de Janeiro, 1962.

2. Grifo da autora.

3. ARAÚJO, Agostinho. *Exposição de tábuas votivas de Vila do Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal, 1978.

4. AZEVEDO, Artur. Um artista mineiro. *Kosmos*, v. 1, n. 2, fev. 1904. Rio de Janeiro. Esse ex-voto encontra-se no mesmo lugar em que foi visto por Artur Azevedo. No artigo é reproduzida uma fotografia do quadro.

5. Documento existente no Arquivo do Cosme Velho, de autoria de Marcos Carneiro de Mendonça.

6. CALI, François. *L'art des conquistadors*. Paris: Atthand, 1960.

7. Diz o texto: "Milagre que São Vicente Ferrer fez a Antonio Pinto que hindo acolher-se para casa quasi a noite seguirão dois (ilegível) na casa lhe correrão (ilegível) facadas com facas de (ilegível) para o por morto e pegarlha no anno 1757".

8. VASCONCELOS, Sylvio, MELLO, Susy et al. *N. S. O. (Nossa Senhora do* Ó). Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1964.

9. MEIRELES, Cecília. Artes populares. In: ANDRADE, Rodrigo de Melo de Franco (coord.). *As artes plásticas no Brasil.* Rio de janeiro: Fundação Larragoiti, 1952.

10. LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* n. 9. Rio de Janeiro, 1945.

Distribuição de frequência temática de ex-votos de uma amostra de Minas Gerais nos século XVIII e XIX

	Frequência	Percentual
• *Bom Jesus de Matosinhos*	*62*	*43,9*
• *Nossa Senhora de Nazaré*	*15*	*10,6*
• *Nossa Senhora do Carmo*	*13*	*9,2*
• *Nossa Senhora da Conceição*	*04*	*2,8*
• *Sant'Ana*	*03*	*2,1*
• *São Vicente Ferrer*	*03*	*2,1*
• *Espírito Santo*	*03*	*2,1*
• *Bom Jesus da Pobreza*	*02*	*1,4*
• *São Benedito*	*02*	*1,4*
• *Santa Rita*	*02*	*1,4*
• *São Francisco de Paula*	*02*	*1,4*
• *Nossa Senhora do Rosário*	*02*	*1,4*
• *Nossa Senhora dos Milagres*	*02*	*1,4*
• *Santo Antônio*	*02*	*1,4*
• *Nossa Senhora das Mercês*	*02*	*1,4*
• *Nossa Senhora das Dores*	*02*	*1,4*
• *Bom Jesus do Tremembé*	*01*	*0,7*
• *Santíssima Trindade*	*01*	*0,7*
• *São Gonçalo*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Luz*	*01*	*0,7*
• *São Domingos*	*01*	*0,7*
• *Santo Elias*	*01*	*0,7*

	Frequência	Percentual
• *São Francisco Xavier*	*01*	*0,7*
• *Almas do Purgatório*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Glória*	*01*	*0,7*
• *Santo Anastácio*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Oliveira*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Soledade*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Saúde*	*01*	*0,7*
• *Senhor do Bonfim*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora do Livramento*	*01*	*0,7*
• *Santa Quitéria*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora da Boa Morte*	*01*	*0,7*
• *São Brás*	*01*	*0,7*
• *São Francisco das Chagas*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora do Alívio*	*01*	*0,7*
• *Nossa Senhora do Bom Despacho*	*01*	*0,7*

FONTES
- Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo
- Museu da Inconfidência, Ouro Preto
- Museu do Diamante, Diamantina
- Museu Histórico de São João del Rei
- Coleções particulares

Nota: A frequência elevada de ex-votos de Bom Jesus de Matosinhos deve-se ao peso do Santuário de Congonhas, que polarizava as devoções de toda a região e que até hoje atrai grandes multidões.



As Cidades onde foram encontrados Ex-Votos

Diamantina
Milho Verde
Sete Lagoas
Sabará
Itabirito
Ouro Preto
Congonhas
Oliveira
Alto Maranhão
São João Del Rey
Tiradentes

Apêndice

Inscrições anotadas por Djalma Andrade, em Congonhas do Campo

Em um pequeno e tosco quadro a óleo, havia o seguinte caso, transcrito literalmente: "Milagre que fez o Sr. de Mattosinhos a Tereza da Circuncisão de Jesus, estando doente para morrer e apegando-se com o dito Senhor alcançou saúde a 27de Maio de 1759".

Um idêntico que diz: "Milagre que fez o Senhor de Matosinhos a José Carvalho de Azevedo, livrando-o de uma hidropisia no ano de 1759".

Em outro idêntico lê-se: "Milagre que fez o Nosso Senhor de Matosinhos por intercessão de S. Francisco de Paula a Vitória da Silva: estando doente de uma malina e pontada, quase à morte invocou ao patrocínio do dito Senhor e logo alcançou a saúde no ano de1760".

Um dito com a letra: "Gonçalo Dias, estando gravemente enfermo, invocou o Senhor Bom Jesus e logo alcançou melhora no ano de 1761".

Idêntico com o dizer: "Milagre que fez o Senhor do Matosinhos a Maria de Jesus, mulher de José Silveira Gomes, moradores no Passa-Tempo, que estando esta muito mal de parto e apegando-se com o dito Senhor logo cobrou melhoras: no ano de 1763".

Outro igual dizendo: "Mercê que fez o Bom Jesus de Congonhas e Ana Maria de Jesus, que estando gravemente enferma em perigo de vida apegou-se com o dito Senhor e logo foi curada no ano de 1764".

Em um igual lê-se: "Milagre que fez o Sr. Bom Jesus de Matosinhos a João José Machado, que estando carregando sua espingarda, o tiro disparou acertando no braço esquerdo, e estando em perigo de cortar o braço, êle implorou o auxílio do dito Senhor, e logo obteve a cura, no ano de 1765".



Um quadro a óleo datado de 1768 com a epígrafe: "Mercê que fez o Senhor do Bom Jesus de Matosinhos a Antônio de Morais Pessoa, que estando sofrendo de uma hidropisia dágua, que já estava muito inchado, sarou por mercê do mesmo Senhor no ano de 1768".

Com a mesma data, um quadro a óleo de 1768 com o dizer: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos à mulher de Rafael Carneiro, que estando com dores para dar à luz, durante três dias e três noites, procedidos de uma queda, e vendo-se neste aperto se apegou ao dito Senhor e logo deu à luz uma criança que chegou a receber a água de batismo no ano de 1768".

Com a mesma data um que diz: "Milagre que fez a D. Quitéria Maria de Barros, mulher do Cap. José Rodrigues de Carvalho que estando de parto, em grande perigo, se apegou com o mesmo Senhor, e logo ficou livre do perigo no ano de 1768".

Um outro diz laconicamente: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Maria Augusta em uma moléstia que padeceu em 1771".

Um outro diz: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Cláudio de Oliveira que, estando atacado de um grave incômodo e pegando-se com ele, logo sarou. No ano de l777".

Com a mesma data um outro com o dizer: "Ao Bom Jesus de Matosinhos expôs este quadro votivo, Vicente Ferreira de Carvalho o qual, estando muito mal e já sem esperança de vida, ele e sua mulher imploraram o poderoso auxílio do mesmo Senhor, e logo ele ficou são, perfeito. *Cantate Domino Canticum novum*. No ano de 1777".

Em um igual lê-se: "Milagre que fez o senhor de Matosinhos a Inácia Maria Rosa que, estando gravemente enferma, apegando com o Senhor, logo achou-se em melhoras. No ano de 1778".

Em um quadro a óleo com melhor aspecto se lê: "Milagre que fez N. S. Bom Jesus de Matosinhos a Custódio Francisco Pereira, morador em Cata Altas da Noruega que, estando doente de uma chaga na perna direita, passou quatro anos e apegando-se com o Senhor foi servido: deu-lhe a saude, e ficou livre de ficar aleijado. A 4 de outubro de 1785".

Um idêntico narra o seguinte: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Maria Ferreira da Silva que, estando gravemente enferma, apegou-se com o referido Senhor e logo alcançou cura. No ano de 1788".

Um pequeno quadro a óleo com a seguinte letra: "Mercê que fez o Senhor de Matosinhos a Maria Francisca, mulher de João Garcia de Mattos que, vendo-se em grande perigo, como de cair com o cavalo e invocando o nome do dito Senhor não teve perigo nenhum e em memória mandou pintar este. No ano de 1790". Esse quadro traz a passagem do lugar e do modo do perigo, e é menos grosseiro do que o comum.

Outro, onde apenas se pode ler: "Estando gravemente enfermo André, por mercê do Bom Jesus ficou são. No ano de 1792". André era escravo de Antônio Ribeiro.

Um outro diz: "Milagre que fez o Senhor de Mattosinhos a Thereza de Jesus, que estando muito enferma dos olhos, invocando o dito Senhor alcançou a cura. No anos de 1793".

Em um pequeno quadro a óleo está escrito: "Milagre que fez N. S. de Mattosinhos a Pedro, escravo de Antônio Pereira Goulart, que estando gravemente enfermo, supplicou ao dito Senhor e logo ficou são. No anno de 1800".

Outro igual diz: "Milagre que fez o Senhor de Matosinhos a Antônio Cassimiro Gomes da Matta que, cahindo gravemente enfermo de um ataque, proveniente de uma indigestão e sem falla por três dias, a sua irmã apegando-se com o Senhor de Mattosinhos, foi restabelecida sua saúde e para constar este grande milagre, mandou fazer este quadro por memória. No anno de 1811".

Outro diz: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Ana Maria de Jesus que estando gravemente enferma com um tubérculo e já muito inchada e desenganada pelos médicos pegando-se como mesmo Senhor ficou sã. Em Outubro de 1813".

Outro diz: "Milagre que fez o Senhor de Mattosinhos a Antônio Alves de Góis que estando gravemente enfermo por milagre do mesmo Senhor recobrou a saude. No anno de 1813".

Diz outro: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, a Manoel da Costa, morador no arraial da Espera, que estando gravemente enfermo,

apegou-se como mesmo Senhor e logo alcançou perfeita saude. No anno de 1815".

Um igual diz: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Manoel, escravo do Guarda-Mor José Moreira curando-o de uma inflamação mortal. No anno de 1818".

Um dito com a seguinte letra: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Rosalina Angelica que, cahindo dentro do um tacho de sabão e ficando toda queimada e sem esperança de vida, se apegou com o dito Senhor e sarou. No anno de 1819".

Nota-se que todos os quadros desenham os lugares, instrumentos do desastre e as respectivas paisagens. Quando se referem a simples doenças, vem sempre a pintura da cama, da casa etc.

Em outro quadro a óleo lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus do Mattosinhos a Antonia, escrava de Maria Thereza, que estando em chagas por todo o corpo, chegando por vezes a fazer termo para morrer o referido Senhor a curou e está sem lesão. No anno de 1819".

Um diz laconicamente: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos a um devoto, no anno de 1831".

Um quadro em paisagem diz: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos a Guilherme Mendes e ao seu companheiro Francisco, que vindos de Ouro Preto entraram no Rio da Soledade e quando estavam no meio, veiu uma grande enchente, que os ia levando, então chamaram pelo mesmo Senhor e, segurando nos galhos das árvores, sahindo sem nenhuma difficuldade e para isto mandou pintar este quadro. No anno de 1839".

Em um outro lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos a Rita, a qual, dando a luz uma creança, foi no mesmo dia atacada de uma febre tão ardente, que chegou a estado mortal, mas valendo-se do mesmo Senhor, logo teve allivio, ficando depois perfeitamente sã, e para memória mandou pintar este aos 22 de Março de 1850".

Um quadro com desenho expressivo diz: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas a Joaquim Simplicio, que estando quasi a morte e ja com a vela na mão, sua tia Theodora Gonçalves da Silva apegando-se com o mesmo Senhor logo este alcançou melhoras e para memoria, mandou pintar este quadro. S. Gonçalo do Brumado, 15 de Agosto do 1870".

Um quadro a óleo diz: "D. Maria do Carmo Campos, gravemente enferma e sua avo, supplicando ao Senhor Bom Jesus de Mattosinhos logo declinou e acha-se restabelecida. Em Dezembro do 1873".

Em um quadro de paisagem representando minuciosamente a cena, se lê: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus do Congonhas do Campo. Sahindo da cidade de Sabará, o tenente Pedro Maria Carlos com sua família e chegando no Pires, uma légua distante ao Senhor Bom Jesus, estando montado um seu filho de 6 annos no silhão de sua irmã de 8 annos, em burro preto na última casa do Pires, o burro disparou a saltar. O pae, mãe e sobrinhos, indo adiante, quando olharam para trás, o burro estava saltando, com o menino preso no cache-nez e debaixo da barriga do burro, e já a menina tinha cahido. Os paes e sobrinhos gritaram por Senhor Bom Jesus, e o burro sempre com o menino dependurado, e o pai gritou: 'Valha-me o Senhor Bom Jesus, que perdi meus dois filhos'. O menino cahiu do cache-nez e a mãe, saltando do cavallo, o apanhou e levou para uma casa que tinha perto para lhes dar algum socorro. O pae ficou certo que

os meninos estavam espedaçados, mas indo vel-os achou a menina sem novidade, e o menino somente tinha a cabeça quebrada e o signal do cravo da mão do burro nas costas da mão deste. Na mesma hora sahiram para o Senhor Bom Jesus e no outro dia os meninos foram levar uma vela para o Senhor Bom Jesus. Foi este grande milagre no dia 4 de Setembro de 1876".

Em outro lê-se: "Mercê que fez N. S. de Mattosinhos a Isabel Gonçalves dos Anjos, mulher de Manoel Esteves, depois de 9 annos enferma nos últimos 4 meses, com mais efficacia padecia grandes afflicções no coração e todo o corpo como ardendo em vivas chamas e nesta consternação, vendo-se bastante afflicta e recorrendo ao dito Senhor, alcançou muitas melhoras, até que de todo ficou livre da referida molestia e para memoria mandou fazer o presente no anno do 1878".

Em um quadro a *crayon* lê-se: "Em 1879, achando-se Joaquim Fernandes Gomes Maciel arranchado com sua tropa, no morro da Cabeça Branca no momento de desarrear os animaes, achou-se repentinamente laçado por um cabresto e arrastado por uma besta, e ia sem dúvida ser victima deste acontecimento, quando o seu camarada, Manoel Fernandes Gomes, gritando por N. S. Bom Jesus de Mattosinhos, o animal parou de repente, até que os camaradas o livraram facilmente. Em testemunho de agradecimento por tão generoso milagre, mandei fazer e collocar este quadro nesta casa".

Em um quadro a óleo lê-se: "Milagre que fez o Senhor de Matosinhos a Manoel Roiz Roberto que estando carregando uns paus pelo morro abaixo, e elle estando montado, o carro disparou pelo morro abaixo, por ter arrebentado a corda do canvito e elle virou pelo lado direito do morro, enfiando a perna direita curvada pelo olho do rodeiro e este moeu-lhe a perna sobre a mesa, lhe arrebentou a perna desde a coxa até a canella, ficando os ossos em migalhas. A outra perna ficou também quebrada. A mão que estava sobre o rodeiro ficou sem a carne, ficando em ossos. Carregaram-no para casa, mandaram ver medico e este o desenganou por ver as feridas grangrenadas e com máo cheiro. Então vendo a mulher que ficava viuva, e com muitos filhos apegou-se seriamente com o dito Senhor e immediatamente todos os remedios foram bons e elle sarou. No anno de 1879".

Em um quadro a óleo está escrito: "Milagre que fez o Senhor de Matosinhos a Belmiro Brasiliense de Mercenos, que estando em perigo de vida já está salvo pelo auxilio do mesmo Senhor. Em 1881".

Em um igual lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Izabel Carolina de Jesus que se achava muito mal, apegou-se com aquele Senhor e logo sarou. No anno de 1832".

Em um quadro a *crayon* conta-se: "Aos 8 de Abril do 1882, indo o Sr. João Rodrigues do Prado ao matto fazer uma ceva e passando dentro de um mato onde tinha muito capim catinga, ia indo com seu companheiro e abrindo o caminho com a espingarda, arredando o capim, quando levou o pé esquerdo sobre o capim e foi pondo o pé sobre um páo que se achava no chão, veio logo ao seu encontro uma cobra por nome urutu e deu-lhe uma picada, a qual foi com tanta fúria, que quando o mesmo puxou o pé a cobra sahiu agarrada; este esteve quasi a morte, porém o seu amigo Lourenço Salles Pereira lembrou-se de milagroso Senhor Bom Jesus de Mattosinhos e prometeu-lhe um quadro do milagre, si seu amigo escapasse, como de facto salvou-se perfeitamente. Conquista. 4 de Setembro de 1885".

Em um quadro sem pintura lê-se: "Promessa feita por Balduino Pereira do Nascimento e sua mulher por ocasião da molestia (choréa) de que foi acometido o seu filho Antônio. Era Setembro de 1886".

Em um quadro a óleo lê-se: "Grande milagre fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Antônio Carvalho que no mez de Outubro de 1887 levou um golpe de canivete no dedo indicador da mão esquerda, estando passando mal, veio de Ibertioga a Barbacena para consultar. O médico fez o curativo e dissera a Carvalho, si não melhorasse seria preciso operar. Elle fez promessa ao Senhor Bom Jesus de Congonhas de dar uma mão de cera, si fosse dispensada a operação e elle iria levar a mão e este painel para multiplicar a fé dos christãos. No anno de 1887".

Em um quadro a óleo está escrito: "Milagre recebido em 1888. Maria Magdalena das Candeias e Silva soffreu uma grande enfermidade de um olho, o qual chegou a perder a vista ficando a mesma, em poucos dias, em triste estado e defeituosa: valeu-se da poderosíssima proteção de Nosso Senhor Bom Jesus, com grande confiança, achando-se em pouco tempo sã, sem que a cura fosse feita por medico. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo".

Outro igual diz: "Ambrosina Augusta da Silveira, estando enferma em perigo de morte, pessoa de sua amisade implorando ao Senhor Bom Jesus, esta obteve completa saúde. Dores do Campo, 27 de Novembro de 1889".

Em um dito lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no dia 24 de Setembro de 1880, a menina Amelia, filha de José Narciso A. de Novaes. Teve um ataque lançando sangue pelo nariz e pela bocca, esteve desacordada por espaço de 2 horas. Pela intervenção milagrosa do Senhor Bom Jesus de cuja bondade e clemencia se valeram seus paes afflictos logo que a mesma recuperara os sentidos e deu tempo a que viesse a médico".

Em um quadro a *crayon* se lê: "Em Setembro de 1890 Pedro Teixeira da Silva tendo perdido todas as esperanças de vida, que fugia ante o mal que o prostava, fez sua mulher um voto ao Senhor Bom Jesus de Congonhas, após o qual ficou milagrosamente curado".

Em um quadro contendo uma fotografia lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Joaquim Dias de Souza salvando-o de uma febre gravíssima em 7 de Setembro de 1891".

Em um quadro a óleo lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Quitéria, mulher de José de Souza, deste arraial (Congonhas) que estando muito enferma com febre, sem esperança de vida, seu marido apegou-se com o mesmo Senhor e logo ella achou-se com perfeita saude. No anno de 1891".

Em um quadro a óleo lê-se: "Milagre feito por Nosso Senhor Bom Jesus ao Padre Messias Marques Affonso, que estando soffrendo de um olho e socorrendo-se a sua proteção ficou completamente curado aos 23 de Agosto de 1892".

Em uma fotografia, de bom artista, lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, no dia 26 de Fevereiro do 1892, Realino José Ferreira estando na porta de sua casa, cahiu-lhe uma faisca elétrica, rasgando-lhe as botas e as calças. Cahiu sem sentidos e seus paes apegando-se com o Senhor Bom Jesus, voltou a si sofrendo só diversas queimaduras e hoje estão curadas. Queluz, 10 de Setembro de 1892".

Em outro quadro em fotografia, também de bom artista, lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos em João Augusto de Figueiredo, curando-o de febre amarela, adoecendo na Barra do Pirahy, estando no último período, apesar de ser tratado em Itabira

de Campo, pelos distinctos medicos Drs. Francisco Gualberto e José Tristão de Carvalho. No anno de 1892".

Em um quadro sem pintura se lê: "Milagre! Desejamos tornar publico aos fieis peregrinos que em multidão sobem todos os annos esta montanha para adorar o milagroso Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, que a nossa muito estremecida Irene, victima de atrós e cruelissima enfermidade, quasi a vimos morta com os accessos asfixiantes desta molestia terrivel que é o spasmo da glote! Recorremos a todos os recursos que a sciência medica faculta aos conhecimentos humanos e sempre com os mais infructivos resultados! Uma noite, após uma conferencia medica em occasião de um terrivel accesso o medico assistente, o ilustre Dr Arthur da Costa Silva que velava comnosco a cabeceira da nossa doentinha, tristemente nos declarava com esta dolorosíssima phrase: 'Só um milagre poderá salvar nossa filha!'

"Descrever a nossa dor, ao ouvir taes palavras, não podemos, porque não encontramos phrase que possam reproduzir. Deixamos entretanto isso para a consciência daquella que como nós, tem seus filhos em tal estado.

"'Um milagre!' nos disse o médico. Incontinenti supplicamos fervorosamente ao Senhor Bom Jesus e fizemos uma promessa de aqui trazêl-a e hoje pesal-a à cera. O milagre operou-se immediatamente. Graças a Elle temos o grande júbilo de possuil-a e apertal-a em nossos braços! Recomendamos a todos, que em suas afflicções recorram a tão Bom Senhor! De joelhos ainda uma vez imploramos a sua divina misericórdia!

"José Fernandes dos Santos Júnior, Laura Vieira de Souza Santos. Este milagre deu-se na noite de 3 para 4 de Novembro de 1893. Estação de Boa Sorte. E.F.L.".

Em um quadro a óleo está escrito: "Ao Senhor Bom Jesus de Mattosinhos de Congonhas do Campo pendura este quadro votivo Florinda Maria de Jesus, moradora na Paciência, freguesia das Mercês do Pomba, a qual foi perseguida por uma vacca até que chaiu no rio do mesmo nome e acudindo uma visinha e implorando o auxílio do mesmo Senhor, logo a vacca socegou e não a perseguiu mais. No anno de 1893".

Em um quadro a *crayon* lê-se: "Avelino Theodoro Moreira, morador na Fazenda Samambaia, município de S. João D'El Rey, achando-se gravemente enfermo de febre tifoide e sua tia e madrinha D. Delfina apegando-se com o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, em poucos dias o menino ficou curado. No anno de 1895".

Em um quadro a óleo refere-se que: "Antonia Maria de Jesus, ha mais de 2 annos julgava-se perdida da vista, soffrendo horrivelmente, porém nunca perdeu a fé e implorava sempre a proteção do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, hoje acha-se completamente restabelecida de uma vista e quase curada das grandes dores que sentia. Queluz, 29 de Julho de 1895".

Em um quadro a *crayon* está escrito: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas de Campo, a Octaviano da Silva Ramos no dia 7 de Junho de 1895 proximo a povoação do Peixoto".

Em um da mesma espécie lê-se: "Ao Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, pendura este quadro votivo Serafim Reis Gomes, que achando-se gravemente enfermo e já sem esperança de vida, então sua mulher, valendo-se do valiosissimo patrocinio do mesmo Senhor Bom Jesus, logo elle alcançou melhoras e para memoria mandou pintar este quadro. *Te Deum laudamus Te Dominum Confitemur.* No anno de 1896".

Um quadro a óleo refere: “Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas de Campo, que estando trabalhando na pedreira Francisco foi victima de uma queda que offendeu-lhe um pé a ponto de morte, e apegando-se com o Senhor Bom Jesus, e sendo feliz, mandou pintar este quadro para memoria. No anno de 1897”.

Em um quadro a *crayon* lê-se*: “*O Sr. Juvenal Moreira, residente no districto da Conquista, município do Bonfim, chegou a ver sua exma. sra. no leito, gravemente enferma onde nesse estado foi acometida de um accesso de vomito e o seu estado chegou a ser desanimador. Seu esposo collocando em seu collo, sua mae chegou o orinol para apurar as salivas que sua filha expellia. Um momento de pertubação! Neste momento o Sr. Juvenal chama pelo Senhor Bom Jesus de Mattosinhos e de repente vê sua esposa livre do accesso, e em pouco se restabeleceu. Hoje gosa saude. Conquista, 3 de Setembro de 1898”.

Em um quadro de fotografia lê-se: “Milagre operado pelo Senhor Bom Jesus de Mattosinhos de Congonhas de Campo. América Martinha de Paixão que por muito tempo guardou o leito, devido a um tumor no ventre: não dando-lhe melhoras os medicamentos de que fez uso, soffrendo constantemente dores atrozes, lembrou-se de Senhor Bom Jesus, appelando para sua bondade; implorando sua cura; sendo attendidas as suas supplicas foi portanto feito o milagre. Queluz, Dezembro de 1898”.

Em um quadro a óleo lê-se: “Milagre que fes o Senhor Bom Jesus Mattosinhos ao menino Lourival Eugênio de Azevedo que soffrendo horrivelmente uma molestia, há 4 meses, e desenganado pelos medicos sua mae não esperava que elle escapasse; pegou-se ella com o mesmo Senhor de pesar o menino à cera, por ve-lo restabelecido, vem por meio deste cumprir a promessa, offerecendo este ao mesmo Senhor em lembrança da saude de seu filho, em 16-09-1889”.

Em um idêntico lê-se: “Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Vicente A. de Rezende, que foi victima de um carro carregado de madeira que lhe passou por cima, depois de grandes soffrimentos sua afflicta mae pediu ao Senhor Bom Jesus para salvar seu filho e o Senhor ouvindo suas súplicas salvou-o em 1899”.

Um quadro pintado a cola diz: “Milagre que fez o Senhor Bom Domingos Lins Ribeiro que soffrendo agudo rheumatismo por muitos meses e sobrevindo a febre, elle e sua mulher recorreram ao Bom Jesus, logo alcançou melhora e depois ficou curado. No anno de 1899”.

Em um quadro de fotografia lê-se: “Milagre que fez o Senhor Bom Jesus, a Joaquim Dias de Souza salvando-o de uma febre gravíssima em setembro de 1891”.

Um quadro com os dizeres: “Grande milagre fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, a Gasparina Baptista de Nascimento, moradora neste arraial de Congonhas, a qual indo em Santa Quitéria com um menino nos braços, logo veiu ao seu encontro um boi bravo: ella vendo-se em tal aperto, pediu o poderoso auxílio do Bom Jesus e logo o boi seguiu um outro caminho. Para mostrar a bondade do Bom Jesus, Ella mandou fazer este quadro. Congonhas do Campo, 17de Maio 1902”.

Em um quadro a óleo se diz: “Jacintho da Motta Couto Filho contraiu grave pneumonia aos 12 de Setembro de 1903, pediu ao Bom Jesus e logo restabeleceu-se. Mandou fazer este milagre o qual é offerecido Bom Jesus. Santo Antônio de Silveiras”.

Um outro dito a óleo narra o seguinte: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Rosa Ribeiro da Fonseca, que estando mal de uma perna, recorreu ao mesmo Senhor, e ficou curada. No anno de 1903".

Em um quadro em fotografia lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo a José Antônio de Azevedo e D. Francisca Ferreira de Azevedo, de 20 annos de edade, residente em S. João D'el Rey, achando-se gravemente enfermo no Rio de Janeiro, de febre amarela e de outras moléstias que exigiam intervenção cirúrgica, sendo-lhes preciso submeter-se a operação, invocou e fez um voto ao Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, para alcançar saude, prometendo mandar pintar um quadro que perpetuasse seu agradecimento ao Senhor Bom Jesus e o cumprimento de seu voto. São João D'el Rey, 30 do Agosto do 1904".

Em outro de igual arte se lê: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no dia 2 de Maio de 1904, de uma grave operação que fez Domingos Negri, em Lafayette".

Em um quadro sem pintura está escrito: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, na pessoa de Antônio Pereira de Figueiredo, filho de José Joaquim Pereira, moradores no arraial de Santo Antônio de Leite. Estando gravemente doente, desenganado pelos médicos, por ser sua doença incurável, um seu parente recorreu a proteção do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo e em pouco tempo Antônio ficou radicalmente curado. No anno de 1904".

Em um quadro a *crayon* se lê: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, a Luiz Roiz da Silva, na noite de 7 para 8 de Fevereiro de 1904. Os salteadores tendo arrombado a parede junto a porta e neste momento o Sr. Luiz acende a luz; o ladrão pelo rombo fez fogo para dentro, acertando a bala na região do ventre. Vendo-se offendido apegou-se como Senhor Bom Jesus e ficou completamente são".

Em um quadro a óleo lê-se: "Grande milagre do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo a Joaquim Antônio Moreira offendido por um estilhaço de sua espingarda, quando caçava aos 3 de Abril de 1905".

Um quadro sem pintura com os dizeres seguintes: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos a Cassiano Ribeiro Lima, que achando-se engasgado com sua dentadura e já sem esperança de vida, apegou-se com tanta fé com o mesmo Senhor e logo a vomitou".

Em um quadro a tinta se lê: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo a Juvenal Augusto da Silva, de Dores do Campo; estando muito mal a sua mulher pegou-se com o mesmo Senhor e logo sarou" (sem data).

Em outro igual e também sem data lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Mattosinhos a José Albino Roiz da Silveira, que estando trabalhando com uma carroça e na estrada houve encontro com carros de bois, o carro passou por cima das pernas delle e gritando por Bom Jesus, só quebrou uma perna, porém apegando-se com o mesmo Senhor".

Em uma fotografia de bom artista lê-se: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo a Avelino Guerra que soffrendo melindrosa operação apegou-se como Senhor Bom Jesus, fazendo votos de mandar pintar um quadro comemorativo do milagre si fosse feliz. Hoje que se julga completamente curado, graças as Senhor Bom Jesus, em cumprimento desse voto vem

pessoalmente trazer esse quadro para ser colocado na sala dos milagres da Cappela de Congonhas que perpetuará a graça recebida do Christo Jesus. São João D'El Rey, 12 de Setembro de 1906".

Em um quadro a óleo lê-se: "Grande Milagre!!!... Uma creança de 8 meses no terrível período da dentição carregada de humores no couro cabeludo, foi atacada de forte erysipela e acommetida de syncopes; esgotados os recursos da medicina, seus paes recorreram ao Bom Jesus de Mattosinhos e alcançaram a cura radical no prazo de 8 dias. Santo Antônio do Rio Acima, Setembro de 1905".

Em um quadro sem pintura está escrito: "Miguel José Vieira, em 8 de agosto de 1902 estando no matto cortando madeira, foi victima de um medonho golpe de machado de serviço. Pedindo ao Senhor Bom Jesus de Mattosinhos que o golpe não lhe causasse a morte e que em breve se achasse são, em breve tempo sarou restando só a enorme cicatriz. Veio hoje pois dar testemunho do milagre que fez o Senhor Bom Jesus e dar-lhe uma prova de reconhecimento. Ouro Branco, 12 do Setembro de 1906. – M.J.V".

Em um quadro a *crayon* se diz. "O abaixo assignado offerece ao Senhor Bom Jesus o seu retrato, em cumprimento de uma promessa de um incommodo rebelde que soffreu dez annos mais ou menos, que não acodia aos tratamentos medicos, e graças ao meu bom Pae do Ceo fiquei curado. Francisco Borja A. Guimaraes. Fazenda de S. Antonio do Itajuru, 9-7-1906".

Em um quadro a cola se lê: "José Pereira Mendes, estando gravemente enfermo, soffrendo uma febre de mao caracter e tendo sido desenganado pelos medicos, então recorreu ao Bom Jesus de Mattosinhos e em poucos dias ficou são perfeito".

Bibliografia

ANDRADE, Djalma. *Bom Jesus*. Lafaiete: Antônio dos Santos Monteiro, 1923. 64 p.

ARA*ÚJO*, Agostinho. *Exposição de tábuas votivas de Vila do Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal, 1978.

AZEVEDO, Artur. Um artista mineiro. *Kosmos*, v. 1, n. 2, fev. 1904. Rio de Janeiro.

BILAC, Olavo. *Crônicas e novelas*. Rio de Janeiro: Cunha e Irmão, 1893-1894.

CALI, François. *L'art des conquistadors*. Paris: Atthand, 1960.

LEVY, Hannah. Retratos coloniais. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* n. 9. Rio de Janeiro, 1945.

MEIRELES, Cecília. Artes populares. In: ANDRADE, Rodrigo de Melo de Franco (coord.). *As artes plásticas no Brasil.* Rio de janeiro: Fundação Larragoiti, 1952.

SMITH, Henry William. Antiguidades etruscas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Boletim do Museu de Belas-Artes*. Rio de Janeiro, 1962.

VASCONCELOS, Sylvio, MELLO, Susy et al. *N. S. O. (Nossa Senhora do* Ó*)*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1964.

Ex-votos da Coleção Márcia de Moura Castro



Sant'Ana, 1701

Têmpera sobre madeira – 14,5 x 19,5 cm

Milagre q̃ fes S^ta^ Anna a Maria Joaq.^na^ de Menezes q̃ estando grave m^te^ perigosa de hum parto e ja hungida e sem esperança de vida e apegandoce Com fe viva Com ad^ta^ S^ra^ logo esprimentou milhoras 1701.



Bom Jesus de Matosinhos, 1736

Óleo sobre madeira – 17,4 x 34,4 cm

Milagre que fes S. B. Jesus de Matosinhos ao S^r^ Naazareno por ter escorregado 2 vezes 2 (ilegível) de Rio Espera onde foi (ilegível) Naz^ da Silva Graça fez 1736.



Santa Efigênia, 1756

Têmpera sobre papel – 17,8 x 24,5 cm

Milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus que estando com uma molestia grave ja desenganado, sua mãe apegou-se com a dita Santa, logo teve alivio e recobrou a saude. anno de 1756.



Sant'Ana, 1725

Têmpera sobre madeira – 14,5 x 19,4 cm

Desta sorte faz patente o P^e^ Joze Monteiro, grande prodigio que em seu favor obrou a S^ra^ S. Anna livrando-o (ilegível) no dia 18 de (ilegível) do anno de 1725.



São Vicente Ferrer, 1757

Têmpera sobre madeira – 17,8 x 28,9 cm

Milagre que fes São Vicente Ferrer (ilegível) Antonio Pinto que hindo acolherse para casa quase anoite dois (ilegível) caza lhecorrerão (ilegível) facadas com facas de (ilegível) para deixavam pormorto e pegandose (ilegível) teve logo a saúde no anno de 1757.



São Gonçalo, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 15,5 x 26,5 cm

(Sem legenda)



Santa Rita, Século XVIII

Óleo sobre madeira – 24 x 21 cm

(Legenda apagada)



Senhor Bom Jesus, 1763

Óleo sobre madeira – 33 x 37 cm

Milagre que fez o Senhor (ilegível) a Anna das Chagas que estando preceguida com hum malino que aparecia-lhe ve^lo^ e apegando-se as d^to^ S^r^ loguo se achou com muitas milhoras no anno de C 1763.



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, 1765

Óleo sobre madeira 25,5 x 41 cm

Milagre q fes o Sr Domatosinho a Domingas...

(o resto é ilegível)



São Miguel e Almas, Século XVIII

Óleo sobre madeira – 17,3 x 10,7 cm

(Sem legenda. Promessa feita para aliviar o sofrimento das almas no Purgatório.)



Bom Jesus de Matosinhos, 1770

Têmpera sobre madeira – 17,8 x 23,2 cm

Milagre q̃ fez S^r de Matosinhos a Anna Tereza q̃ estando gravem^te emferma dehum tumor na perna apegandoce com o S^o S^r logo ficou milhor de que promesso por a publico o milagre do S^r no annde 1770.



Senhor de Matosinhos, 1772

Têmpera sobre madeira – 20 x 34 cm

M.ce que fez o Senhor de Matuzinhos a Joaquim da Silva Campos q estando gravemente emfermo dehua Malina, e compoucas espranças devida, eporintercessaõ do mesmo Senhor ficou saõ pª memoria mandou pintar este em 1772.



Nossa Senhora de Nazaré, Século XVIII

Óleo sobre madeira – 30,5 x 30,5 cm

Milagre que fez nosa Snr[a] da Nazarê afilha duAmaro DaS[a] e Izabel Per[a] de Jesus dehuma grande enferm[de] que teve eemplorando ao Patroccinio da d[a] Senhora oPay eamay da menina ficou logo amenina sam como couza que senão tivese nada.



Nossa Senhora das Oliveiras, Século XVIII

Óleo sobre madeira – 30,7 x 39,5 cm

M. Que Fes Nossa Senhora Daoliveira.



Santíssima Trindade, 1779

Têmpera sobre madeira – 25,7 x 44,6 cm

Merce que fes a Santíssima Trindade a Eugenia Maria que estando com Huma pustema debaixo do peito apegose com o mesmo S. fico boa 1779.



Bom Jesus de Matosinhos, Século XVIII

Óleo sobre madeira – 24 x 31,6 cm

Milagre que fez o S^r de Matosinhos (ilegível).



Sant'Ana, 1798

Têmpera sobre madeira – 17,8 x 24,7 cm

Milagre q̃ fes A Snr[a] S[ta] Anna a Fran[ca] inocente q̃ estando perigosamente inferma sem esperanças de vida; apegouce com a D[ta] Snr[a] logo diclinou saude ficando livre e entera m[to] sam. 1798.



Senhor Bom Jesus, 1798

Óleo sobre madeira – 24 x 23,5 cm

Milagre que fes o Sñr, Bom Jezus a Tiadozia da Costa que estando grave m[te] emferma Com huma doença perigosa apegouce com fe viva com o S[o] S[nr] logo ledeparou saude ficando livre da molestia 1798.



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Século XIX

Óleo sobre madeira – 17 x 33 cm

Milagre que fez o Senhor Bom Jesus a Silvéria Maria da Conceição que estando muito mal de uma mordidela dehum bixo nos beiços pegandose com o Dº Sr logo teve saude.





Nossa Senhora do Carmo, 1822

Óleo sobre madeira – 15 x 27 cm

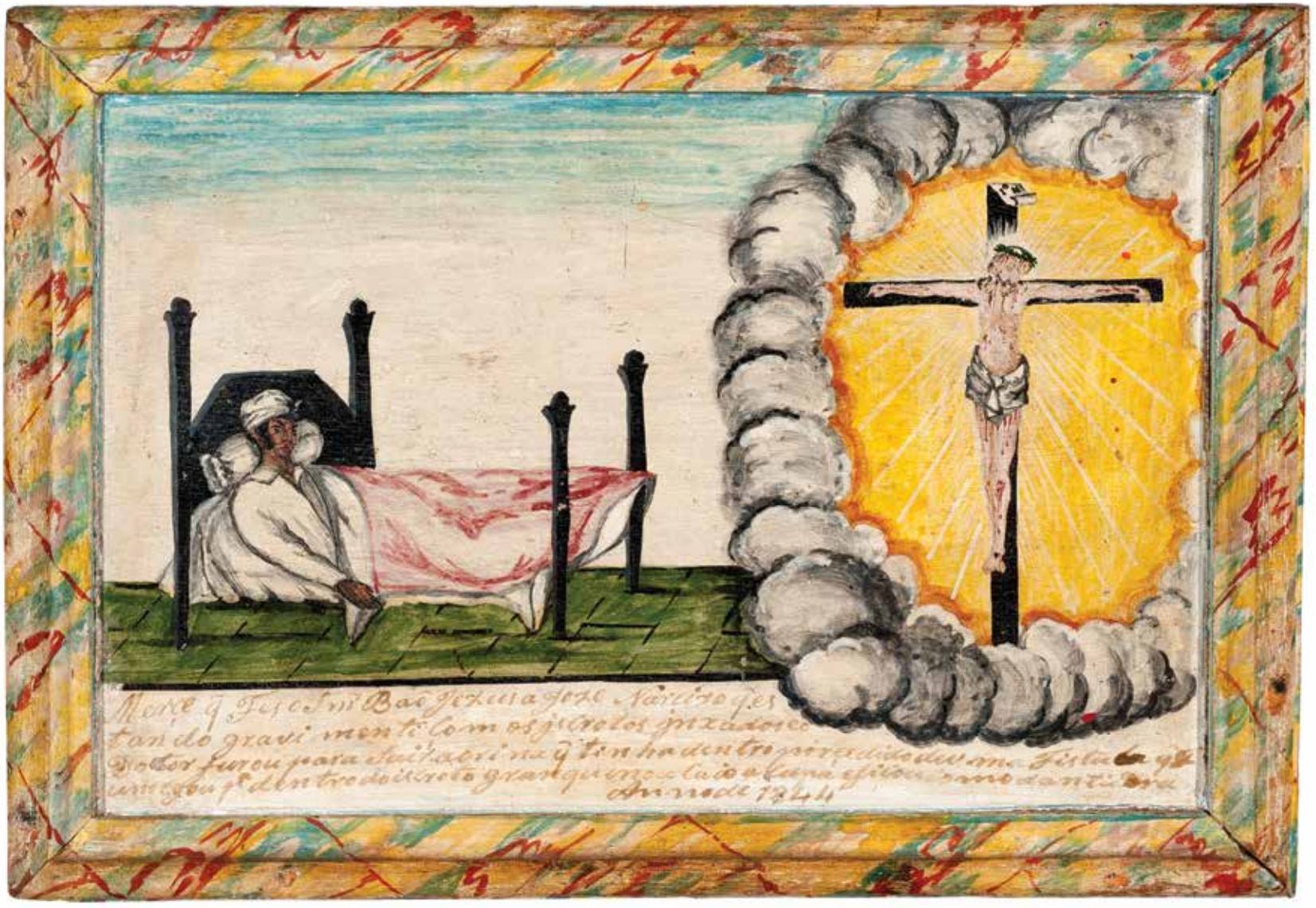
Mcê q̃ fez N. S. do Carmo a Filisberto d'Mca q̃ tendo huma criança a morte, e ja sem sintidos Amay da d.a apegou-ce com a da S. e logo teve milhoras no anno de 1822.



São Francisco de Paula, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 22,2 x 29,8 cm

(Há vestígios do papel onde teria sido escrita a legenda.)



Senhor Bom Jesus, 1844

Têmpera sobre madeira – 21,5 x 31 cm

Merce q̃ fes o Snr Bão Jesus a Jze Narcizo q̃ estando gravimente com os iscrotos inchados eo Dotor furou para sair a urina que q̃ tinha dentro porcedido deuma fistula q̃ cinegou p^a^ dentro do is croto granguenou caio a capa e ficou como dantis no anno 1844.



Santo Anastácio, 1868

Óleo sobre madeira – 12,5 x 18,5 cm

Milagre que fez a Cabessa de S^o Anastacio a Antonio Furtunato Mend^a 1868.



Nossa Senhora da Glória, Século XX

Rotogravura sobre papel – 31,5 x 26 cm

(Sem legenda)



Santa Bárbara, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 22 x 34 cm

Millagre Que Fes S.ta Barbara Ahum Seu Devoto.



Nossa Senhora dos Milagres, 1816

Têmpera sobre madeira – 25 x 38 cm

M. q' F. Snr[a] dos M[es], Luzia Maria do Lugar de Carapito, q' estando Sem esperança deVida, seu Marido Sechamou a Snr.[a] e Recuperou a Saude dezejada. Anno 1816.





Nossa Senhora da Luz, 1789

Óleo sobre folha de flandres – 23 x 13,5 cm

Heuher verloble sich Ana-Maria Bereiter sie konte nicht laufen und nicht sehen die bitt hat holfen.

[Hoje noivou (ficou noiva) Ana-Maria Bereiter ela não conseguia andar nem enxergar o pedido ajudou.] (Tradução: Elizabeth Eckardt.)



São Gonçalo do Amarante, 1772

Óleo sobre madeira – 22 x 31,5 cm

Milagre q. fez S. Gonçalo do Am.te a hua sua devota que tendo escorregado por fragilidade da carne o Sto lhe arranjou marido.



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 18,5 x 33,5 cm

.....Senhor Bonn Jesus de Matozinhos A M do Rio de Bôa Morte .....em ...de Março de .....
quando do Nascimento da filha ..... Mercê de sua graça mandou .....



Nossa Senhora do Carmo, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 21,5 x 30,5 cm

Milagre q̃ fes a Srª docarmo aJoana docarmo ia Joze madera do monte branco i mando u fa zer este Retabo.



Santo Antônio, 1849

Óleo sobre madeira – 22,2 x 27,4 cm

(Sem legenda)



Santa Rita, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 24 x 21 cm

M. que fes Santa Rita a Maria Franca da Fonceca m.er do Goarda Mor Dommingos Jozé Uieyra, estando muito mal darrecaída dehum parto, e sobrevindo lhe huas Cezoins Sem esperança devida epegando-se com adita Santa Logo teve melhoras.



Nossa Senhora da Piedade, Século XIX

Óleo sobre folha de zinco – 25,5 x 36 cm

(Sem legenda)



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 31 x 43,2 cm

..... Domingues emhum Sª facadas ..... negro ..... ser cativo ..... seja pª mayor honra e gloria do mesmo Senhor.



São Gonçalo do Amarante, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 26 x 39 cm

M. que Fez S. Gonçallo a ... Frᵉ DemogeHay Pr. ..... aí tubercullose e desenganado médicos ..... Seapegou e ..... logo esperimentou .....



Nossa Senhora da Soledade, 1874

Óleo sobre madeira – 29 x 41 cm

Milagre que fez N. S. da Soledade a Matheus Filho de Frᶜᵒ. Leite Soares que era bain entrevado Seu pai apegouce com a mᵐᵃ S Anᵃ e elle recebeu a Saude perfeita e para mimoria mandou fazer este painel no anno de 1874.



Nossa Senhora da Conceição, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 22,5 x 27 cm

M Q F ..... C .... Soano ..... a D. Roza Caetana do Rozario estando ...
morte de hum parto...



Nossa Senhora dos Remédios, 1822

Óleo sobre madeira – 18 x 21,8 cm

Milagre q̃ fes NS. do Remedio aIsidoro Alves da S.ª q̃ estando gravemente imfermo de huma molestia q̃ padecia nas palmas das maõens por espaço de Anos apegando com fé a S. alcançou milhoras. Novembro 1822.



Devoção não identificada, Século XX

Têmpera sobre madeira – 16,5 x 28 cm

(Sem legenda)



Senhor do Bonfim, 1762

Óleo sobre madeira – 24 x 36 cm

Milagre q̃. fez O S^r. do Bom Fim a Thereza Luz^a preta forra estando enferma emperigo de morte, em o Anno de 1762.



Senhor Bom Jesus, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 38,5 x 26,4 cm

Milagre que fez Senhor Bom Jesus .....



São Francisco, Século XIX

Óleo sobre folha de zinco – 17 x 12,3 cm

(Sem legenda)



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, 1792

Têmpera sobre madeira – 29 x 16 cm

Milagre que fes Nosso Senhor ..... Anna ..... Enferma emprego ..... o fez José Bernardo Corr ..... 1792.



Senhor Bom Jesus de Matosinhos, 1851

Têmpera sobre madeira – 16 x 21,5 cm

Milagre q̃ fes o S.r do matozinho a José inosensio deandrada junior q̃. estando intrebado inhuma cama pegouse com u snr. ficou bom 1851(4).



Santo Antônio, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 22 x 35 cm

....infermo ..... di ditto santo ....



Santa Rita, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 21 x 23 cm

Milagre q Fez S.ta Rita a B.M.



Santa Luzia, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 13,5 x 18 cm

Milagre q̃ fes Santa Luzia a Mª. Thereza de Jesus estando mto mal dos olhos logo que vialendo coma dita Sta. Teve saude.



Santo Antônio, 1849

Óleo sobre madeira – 22,4 x 27,5 cm

(Sem legenda)



Nossa Senhora dos Milagres, 1754

Óleo sobre madeira – 17 x 14,5 cm

Mce q. fes a Snr.a dos milagres a Maria Lial de peyrerinha ..... do se em huma aflição. Anno, de 1754.



Nossa Senhora dos Milagres, Século XVIII

Têmpera sobre madeira – 28 x 36 cm

Milagre que fes Nosa Sr.ª DosMilagres Agostº Rodrigues Dasª Decas Freire q estando comhua queixa grave de hua perna recorrendo adita Sra. loguo teve saude.



São Benedito, 1857

Têmpera sobre madeira – 12,7 x 18 cm

Milagre que fez S. Benedicto a Anᵗᵒ ..... 1857.



Senhor de Las Tres Caidas, Século XIX

Óleo sobre folha de zinco – 25,2 x 17,7 cm

Damos Gracias al Sr de las tes Caidas por a ter-nos librado de um ..... que ce dio su hermanito em suhernita estando .....



Santa Luzia, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 17 x 12 cm

Milagre q' fes Santa Luzia a Anna ..... estando m^to^ mal de ..... epegandose ..... logo teve melhoras ....



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 11 x 20 cm

Milagre que fez o glorioso ..... Maria ... Jesus estando muito mal .....



Santa Luzia , Século XIX

Têmpera sobre madeira – 14,5 x 19 cm

(Perda da legenda)



Santa Luzia , Século XIX

Têmpera sobre madeira – 14,5 x 19 cm

(Perda da legenda)



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 13,7 x 18 cm

(Perda da legenda)



Nossa Senhora da Saúde, Século XIX

Óleo sobre madeira – 15 x 23,8 cm

M Q. F. N. Sr.ª da Saude aMaria Perpetua de Jesus, q' tendo hum tumor Cangorozo a Seis annos epegandosse Com ad.ª Snr.ª. Logo teve milhoras.



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 14,5 x 21 cm

(Perda da legenda)



Santa Luzia, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 12,2 x 19,5 cm

Milagre que Fes Santa Luzia a Anna Maria da Aleluÿa Estando m^to^ mal seus oleos e logo que Recorreo ao patrocinio da ditta Santa logo SeAchou ...



Nossa Senhora do Amparo, Século XIX

Óleo sobre madeira – 9,2 x 15,5 cm

Milag q̃ f N. Snr.ª do Amparo a Roza Maria da Comça. Q sendo grandemente incomodada de hua chaga q̃ tinha ..... peito pegando-se com a dita Santa .....



Santa Luzia, 1866

Têmpera sobre madeira – 13,2 x 23 cm

Milagre que fez a gloriosa Santa Luzia a Maria ..... da Nóbrega estando mto emferma dehuma ..... rede em que estava deitada sobre o olho direito e seos pais valendose da gloriosa Santa logo foi a milhorar e ficou ..... 1866.





Nossa Senhora do Rosário, Século XVIII, Rio de Janeiro

Têmpera sobre madeira – 33,6 x 41,2 cm

SEFES ACUSTADE N.ª S.ra P.ª RENDER P.ª A M.ª Sr.ª.



São Benedito, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 13,7 x 17 cm

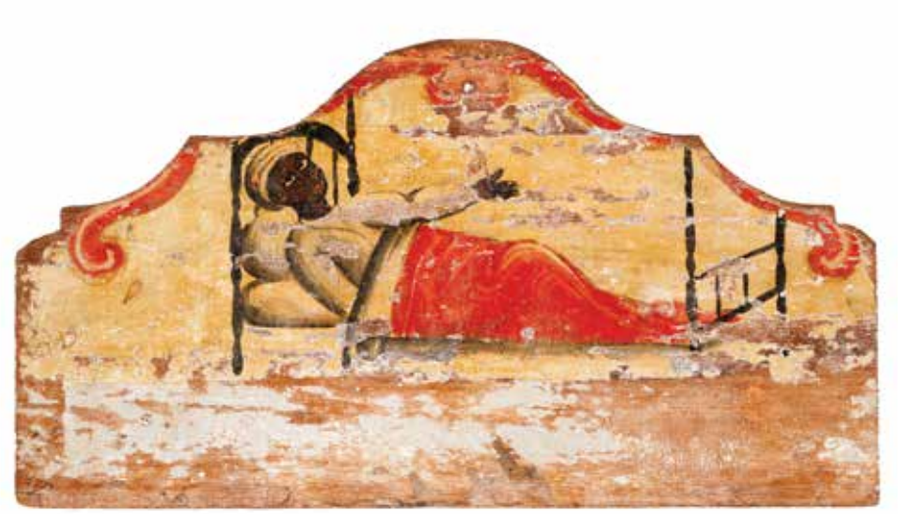
Milagre que se fes ..... Benedito ..... Alcazer dos Anjos estando muito mal com um ataque .....



São Benedito, 1857

Têmpera sobre madeira – 13,5 x 17,4 cm

Milagre que fez o Glorioso Benedicto ao Inocente Benedicto
..... filho de Maria ..... estando mº doente de um quarto .....
e sua Mãe pegouse com ficou bom.



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 11,7 x 21,4 cm

(Perda da legenda)



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 7,5 x 16,5 cm

(Perda da legenda)



Nossa Senhora do Rosário, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 23,8 x 21,7 cm

Milagre que F. ..... Rosario .....



São Benedito , 1903

Têmpera sobre madeira – 11 x 22,5 cm

Milagre do glorioso São Benedicto que fez a Benedicto ..... 1903.



Santa Luzia, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 9,4 x 16,4 cm

Milagre que Fes Sta Luzia a Joaquina Maria da Conceição que estando mto enferma de hum Olho e apegandose a Sta La ficou boa.



Devoção não identificada, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 10,7 x 19,8 cm

(Perda da legenda)



Santo Antônio, Século XIX

Têmpera sobre madeira – 13 x 23 cm

Milagre que fez o glorioso Santo Antonio a José Benedicto .....

Ex-votos corporais



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada
8,5 x 6,2 x 6 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida encerada
10 x 5,5 x 5,9 cm



Cabeça
Século XX – Região Nordeste
Madeira esculpida e policromada
6 x 3,7 x 4 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e policromada
9 x 7 x 7,5 cm

Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e policromada
11,2 x 8 x 5,5 cm





Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada e policromada
6,5 x 5 x 5,5 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
9,5 x 6 x 7 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
7,5 x 2,8 x 3,8 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada
11 x 12 x 12 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada; contas de louça branca
10,5 x 10 x 9 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada
11 x 8,5 x 8 cm



Cabeça
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e policromada
8,5 x 5,5 x 6 cm



Figura humana
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
19 x 5,5 x 4,5 cm



Figura masculina
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
41 x 10 x 11 cm



Figura masculina
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
28 x 5,7 x 4,8 cm



Ventre
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
27,7 x 14 x 5,2 cm



Figura masculina
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
23,5 x 8,7 x 6 cm



Pequeno tronco humano com bilhete
Século XX – Bermudas
Madeira esculpida; papelão cor de rosa; papel dourado; tacha metálica; inscrição com caneta preta
15,5 x 12,7 x 3 cm



Figura humana
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
23,8 x 8,5 x 6 cm



Figura masculina
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
33 x 8,5 x 7 cm



Mão direita
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
21 x 13 x 3 cm



Pé direito
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
7,5 x 10,5 x 25 cm



Perna com pé
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
26 x 5,5 x 15,5 cm



Mão esquerda
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
28 x 12 x 1,5 cm



Mão direita
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
21 x 10 x 5 cm



Pé esquerdo
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
20 x 10,5 x 27 cm



Mão esquerda
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
18,5 x 7 x 3,7 cm



Pé direito
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
9 x 7,8 x 24 cm



Perna com pé direito
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e envernizada
17,7 x 5,3 x 15 cm



Pé direito
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
8,5 x 5,3 x 12,5 cm



Seio
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
6 x 7,3 cm



Pata
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e encerada
22 x 8 x 7,5 cm



Braço com mão
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Cerâmica modelada
23 x 7 x 3 cm



Seio
Século XX – Minas Gerais
Madeira esculpida e encerada
7 x 10 x 8,8 cm



Pata de cavalo
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida e policromada
35,5 x 7 x 8,5 cm



Olho
Século XX – Brasil – Região Nordeste
Madeira esculpida
8 x 11 x 1 cm

Ex-votos medalhas



Sagrado Coração
Século XIX – Itália
Latão batido, estampado, burilado e banhado em prata
11,8 x 8,5 cm



Sagrado Coração
Século XIX / XX – Itália
Latão estampado e banhado em prata; tecido, acrílico e papelão.
13,5 x 10,8 cm



Santa Luzia/Olhos
Século XIX – Minas Gerais
Prata batida, estampada e burilada
7,8 x 5,5 cm



Sagrado Coração
Século XIX – Itália
Latão batido, estampado, burilado e banhado em prata
14,5 x 10,3 cm



Sagrado Coração
Século XIX – Itália
Latão batido, estampado, burilado e banhado em prata
14,3 x 10,5 cm



Sagrado Coração
Século XIX – Itália
Prata laminada, batida, estampada e burilada
34,5 x 23 cm



Sagrado Coração
Século XIX
Prata laminada e batida
10,3 x 8 cm



Santa Luzia/Olhos
Século XIX – Itália
Latão estampado e banhado em prata
13 x14,5 cm



Perna
Século XIX – Portugal
Prata laminada e batida
16 x 6 cm



Sagrado Coração
Século XIX – Portugal
Abdômen
Prata estampada e burilada
11 x 9 cm



Santa Luzia/Olhos
Século XIX – Minas Gerais
Zinco batido
5,5 x 8 cm



Perna
Século XIX – Portugal
Prata laminada e batida
14 x 4,5 cm



Abdômem
Século XIX – Portugal
Prata batida, estampada, burilada
10,5 x 8,5 cm



Santa Luzia/Olhos
Século XIX – Minas Gerais
Latão estampado e banhado em prata
3 x 9 cm



Noivado
Século XIX – Portugal
Latão batido e banhado em prata
13 x 4,8 cm

Flâmula
Século XX – Bolívia
Latão laminado e burilado
31 x 23,7 cm





Figura humana
Século XIX – Portugal
Prata laminada e batida
20 x 6,5 cm



Devoto militar
Século XIX – Itália
Prata laminada e batida
19,5 x 6,5 cm



Bebê
Século XX – Itália
Prata estampada
18,3 x 6,5 cm



Devota
Século XIX – Brasil – Região Nordeste
Latão batido e banhado em prata
21,2 x 7 cm



Devota/Cabeça
Século XIX – Portugal
Prata laminada e batida
14 x 9,5 cm



Homem
Século XIX – Itália
Prata laminada e estampada
13 x 4,5 cm



Devoto
Século XIX – Portugal
Latão batido e banhado em prata
21,5 x 7,5 cm



Ofertante
Século XX – Itália
Prata estampada
7,2 x 6 cm



Devota
Século XIX – Portugal
Latão batido e banhada em prata
13,5 x 4 cm



Devoto
Século XIX – Portugal
Prata estampada
7,3 x 2,4 cm



memorialCongonhas

UNESCO
Representação no Brasil
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

MONUMENTA

IPHAN

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA